

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

JONATHAN BERNARDO MENGER

O IMPACTO DA DESINFORMAÇÃO EM DISCURSOS DE PÓS-VERDADE:
AS FAKE NEWS COMO GÊNERO DISCURSIVO À LUZ DE ESTUDOS DIALÓGICOS DO CÍRCULO
DE BAKHTIN

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JONATHAN BERNARDO MENGER

**O IMPACTO DA DESINFORMAÇÃO EM DISCURSOS DE PÓS-VERDADE:
AS *FAKE NEWS* COMO GÊNERO DISCURSIVO À LUZ DE ESTUDOS DIALÓGICOS
DO CÍRCULO DE BAKHTIN**

Dissertação apresentada como requisito parcial e final para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Teorias e Usos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy

PORTO ALEGRE

2019

JONATHAN BERNARDO MENGER

**O IMPACTO DA DESINFORMAÇÃO EM DISCURSOS DE PÓS-VERDADE:
AS *FAKE NEWS* COMO GÊNERO DISCURSIVO À LUZ DE ESTUDOS DIALÓGICOS
DO CÍRCULO DE BAKHTIN**

Dissertação apresentada como requisito parcial e final para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Teorias e Usos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy – PUCRS

Profa. Dra. Laura Utrera – UNR

Profa. Dra. Maria da Glória Di Fanti – PUCRS

PORTO ALEGRE

2019

Dedico este trabalho ao meu parceiro e à minha mãe, que estiveram comigo em todos os momentos me dando força, num ano de bastantes dificuldades. Espero que ainda possa usufruir de muitas outras conquistas junto a eles.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu parceiro Pedro José Blacene Neto que, em todo o percurso, me apoiou, desde os momentos mais tristes e cansativos até os mais felizes, quando pudemos juntos usufruir de vitórias e conquistas. A ideia de se trabalhar as *fake news* foi dele. Por isso, esse agradecimento em especial!

Agradeço também ao Professor Doutor Cláudio Primo Delanoy, por ter me guiado na construção deste trabalho, dando real sentido ao exercício de sua profissão.

Igualmente, agradeço à Professora Doutora Laura Utrera, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento e o fechamento desta pesquisa.

Também à Professora Doutora Maria da Glória Di Fanti, que me despertou tamanho interesse pela teoria bakhtiniana em suas aulas.

E, por último, meus sinceros agradecimentos à CAPES¹, por ter me concedido a bolsa para a realização desta pesquisa.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – *This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001*

RESUMO

As *fake news* são discursos veiculados com a tentativa de desinformar seus interlocutores, segregando-lhes em bolhas ideológicas com posicionamentos contrários à ciência, aos fatos. Por se reportarem com objetivo contrário ao da notícia, que é o de informar, elas são designadas, por alguns especialistas, como fenômeno da desinformação. Nesse panorama, as *fake news* fizeram urgir também o termo “pós-verdade”, expressão recente, que se designa como o processo sobre o qual convicções pessoais passam a ter mais importância do que os próprios fatos. Esses dois fenômenos estão estreitamente imbricados um ao outro e, nesse sentido, não há possibilidade de se observar suas ocorrências se não for pelo fato da linguagem, pois acontecem na materialidade da língua *in acto*. A palavra, ou seja, o signo ideológico por excelência, é capaz de conduzir um gênero, com regularidades relativamente estáveis. Assim, ao se averiguar no discurso o que é comum na disseminação de *fake news*, pode-se observar o que é frequente em seu trato discursivo, e isso contribui para sua designação como gênero. Nessa perspectiva, este trabalho visa alicerçar o fenômeno da desinformação sob o olhar da teoria dialógica do discurso, buscando apresentar como e por que as falsas informações podem ser concebidas como forma relativamente estável da enunciação. Observa-se isso como importante, ao passo que muito se confunde informação e desinformação, em que a noção de verdade é ressignificada e recai inevitavelmente na viralização de fatos distorcidos. Nesse caminho, procura-se contextualizar e problematizar as *fake news*, enquadrando-as na teoria dialógica do discurso e, por fim, propondo uma sugestão de análise para esse material concreto. Dessa forma, a pesquisa, de caráter qualitativo, busca, no primeiro momento o aparato teórico de obras que dissertam a respeito da desinformação; no segundo momento, objetiva discutir essa problemática no âmbito da teoria bakhtiniana do discurso; e, por fim, no terceiro momento, intenciona sugerir uma análise que globalize os assuntos discutidos anteriormente, aplicando-os a duas *fake news*, extraídas de meios virtuais. Nessa perspectiva, é possível observar que certas especificidades contribuem para elas poderem ser designadas como um gênero discursivo, e seu modo de veiculação permite ressaltar diferenças em relação à notícia. Dito isso, conclui-se que, além do fato de as projeções enunciativas das *fake news* possuírem tema, estilo e estrutura composicional que lhes são próprias, elas não serviriam de objeto para quaisquer tipos de análise e questionamentos se não fosse por um fenômeno que lhe é muito próximo: a pós-verdade. Sendo assim, torna-se interessante apreciar o problema por um viés translinguístico, pois muito dos estudos hoje são voltados majoritariamente às ciências das informações. Portanto, um olhar na área da filosofia da linguagem, como propõem os textos

referentes ao Círculo, pode ser útil para impulsionar o interesse pelo tema e a respectiva escrita em outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: *Fake news*. Pós-verdade. Bakhtin. Linguagem. Gêneros discursivos.

ABSTRACT

Fake news is a type of discourse that is deliberately spread in an attempt to misinform their interlocutors, segregating them into ideological bubbles with positions contrary to science and facts. As it stands against the standard media prime objective – which is to inform – they are known by some experts as the phenomenon of misinformation. In this context, fake news has also urged the term “post-truth”, a recent expression, which is referred to as the process upon one personal conviction becomes more important than the facts themselves. These two phenomena are closely intertwined with each other and there is no possibility of observing their occurrences, but through the language, since they happen in the materiality of language in act. The word or the ideological sign par excellence is capable of leading a genre with relatively stable regularities. Thus, by investigating into the discourse what is common in the dissemination of fake news, one can observe what is frequent in its discursive act and this contributes to its designation as a genre. From this perspective, this paper aims to ground the phenomenon of disinformation under the dialogical perspective of the discourse theory, seeking to present how and why false information can be conceived as a relatively stable form of enunciation. This is important, because information and misinformation often get confused with one another, as the notion of truth is resignified and inevitably falls into distorted facts going viral. In this way, we seek to contextualize and problematize the phenomenon of fake news, framing them into the dialogical theory of discourse and, finally, proposing a suggestion of analysis for this concrete material. Thus, this qualitative research seeks, in the first moment, the theoretical apparatus of works that dissert on disinformation; in the second moment, it aims to frame this problem within the context of Bakhtinian discourse theory; and finally, in the third moment, it intends to suggest an analysis that globalizes the subjects discussed above, applying them to two fake news, extracted from virtual media. From this perspective, it is possible to observe that certain specificities contribute to design them as a discursive genre, and their spreading method allow us to point out differences in relation to the ordinary media news. Therefore, it follows that, in addition to the fact that the enunciative projections of fake news have their own theme, style and compositional structure, they would not be the object of any kind of analysis and questioning if it were not for a phenomenon that is very close to it: the post-truth. Thus, there is a need to look into the problem within a translinguistic bias, since much of the studies today are mostly focused on the information sciences. To finally have a look at the area of philosophy of language, as the Circle texts propose, might be helpful in order to boost interest in the subject and increase research in this topic in other areas of knowledge.

Key words: Fake news. Post-truth. Bakhtin. Language. Discursive genres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Revista Terra Plana	18
Figura 2 – Charge sobre <i>fake news</i>	25
Figura 3 – Manchete do Jornal <i>Notícias Populares</i> (1975)	35
Figura 4 – Robô de checagem da agência <i>Aos Fatos</i>	37
Figura 5 – <i>Game</i> sobre <i>fake news</i>	39
Figura 6 – Manchete do jornal GZH.....	50
Figura 7 – Protesto contra os cortes na educação.....	50
Figura 8 – Imagem falsa coletada pela página <i>Fato ou Fake</i>	51
Figura 9 – Comentários a partir da postagem da página.....	52
Figura 10 – <i>Post</i> sobre notícia do jornal El País.....	64
Figura 11 – Comentários a partir da postagem anterior.....	65
Figura 12 – Verificação da <i>fake news</i> (<i>Lupa</i>)	68
Figura 13 – Verificação da <i>fake news</i> (<i>Aos Fatos</i>)	69
Figura 14 – Verificação da <i>fake news</i> (<i>Boatos.org</i>)	69
Figura 15 – Verificação da <i>fake news</i> (Ministério da Saúde)	70
Quadro 1 – Quadro comparativo <i>fake news</i> x notícia	73
Figura 16 – Pirâmide invertida na notícia	82
Figura 17 – <i>Fake news</i> 1 – kit gay	87
Figura 18 – Imagem deflagrada como falsa	87
Figura 19 – Comentários a respeito da postagem	95
Figura 20 – <i>Fake news</i> 2 – kit gay	103
Figura 21 – <i>Link</i> para manchete	106

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2	AS <i>FAKE NEWS</i>: DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	15
2.1	<i>FAKE NEWS</i> E PÓS-VERDADE NA HISTÓRIA	20
2.2	<i>FAKE NEWS</i> NO CONTEXTO TECNOLÓGICO E DISCUSSÕES A RESPEITO DA PROBLEMÁTICA	33
3	A LINGUAGEM PARA O CÍRCULO BAKHTINIANO: ENQUADRAN- DO AS <i>FAKE NEWS</i>	43
3.1	SIGNO, IDEOLOGIA E VALORAÇÃO	46
3.2	ENUNCIÇÃO E GÊNERO DISCURSIVO	52
3.3	DIALOGISMO NAS CAMADAS DE SUPERESTRUTURA E BASE	61
3.3.1	O fenômeno <i>fake news</i> nas relações de infra e superestrutura	63
3.4	<i>FAKE NEWS</i> COMO GÊNERO DISCURSIVO	66
4	METODOLOGIA E ANÁLISE	84
4.1	MÉTODO	84
4.2	ANÁLISE	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	116
	GLOSSÁRIO	125

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As *fake news* são tidas, em linhas gerais, como falsas informações, e seu problema está no modo como elas são recebidas e repercutidas nos meios sociais. Nessa perspectiva, observa-se que o fenômeno se configura como um risco eminente à saúde social, sobretudo nos dias de hoje. Isso porque, dentro desse contexto, há pelo menos dois aspectos que colaboram para sua problematização como um todo: por um lado, tem-se a internet e o advento da tecnologia, proporcionando ostensividade à comunicação interdiscursiva e instantaneidade à veiculação de discursos enganosos; e, por outro, tem-se a especulação daquilo que se concebe como mentira e como verdade, horizonte onde essas ressignificações fazem emergir a pós-verdade. Nisso, as emoções e as crenças predominam à verdade e são capazes de designar, em certa medida, o teor negativo da desinformação para a sociedade.

Dentro desse quadro, esta pesquisa pretende observar de que maneira as *fake news* se constituem como gênero, buscando-se analisar, em seus discursos, características comuns a elas, em termos de tema, forma composicional e estilo. Sabendo-se que o gênero bakhtiniano não é um construto formal, e sim, social, funcional e ideológico, procura-se, nesse caminho, observar a maneira com que elas acontecem no discurso, desde sua rede de significações até a sua refração e reflexão na ideologia do cotidiano, a qual organiza a atividade enunciativa na vida interdiscursiva. Nessa caracterização, objetiva-se também explicar esse fenômeno juntamente ao gênero notícia, uma vez que ambas as manifestações discursivas se confundem com o que se tem por “informação”, acabando por comprometer o bem-estar social em questão de senso, conhecimento e responsabilidade.

O motivo pelo qual se justifica esse trabalho se deve ao papel da linguagem no acontecimento das *fake news*. Se há sua ocorrência, é porque elas existem somente mediante à interação interdiscursiva. Nessa perspectiva, acredita-se que a língua, sob o viés bakhtiniano, seja capaz de ampliar o entendimento do fenômeno e esclarecer questões que, por vezes, não são retomadas e abordadas em outros campos das ciências humanas. Portanto, dar créditos a Bakhtin é importante, em vista de sua preocupação com a observação a linguagem, pois a necessidade do discurso nasce das necessidades de aproximação e compreensão intersubjetiva.

Partindo-se disso, a pesquisa se ergue com base não só em referências à teoria bakhtiniana, como também em outros apontamentos, para subsidiar argumentos tecidos no decorrer do texto. Para tanto, as *fake news* serão abordadas por meio da contribuição científica de estudiosos e pesquisadores sobre o fenômeno. Como aparato interno à teoria bakhtiniana, buscam-se nos textos do Círculo questões no âmbito da linguagem, que possam responder ao

que se pretende analisar no decorrer do trabalho. Nesse propósito, obras como *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, *A Construção da Enunciação e Outros Ensaios* e *Estética da Criação Verbal* serão os principais guias para as discussões realizadas no decorrer da pesquisa, fazendo também, sempre que possível, referências a trabalhos desenvolvidos por leitores de Bakhtin. Por fim, como referencial complementar às teorias desenvolvidas, o texto contará com o auxílio de matérias jornalísticas e com a ilustração de exemplos e imagens acerca dos assuntos, cumprindo com o propósito de interligar a teoria bakhtiniana com os estudos das *fake news*. Sendo assim, esse trabalho tem essencialmente, em sua metodologia, um caráter qualitativo e exploratório.

O texto subdivide-se em dois momentos principais. Primeiramente, no segundo capítulo, busca-se contextualizar o fenômeno das *fake news* com o objetivo de trazer alguns esclarecimentos a respeito de sua definição e de sua problematização na atualidade. Logo em seguida, procura-se estabelecer uma conexão entre alguns fatos históricos com a definição do termo “pós-verdade”, de maneira a explicar que o acontecimento da desinformação se desenlaça inevitavelmente em uma consequência. Por fim, o último tópico deste capítulo tem a finalidade de apresentar um panorama atual sobre a desinformação, dissertando sobre como esse evento sociológico se enquadra nos avanços tecnológicos e quais respectivas discussões têm sido geradas no intuito de combater essa realidade.

No terceiro capítulo, procura-se vincular as *fake news* à ciência da linguagem bakhtiniana, sustentando a ideia de ser impossível analisar o fenômeno da desinformação sem o aparato de uma teoria que disserte acerca da língua concreta e viva nas manifestações interdiscursivas. Nesse caminho, intenciona-se observar, por conseguinte, noções sobre significação sógnica, ideologia e valoração entrelaçadas a noção de gêneros discursivos e convergentes na relação entre base e superestrutura ideológicas. Por fim, deseja-se apresentar as *fake news* como gênero discursivo em detrimento da notícia, com a qual, por vezes, se confunde. Em seguida, então, será possível materializar as discussões realizadas no decorrer do trabalho com uma proposta de análise acerca do tema.

“A Verdade e a Mentira se encontram um dia. A Mentira diz à Verdade: ‘Hoje é um dia maravilhoso!’. A Verdade olha para os céus e suspira, pois o dia era realmente lindo. Elas passaram muito tempo juntas, chegando finalmente ao lado de um poço. A Mentira diz à Verdade: ‘A água está muito boa, vamos tomar um banho juntas!’. A Verdade, mais uma vez desconfiada, testa a água e descobre que realmente está muito gostosa. Elas se despiram e começaram a tomar banho. De repente, a Mentira sai da água, veste as roupas da Verdade e foge. A Verdade, furiosa, sai do poço e corre para encontrar a Mentira e pegar suas roupas de volta. O Mundo, vendo a Verdade nua, desvia o olhar, com desprezo e raiva. A pobre Verdade volta ao poço e desaparece para sempre, escondendo nele sua vergonha. Desde então, a Mentira viaja ao redor do Mundo, vestida como a Verdade, satisfazendo as necessidades da sociedade, porque, em todo caso, o Mundo não nutre nenhum desejo de encontrar a Verdade nua.”

2 AS FAKE NEWS: DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Em termos gerais, as *fake news* são informações enganosas, travestidas de verdade, que costumam ser transmitidas aos parceiros do discurso como fato, buscando motivar os interlocutores à sua repercussão. Sua veiculação discursiva ocorre em diversas plataformas de comunicação e, hoje em dia, em vista dos avanços tecnológicos, é possível afirmar que o meio mais comum de sua disseminação se dá através de páginas ou aplicativos virtuais. Os motivos da existência das *fake news* se devem a variados fatores, desde a intenção de comercializar ideias e produtos falsos até mesmo a de manifestar crenças pessoais sem embasamento em dados objetivos, científicos. De qualquer forma, é consensual entre especialistas que o fenômeno se torna perigoso em vista de sua grande repercussão no mundo moderno, e hoje se discute muito sobre medidas que devem ser tomadas sobre o tema.

Embora as *fake news* existam há séculos, o termo tem recebido recente notoriedade por dois motivos: primeiro, devido à maneira que se faz uso das plataformas virtuais na obtenção de informações – com acesso rápido e instantâneo, torna-se mais fácil a condução de discursos enganosos – e, segundo, pelo fato de questões sobre política serem bastante cobiçadas para a construção da desinformação. O “Brexit” serve como exemplo disso. Tanto a saída britânica quanto a vitória de Trump, por exemplo, são recordadas nas palavras de D’Ancona, ao explicar a notória presença das *fake news* nesse panorama de desordem social:

Em 2016, as profecias de Tesich e Robert se materializaram com impactos espetaculares. A eleição de Trump como quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos e a triunfante campanha da saída do Reino Unido da União Europeia marcaram indubitavelmente um levante contra a ordem estabelecida” (D’ANCONA, 2018, p. 21).

Em torno da ideia de informação inverídica, muitos autores já se dispuseram a escrever sobre a temática. Nisso, mesmo que “*fake news*” seja traduzido comumente em seu sentido literal por “notícias falsas”, o conceito atribuído ao termo é diverso. Os jornalistas e professores universitários Paganotti, Sakamoto e Ratier (2018), em seu curso virtual², ratificam essa ideia, ao comentarem que existem diversas definições para o fenômeno. Para eles, isso ocorre no próprio termo, o qual veem como contraditório, pois nenhuma notícia que se preze como tal seria falsa. Dentro dessa pluralidade de significações, acredita-se relevante considerar,

² Curso veiculado virtualmente, intitulado como “Vaza, Falsiane”. Foi produzido com a intenção de esclarecer sobre o fenômeno *fake news*. Com linguagem de fácil acesso, é disponibilizado a todos que desejam saber mais sobre o assunto.

para ampliar a compreensão desse termo, a forma como alguns autores e plataformas caracterizam as *fake news*.

Segundo a professora do Departamento de estudos americanos da Faculdade de Macalester, Duchess Harris (2018, p. 13), a falsa notícia é “uma história falsa que parece notícia” e “é projetada para convencer os leitores de que é verdade”³.

O escritor D’Ancona (2018) aborda as *fake news* como a principal causa de crenças falaciosas, atribuindo a esses credos o fenômeno de pós-verdade. Para ele, a pós-verdade seria a resposta dos interlocutores às *fake news* – “o que a pós-verdade traz de novo não é a desonestidade [...], mas a resposta do público a isso (D’ANCONA, 2018, p. 9). Para o autor, as crenças de pós-verdade ocorrem por meio da mentira que as antecede. Analisa como problema as *fake news*, pois, no momento em que elas “reinvindicam ser uma fonte de notícias, fica infinitamente mais difícil distinguir entre fato e mentira. Todos e ninguém são “especialistas” (Ibid., p. 59).

Martha Gabriel, professora de pós-graduação da PUC-SP, observa as *fake news* como geradoras de bolhas ideológicas, em que indivíduos se deixam motivar pela desinformação “geram percepções equivocadas e perigosas que tendem a comprometer a saúde social” (GABRIEL, 2018, p. 9).

Esteban Illades, editor, colunista e investigador do fenômeno, esclarece, tecendo crítica às páginas virtuais em geral, que muitas pessoas, ao acreditarem que a imprensa lhes mente, acabam incorrendo à pesquisa em fontes não confiáveis, “muitas das quais têm como único objetivo gerar lixo para confundir o leitor e lucrar com isso” (ILLADES, 2018, p. 21). Seu argumento é baseado no fato de muitas páginas virtuais se utilizarem de falsas informações, as quais, às vezes, usam até mesmo um tom sensacionalista procurando despertar a curiosidade e a atenção do leitor para que ele acesse o *link* do conteúdo *fake* e o compartilhe, gerando lucros ao responsável pela veiculação daquela “informação”.

A pesquisadora portuguesa Caroline Delmazo e o autor brasileiro Jonas Valente, em artigo sobre a propagação de *fake news* nos meios virtuais (2018), dizem que elas, segundo as palavras de Bounegru (et al, 2017), só se chamam assim devido ao seu alcance e, respectivamente, pelo número de pessoas capazes de mobilizar, pois o foco é sua circulação.

Em pesquisas gerais, muitos autores afirmam que assuntos sobre política viralizam mais na veiculação de *fake news*. Sustentando essa ideia, a jornalista Alessandra Monnerat comenta, em reportagem da revista online *O Estadão* que, segundo pesquisa da Universidade

³ Traduzido do seguinte trecho original: “*fake news is any story that looks like news. It is designed to convince readers that it’s true*”.

Federal de Minas Gerais (UFMG), pôde-se constatar que a informação falsa costuma circular mais sobre assuntos de cunho político do que qualquer outro, e muito disso acontece em aplicativos de trocas de mensagens.

Illades (2018) retoma a problemática da falta de veracidade, comentando que as relações virtuais não acontecem somente de indivíduo para indivíduo, mas também através dos meios de informação em geral. Essas plataformas, na procura exagerada por lucro e utilizando de algoritmos, “[...] invertem tanto dinheiro nesta rede, pois determinam o caminho ao ‘consumidor do produto’”⁴ (ibid., p. 56 – grifo do autor).

Carvalho e Matheus⁵ (2018), estudantes de Biblioteconomia, em artigo no qual analisam as produções científicas sobre esse tema para a área da ciência da informação, trazem uma importante observação ao atestarem que as notícias falsas e a desinformação, embora andem juntas, são diferentes. Primeiro, porque as *fake news* objetivam informar, mas ao mesmo tempo desinformam o seu público, em virtude de não lhe trazer a realidade clara e objetiva dos fatos. Segundo, porque a desinformação não deixa de ser também uma informação. A desinformação é tida, nesse aspecto, como uma atitude frente a determinada informação falsa. Dessa forma, é possível constatar que tanto *fake news* quanto desinformação são termos indissociáveis, construídos em discursos distintamente simultâneos. No entanto, torna-se interessante de se ressaltar nessa duplicidade é de a desinformação de algum indivíduo social, que compartilha falsas notícias com os demais, não ter necessariamente o objetivo de levá-la adiante como uma enganação, pois muitas vezes não tem clareza sobre a fonte do material recebido. Ingenuamente, então, incorre ao erro, e não à mentira⁶, por deixar de averiguar o material. Harari (2017), ao falar sobre ficções, construtos sociais e realidades imaginadas, diz que a realidade imaginada não é uma mentira, mas sim, uma forma de se acreditar em algo que se conta por meio dela. Logo, pode-se pensar que a desinformação recebida recai numa ficção imaginada à qual se dá valor de verdade.

Em seu texto, Paganotti, Sakamoto e Ratier abordam as *fake news* como falsas publicações em redes sociais, reiterando a noção do fenômeno como algo ocorrente majoritariamente em espaços virtuais. No entanto, compreendem a variação na designação do

⁴ Traduzido do seguinte trecho original: “[...] invierten tanto dinero en esa red, pues determinan el camino al ‘consumidor del producto’”.

⁵ Para traçarem o paralelo entre *fake news* e desinformação, citam o artigo de Don Fallis: FALLIS, Don. *O que é desinformação?* Library Trends, v.63, n.3, 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/579342>. Acesso em 17 set. 2018.

⁶ Erro e mentira são diferentes, pois, em se tratando da propagação de *fake news*, naquele não se tem a intenção de enganar, enquanto neste, sim.

termo, dizendo que a própria palavra “*fake*”, do inglês, tem significado impreciso e “pode ser entendida como enganação, boato, distorção, truque, rumor – e falsificação” (2018, p. 5).

Não se pretende esgotar todas as formas pelas quais o termo *fake news* é conceituado. No entanto, é possível de se observar proximidades, coerências e sintonias entre as designações a respeito das falsas informações, embora, em alguns aspectos, as definições possam divergir. O que se observa é que todas parecem trilhar paralelamente o mesmo caminho, o de a falsa informação gerar desinformação. De forma a explicar essa heterogeneidade de definições do termo, ilustra-se a seguinte figura:

Figura 1: Revista Terra Plana



Fonte: Clube da Terra Plana

Esse material parte de um assunto bastante discutido em grupos e páginas virtuais a respeito da teoria da terra plana, em que se observa a divergência entre os que a julgam como teoria verídica, embasando-se, por muitas vezes, na bíblia, e aqueles que se baseiam na ciência como verdade. Além disso, serve como exemplo para elucidar como as *fake news* podem se mascarar com forma e conteúdo variados, denotando o dito anteriormente, sobre suas diversas designações – enquanto gênero, designa-se não só como uma capa de revista (bastante notável em sua forma), mas também como uma *fake news* (essencialmente apresentado pelo conteúdo abordado). Algumas marcas discursivas são capazes de definir esse material como uma *fake news*, então, como, por exemplo, a apresentação de um posicionamento enviesado (contrário à ciência); a inexistência de autoria (não há referência a fontes confiáveis ou a responsáveis pela veiculação do produto); o embasamento numa verdade relativa (é real a existência de um planeta, bem como é real também a existência de falácias a respeito da terra ser plana); a falta

de repercussão em outros veículos informativos que prezam pela verdade (pelo contrário, se acontece, buscarão deflagrá-lo como falso); o uso de uma linguagem com tom sensacionalista (a exemplo de “evidências irrefutáveis”). Essas observações são capazes de evidenciar o que muitos materiais apontam como características das *fake news*. Além disso, em seu funcionamento, resumem as palavras de Paganotti, Sakamoto e Ratier, ao comentarem sobre a heterogeneidade de designações para o termo. Tais observações lembram também, em especial, a ideia de Carvalho e Matheus (2018), na observação desse conteúdo como um projeto de desinformação: ao mesmo tempo que busca informar, desinforma seus possíveis interlocutores, e essa desinformação se espalha de forma incessante aos demais, colaborando inevitavelmente para a criação de determinadas bolhas ideológicas.

Neste trabalho, embora em algum momento se faça referência a outras definições comuns ao termo *fake news*, objetiva-se abordá-las, sobretudo, como “ato de desinformação”, e isso se deve principalmente pela intenção de se buscar distanciá-la do gênero “notícia”, uma vez que suas construções sociodiscursivas são distintas.

Algo interessante de se destacar é o que geralmente se aponta em páginas informativas a respeito do assunto. Características como a presença de textos escritos com erros ortográficos e gramaticais; o nome falso ou inexistente na autoria do texto; a falta de repercussão do assunto em outros veículos informativos mais sérios; o uso de alguns traços verídicos misturados com a mentira; a presença de um discurso que tende mais à opinião; o trato sensacionalista sobre o objeto articulado como notícia; a ocorrência de uma *url* semelhante a de páginas confiáveis; o uso de fatos pretéritos, e não necessariamente atuais, pelos quais prezam as notícias; entre outros, são características bastante acentuadas por veículos que buscam trazer aos internautas certas precauções para lidar com o fenômeno. Essas características são importantes para contribuir com o leitor, o qual deve se precaver da desinformação, contudo, é imprescindível haver mais estudos a respeito dessa problemática presente e incessante na sociedade, pois observa-se que o tema ainda tem pouca repercussão no meio acadêmico. Carvalho e Matheus (2018) comprovam essa afirmação, ao dissertarem sobre haver poucos trabalhos realizados pelas ciências da informação sobre as *fake news*.

O motivo da preocupação das plataformas de informação em esclarecer questões referentes à prevenção social contra as *fake news* é devido à desordem da desinformação, ou seja, à confusão entre verdade e mentira, entre notícia e *fake*. Embora as *fake news* se disfarcem de informação, busquem informar e sejam recebidas como notícias, não a são, pois, como será observado no decorrer do texto, ambos os discursos têm funcionamento diferente na linguagem.

Não é à toa que o investimento em tecnologias de checagem – como será visto mais adiante – foi um bem necessário para contribuir com a informatividade e o bem-estar social.

Muito dessa preocupação possivelmente se deva também à variedade de formas com que são construídas e disseminadas. Diferentemente do formato jornalístico, elas podem se concretizar no discurso como um *meme*, como uma postagem individual em páginas de relacionamento, como uma propaganda, como um cartaz, como um discurso cotidiano simples, como áudios ou vídeos e, até mesmo, como uma notícia ou reportagem. Isso torna sua esfera de divulgação muitas vezes indeterminada, uma vez que elas não necessariamente se disseminem apenas nas esferas informativas. Além disso, é importante destacar que o assunto não necessariamente seja o mesmo da notícia, a qual busca pelo dado da realidade cotidiana que precisa ser repassado como informação. Pelo contrário, nas *fake news*, embora possa se intencionar informar, os assuntos são multivariados, servindo-se do contexto de uso e da forma de outros gêneros, como se pôde constatar na figura 1.

Juntamente com as *fake news*, abordar-se-á paralelamente a pós-verdade. Embora o tema enfatizado aqui seja a desinformação, acredita-se que abordar esse outro fenômeno contribuirá para a explanação mais clara do problema, pois as falsas informações são perigosas aos agentes interdiscursivos por trazerem *consequências* negativas à sociedade.

2.1 FAKE NEWS E PÓS-VERDADE NA HISTÓRIA

Não se sabe o momento certo em que as *fake news* surgiram, mas se pode pensar que elas sempre existiram nos mais variados meios de comunicação humana, tanto na oralidade como na escrita. Como aponta Lorraine Vilela Campos (2019), o termo “*fake news*” é recente, e até o século XIX, o que se utilizava, nos países de língua inglesa, para denominar boatos enganosos era “*false news*”.

Segundo Claire Fallon, do jornal americano Huffpost (2017), o termo já tivera sido citado no século XIX. Nele, é transcrita uma passagem de uma notícia publicada na época, para constatar tal afirmação:

Embora a utilização comum do termo ‘*fake news*’ seja recente, aponta o Merriam-Webster, o termo “entrou para o uso geral no final do século 19”. O *post* cita vários artigos noticiosos da década de 1890, incluindo um texto de 1891 publicado no ‘The Buffalo Commercial’ (de Buffalo, Nova York), que declarou, em tom otimista: ‘O gosto público não aprecia as ‘falsas notícias’ (*fake news*) e as poções de ‘demônio

especial', como as que lhe foram servidas por um serviço noticioso local há um ou dois anos'. (HUFFPOST, 2017, n. p.⁷)

No entanto, o termo veio à tona depois das eleições de Trump, em 2016, nos Estados Unidos. Matthew D'Ancona (2018) apresenta, em seu livro intitulado *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*, de forma veemente o lugar onde têm tido privilégio essas narrativas sórdidas, em que os fatos alternativos – as mentiras – ganham espaço, corrompendo a sociedade e trazendo-lhe prejuízos em todos os aspectos.

De outra mão, Yuval Harari (2018), doutor e historiador, ao abordar sobre alguns relatos históricos que discorrem acerca da ideia de informação enganosa, traz uma reflexão, dizendo que, se hoje existem as possibilidades de se fazer *fake news*, é porque as plataformas virtuais e os grandes nomes políticos de alguma forma propiciaram isso. O autor argumenta que, há muitos anos, “[...] milhões de cristãos se fecharam dentro de uma bolha mitológica que se autorreforçava, nunca questionando a veracidade factual da Bíblia, enquanto milhões de mulçumanos depositaram sua fé inquestionável no Corão” (HARARI, 2018, p. 290). Assim, reflete que os credos religiosos, desde muito antigamente, sempre tiveram grande influência na construção da mentira no decorrer da história:

a ficção está entre os instrumentos mais eficazes na caixa de ferramentas da humanidade. Ao unir pessoas, credos religiosos possibilitam a cooperação em grande escala. Eles inspiram a construção de hospitais, escolas e pontes, além de exércitos e prisões. Adão e Eva nunca existiram, mas a catedral de Chartres continua linda.” (Ibid., p. 291).

O jornalista Guillermo Altares (2018), em matéria para o jornal El País, põe em discussão a noção de verdade, ao dizer que na história da Antiguidade Clássica muitas vezes as crenças se misturavam com a mentira, e que até hoje o imaginário popular se vê entranhado em credos para explicar muitas das coisas ao seu redor. Ao citar Paul Veyne (2014), arqueólogo e historiador francês, apresenta uma frase do ensaio do autor, a qual, igualmente, faz pensar: “Os homens não encontram a verdade, a constroem, como constroem sua história” (2018, n. p.). Logo, pensando-se assim – e retomando o imaginário grego como fonte de criações mitológicas, igualmente fictícias – pode-se fazer uma comparação com a palavra “mito”, a qual significa, de acordo com o Dicionário virtual Michaelis (2019, n. p.), “história fantástica de transmissão oral, cujos protagonistas são deuses, semideuses, seres sobrenaturais e heróis que representam simbolicamente fenômenos da natureza, fatos históricos ou aspectos da condição humana [...]”.

⁷ Citação extraída de matéria/conteúdo virtual que não conta com paginação. Para tanto, utilizar-se-á “n. p.” (não paginado) nesse e em outros trechos sem o número da página.

Assim, estabelecendo um comparativo entre os dois autores, as crenças se mostram como fortes válvulas propulsionadoras de *fake news*.

Da mesma forma que Harari traz esses questionamentos, Vieira (2018) também aponta para a religiosidade como forma de um imaginário capaz de conduzir grupos, direta ou indiretamente, à desinformação. Em matéria pela revista *Veja*, em novembro de 2018, diz que a crença em Jesus Cristo, de cuja existência nunca se teve provas, continua ainda hoje influenciando pessoas em suas relações sociais. Em seu texto, ela resenha sobre a obra *Cogumelo Jesus e Outras Teorias Bizarras Sobre Cristo*, de Paulo Schmitd (2018), explicando que o título nada mais é que uma metáfora do cogumelo como alucinógeno, evidenciando, por conseguinte, a crença religiosa como sendo uma alucinação criada e compartilhada por povos, por milhares de décadas, no decorrer da história. Isso, para o autor, segundo resenha Vieira, é uma forma de estabelecer paralelos com o que muito ocorre na sociedade de hoje na transmissão de informações falsas. A ideia de Jesus como sagrado recai no imaginário popular do ser que busca conforto para os tormentos do dia a dia. Nisso, é importante ao homem o tocante às suas crenças, algo que não necessariamente se encontre dentro dos limites daquilo que na realidade empírica se pode enxergar, pois, segundo Vieira, as fantasias causam impacto no homem comum, pois elas têm capacidade de aproximá-lo do divino, do sagrado.

Dessa maneira, Harari (2017), em sua obra *Sapiens – Uma breve história da humanidade*, de forma implícita, remete às falsas informações como originárias do período pré-histórico. No capítulo “A árvore do conhecimento”, ele conta como se davam as relações entre os ancestrais. Analisando que necessitavam criar elos uns com os outros para interação-comunicação, eles precisavam de liderança para comandarem seus grupos, os quais, à medida que iam crescendo, acabavam perdendo a organização, e isso resultava muitas vezes em conflitos. Dessa forma, era preciso repassar histórias entre si, alimentando o imaginário dessas comunidades. Segundo o autor, na Revolução Cognitiva, a fofoca foi uma maneira de contribuir para grupos mais estáveis, com menos conflitos, pois precisavam caçar e lutar juntos para criarem certa harmonia em sua convivência. O historiador diz, então, que a fofoca acabou por ajudar bastante nessa organização, pois os ancestrais precisavam de líderes para comandar seus grandes grupos. De acordo com suas palavras,

A fofoca ajudou o Homo sapiens a formar bandos maiores e mais estáveis. Mas até mesmo a fofoca tem seus limites. Pesquisas sociológicas demonstram que o tamanho máximo “natural” de um grupo unido por fofoca é de cerca de 150 indivíduos. [...] Mas quando o limite de 150 indivíduos é ultrapassado, as coisas já não podem funcionar dessa maneira. (HARARI, 2017, p. 35).

E, por meio dessa observação, o autor traz uma indagação ao seu leitor: “Como o *Homo sapiens* conseguiu ultrapassar esse limite crítico, fundando cidades com dezenas de milhares de habitantes e impérios que governam centenas de milhões?” (Ibid., p. 35). Então, ele comenta que certamente foi por meio de uma ficção, ou seja, a criação de mitos acalentava o imaginário dos demais, fazendo com que todos se unissem de maneira mais eficaz e harmônica para o seu convívio. Harari cumpre com o propósito de apresentar um comparativo com o que é real, mostrando como os resquícios desse imaginário de outrora se equiparam com o que se pode constatar atualmente, ao referir-se à convivência dos indivíduos em sociedade. Isso se confirma nas suas palavras, quando diz que “com o passar do tempo, a realidade imaginada se tornou ainda mais poderosa, de modo que hoje a própria sobrevivência de rios, árvores e leões depende da graça de entidades imaginadas, tais como deuses, nações e corporações” (Ibid., p. 41).

Muitos exemplos poderiam servir de base para mostrar uma espécie de linha do tempo em que já se produziram falsas informações. Como já dito, pode-se afirmar que o termo *fake news* deslanchou após as eleições de Trump, nos Estados Unidos. O texto de D’Ancona, por exemplo, começa com críticas ao atual governo norteamericano, cujo presidente fora eleito devido à manipulação sofrida pelo povo por meio da desinformação. Para o autor, a reação do público à *fake news* revela-se mais perigosa e é capaz de dizer muito sobre essa problemática na atualidade.

Essa reação remete diretamente à “pós-verdade”. O termo foi citado pela primeira vez nos anos 90 e voltou à tona quase duas décadas depois, e, por isso, é recente. Segundo o site Carta Capital (2017), a expressão foi eleita à palavra do ano em 2016 pelos Dicionários Oxford, pois teve um crescimento de 2000% nas buscas. De acordo com esse manual (2019, n. p.), a pós-verdade é relacionada com “circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”⁸.

D’Ancona (2018), designa “pós-verdade” como o processo sobre o qual convicções pessoais passam a ter mais importância do que os próprios fatos. Ou seja, o abordado e revelado por cientistas e jornalistas não tem necessariamente relevância. O mais importante, nesse aspecto, é o que as pessoas querem acreditar como verdadeiro. Os credos têm mais valor frente à factualidade, pois estão mais para uma realidade subjetiva, do “eu” que busca acreditar, do que para uma realidade objetiva, a qual não necessariamente abastece as necessidades de informação alheias. Entretanto, *a interpretação de realidade objetiva é relativa*, pois cada ser

⁸ Traduzido do inglês “*post-truth*”: *Relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief.*

recria seu universo partindo de uma ideologia própria, compartilhada com uma ideologia social. Por isso, *esse assunto* será discutido e esclarecido mais tarde.

D’Ancona comenta que o berço da pós-verdade é aceitar as informações que vêm ao encontro dos sentimentos humanos, refutando aquilo que se mostra como fato objetivo e claro. Nisso, o autor traz uma curiosidade: essa desvinculação da verdade, em prol de algo que se assente melhor com os desejos particulares de cada indivíduo, tem causas também biológicas. Assim, D’Ancona (2018) mostra uma passagem de um estudo em sua obra:

Se de início obtivermos um sentimento de recompensa por uma ideia, procuraremos reproduzir os sentimentos diversas vezes. Toda vez, o centro de recompensa no cérebro – o estriado ventral e, mais especificamente, o núcleo accumbens situado dentro dele – é acionado, e, com o tempo, outras partes do cérebro instintivo aprendem a consolidar a ideia em uma ideia fixa. Se tentamos mudar nossas mentes, um centro do medo no cérebro, como a ínsula anterior, nos adverte de que o perigo é iminente. O poderoso córtex pré-frontal dorsolateral pode neutralizar esses centros cerebrais mais primitivos e impor a razão e a lógica, mas ele é lento para agir e requer bastante determinação e esforço para isso. Portanto, é basicamente não natural e incômodo mudar nossas mentes, e isso se reflete na forma como nossos cérebros funcionam. (GORMAN 2016 apud D’ANCONA, 2018, p. 67).

O autor ressalta que uma reflexão especial deve ser realizada a partir da resposta do público frente àquilo que se mostra falso, pois isso é capaz de explicar claramente os problemas da atualidade. As *fake news* são mentiras manipuladoras e, se são capazes de influenciar, é porque, de forma ou outra, corroboram as crenças do ser social e a maneiras pelas quais enxerga o mundo. Nesse sentido, a pós-verdade acaba refratando um conceito bastante negativo, quando aquilo sobre o que se fala é indevidamente levado ao patamar de verídico.

Álex Grijelmo, escritor e pesquisador do fenômeno, explica, em matéria ao Jornal El País (2017), que a pós-verdade é a era do engano e da mentira. Nesse aspecto, ao utilizar “engano” e “mentira”, o autor é capaz de elucidar que tanto *fake news* quanto pós-verdade são termos indissociáveis, uma vez que andam juntos. Isso porque, na aceitação da mentira, ocorre inevitavelmente a consequente enganação. Em comparação ao termo “pós-verdade”, Grijelmo (2017, n. p.) utiliza “pós-mentira”, dizendo que ela se configura pela “insistência na asseveração falsa, apesar dos desmentidos confiáveis”, pela “desqualificação de quem a contradiz e também pelo fato de milhões de pessoas prescindirem dos intermediários de garantias (previamente desprestigiados pelos enganadores)”.

Em artigo à página do TCE – Tribunal de Contas do Estado da Bahia (2019) –, os pesquisadores Inaldo Araújo e Luciano de Farias explicam a pós-verdade como a desconexão entre o senso crítico e a realidade. Nessa designação, dizem que o termo se trata de um neologismo, e o designam explicando que, nesse fenômeno, os fatos verídicos são menos

relevantes ao modelar a opinião pública. De forma interessante, deixam, nas entrelinhas, subentendida a ideia de que *fake news* e pós-verdade, embora ocorram em paralelo, são diferentes. Segundo eles (2019, n. p.), “[...] a pós-verdade não é sinônimo de falsificação da verdade, mas é uma construção em que a verdade real ganha importância secundária, vale dizer, é o predomínio das crenças e versões em detrimento dos fatos”. Ou seja, o termo “falsificação” por eles utilizado se refere ao ato de desinformação – as *fake news*, enquanto a pós-verdade seria a colocação do verídico em segundo plano (por isso, o prefixo “pós”).

Igualmente, não se pretende esgotar múltiplas designações do termo. Acredita-se que esses apontamentos sejam suficientes para a compreensão sobre pós-verdade. No entanto, é importante chamar atenção para suas relações com as *fake news*.

Primeiramente, os dois são fenômenos sociais, pois ocorrem, por meio da linguagem, na inter-relação entre os falantes. Em segundo lugar, entende-se também que as *fake news* podem ser tanto a causa da pós-verdade quanto o efeito. Isso porque alguém pode veicular uma mentira tendo consciência de ela não ser verdade, mas o faz com o intuito principal de enganar. Por outro lado, se alguém produz uma desinformação acreditando no objeto sobre o qual desenvolve seu discurso mentiroso, pode-se dizer, então, que essa falsa informação foi fruto de uma pós-verdade, ou seja, de uma falta de compreensão da realidade como dado primeiro. Parece haver uma tendência de se conceber a pós-verdade como efeito das *fake news*, e isso se dê, talvez, pelo fato de se procurar estabelecer uma relação entre aquilo que é produto e aquilo que serve como reflexo desse produto. Ambos os fenômenos se alimentam um do outro e se encontram numa espécie de círculo vicioso.

Figura 2: Charge sobre *fake news*



Fonte: Página Humor Inteligente – Facebook

A figura acima resume em certa medida o significado do termo pós-verdade: mostra que até mesmo tendo consciência de um conteúdo falso, as pessoas o toleram como verdade, se lhes

for conveniente. Contudo, o ilegítimo tomar o lugar da verdade é uma questão bastante problemática, à medida que se necessita do olhar para o todo para se obter a adequada compreensão das circunstâncias. Além disso, é perigoso, pois os fatos passam a perder o lugar para dar propriedade a pontos de vistas que nem sempre condizem com o bem-estar social.

No que se diz respeito à objetividade dos fatos e a maneira como são recortados, cabe uma observação: todo indivíduo social é portador de suas ideologias e, por conseguinte, refrata a realidade por meio de seus pontos de vistas. Volochínov (2013, p. 138) já dizia, por exemplo, que as ideologias são os “reflexos e interpretações da realidade social e natural, que se sucedem no cérebro do homem”. No entanto, é necessário compreender que nem todo ponto de vista necessariamente corrobore o ideal de respeito, de ética, de moral nas diversas camadas do convívio social. Além disso, a noção de verdade tratada nesse trabalho e discutida geralmente pela mídia diz respeito sobre a verdade segundo a informação legítima do campo jornalístico. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, por exemplo, compreende a noção de “fato” como referente à ideia de ética com a informação. Conforme a ABI – Associação Brasileira de Imprensa, em seu 7º artigo, “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.” Nessa direção, orienta em seu artigo 10 que os jornalistas não podem “submeter-se a diretrizes contrárias à divulgação correta da informação”.

O recuo à objetividade dos fatos e à ciência fez, no decorrer da história, surgirem exemplos de muitos casos que esboçam bem a relação entre desinformação e pós-verdade. Um exemplo de que desestabilizar essa situação pode ser negativo, consequência advinda da desinformação, é o movimento antivacina. Por tempos, acreditou-se – e ainda se acredita – desde conversas informais do dia a dia, como um simples bate-papo, até sua veiculação em discursos digitais – que a vacina pode vir a ser prejudicial ao ser humano. Criou-se, por conseguinte, uma ideologia provinda de uma falsa crença, de que ela não é algo bom. Isso é totalmente negativo para as relações interpessoais, principalmente no que tange a área da saúde, e se contrapõe diretamente ao discurso de estudiosos, os quais asseguram a importância de prevenções por meio de remediação. D’Ancona (2018, p. 68) relembra, em sua obra, sobre essa situação, e alerta que “o recuo em relação à ciência se torna perigoso quando ameaça a saúde pública ou a segurança dos outros”.

Outro exemplo desse recuo à ciência é a questão da febre amarela, a qual, em 2017, teve seu maior surto, segundo a Folha de São Paulo (2017). O governo passou a registrar os dados desde 1980. Observou-se que, neste período de tempo, as *fake news* tiveram grande influência no imaginário popular, ocorrendo desde mensagens até áudios e vídeos em *Whatsapp*, dizendo

que as vacinas causavam efeito contrário à saúde. Muitos especialistas observaram a necessidade de se posicionar para falar a respeito da situação. O advento da tecnologia parece ter tido uma contribuição especial para a disseminação da mentira, em vista de sua disseminação mais expansiva e instantânea, e isso faz refletir sobre o porquê de ter acontecido o maior surto em 2017, mesmo momento em que bastantes *fake news* sobre o assunto estavam sendo viralizadas.

Há vários exemplos capazes de elucidar essa questão no âmbito dos avanços tecnológicos. Segundo matéria do G1, passou a circular a falsa informação de que crianças na Índia, em 2018, estavam sendo traficadas. Isso criou bastante comoção entre as pessoas, fazendo com que autoridades se manifestassem, solicitando que mensagens virtuais a respeito dessa *fake* fossem ignoradas e cessadas.

Outro caso emblemático de que as *fake news* são capazes de trazer consequências graves à população foi o de uma mulher brasileira confundida com outra pessoa por praticar magia negra com crianças. A mensagem, mostrando o retrato de Fabiane Maria de Jesus, se espalhou por redes sociais, dizendo que a dona de casa sequestrava crianças, e isso causou sua morte. Segundo a G1 (2017), esse ocorrido, de forma ou outra, acabou contribuindo potencialmente para melhorar a lei que prevê a punição de crimes ocorridos virtualmente ou espalhados em massa.

Embora se mostre aqui a pós-verdade em seu conceito original, o de refutar o ideal de verdade objetiva e clara dos fatos em prol da crença particular de cada um, é interessante também trazer uma visão apresentada pelo texto, já citado acima, do site Carta Capital (2017). Ele diz ser equivocada a afirmação de que existem fatos objetivos, quando, na verdade, o que acontecem são visões de mundo por meio das percepções subjetivas de cada indivíduo. Embora a realidade exista de maneira objetiva, quem dá a ela suas nuances são os seres humanos, e isso só acontece por meio da linguagem.

Os seres humanos apreendem os eventos, os acontecimentos temporais, por meio dos seus sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) e transformam essas informações em linguagem. Somente a partir daí, quando se verte os eventos em linguagem, é que se tem fatos. Todo fato é uma interpretação do evento, uma “manipulação” humana dele, não existindo fato objetivo, mas apenas elementos objetivos do acontecimento temporal que necessariamente passarão pela subjetividade humana para entrar na sua percepção e na comunicação [...]. (CARTA CAPITAL, 2017, n. p.).

Nessa perspectiva, pode-se trazer também os argumentos de Pollyana Ferrari (2018), escritos em seu livro *Como sair das bolhas*. Além de fazer considerações sobre o que vem a ser o conceito de pós-verdade e suas consequências na vida cotidiana, ela explica que todos os seres

sociais, por compartilharem de ideologias semelhantes, acabam por se agrupar envoltos numa espécie de bolha social, onde pode se cristalizar tanto a mentira como a verdade. A princípio, todos os indivíduos convivem entre si em bolhas ideológicas, mas há aqueles que distorcem os fatos, corrompendo a ética e a moral. Nisso, se dá a proposta do texto de Ferrari, levando seus leitores a refletirem sobre o quão se faz importante desvincular-se de mentiras e falsas informações, apreciando uma visão mais crítica e reflexiva das situações que acercam a todos. Para ela, a fuga desses grupos se faz imprescindível num cenário com as *fake news* e pós-verdade, pois esses dois fenômenos “geram ‘bolhas’ de percepções equivocadas e perigosas que tendem a comprometer a saúde social (tanto individual quanto coletiva) e que só podem ser combatidas por meio da educação, do pensamento crítico e da ética” (FERRARI, 2018, p. 74 – grifo do autor).

Assim, em observação à pós-verdade, é possível constatar, no decorrer da história humana, que a grande massa de falsas informações culminou em efeitos que trouxeram consequências negativas e nada proveitosas à sociedade. Nessa linha de raciocínio, Julie Posetti e Alice Matthews (2018) escreveram uma espécie de guia com um breve relato das *fake news* na história, voltado para pessoas da área do jornalismo e também a educadores. Nessas mostras, elas contam com a contribuição teórica de alguns historiadores, pretendendo mostrar, através de uma linha cronológica, como, desde antes de Cristo, as *fake news* eram construídas e em que consequências de pós-verdade elas culminavam, ou seja, como a mentira foi construída e como ela contribuiu para as consequências advindas da desinformação – chamada pelas autoras de “desordem da informação”⁹. Aí, estabelecem que não só as notícias buscavam difamar a imagem de alguém com mentira, mas também as propagandas, as quais objetivavam a venda de uma imagem distorcida da realidade. Nisso, exemplificam um caso, datado do século IV a. C, do imperador romano Augusto, o qual só veio a se chamar assim por promover uma campanha que denegria a imagem de Marco Antônio, amante de Cleópatra, chamando-o falsamente de viciado em bebidas e infiel.

Harari (2018) traz também um relato que perdurou durante anos como pós-verdade no imaginário popular ocidental, comentando sobre a história de um menino, o qual teve seu corpo encontrado num poço, na cidade de Lincoln, em 1255. Criou-se uma *fake news*, por meio de boatos na época, de que os judeus o assassinaram em um ritual, e isso lhes rendeu anos de perseguição e massacre. Perseguições a judeus assim durante a Idade Média eram bastante comuns, custando a vida de muitas pessoas inocentes. O autor finaliza o relato ironicamente –

⁹ Traduzido do inglês “*information disorder*”.

“[...] algumas *fake news* duram apenas setecentos anos” (HARARI, 2018, p. 293) – ao dizer que apenas em 1955 a Catedral de Lincoln passou a repudiar os boatos acerca da história do menino, cujos reais motivos de sua morte nunca foram esclarecidos.

D’Ancona (2018) argumenta que ainda hoje se nega a existência real do Holocausto, da perseguição ocorrida com os judeus, os quais, por milhares de anos, foram alvo de discursos de ódio. O autor, por exemplo, ao relatar sua experiência com o mundo virtual nos dias de hoje, comenta que, ao se digitar no Google a frase “O Holocausto foi real?”, observam-se respostas assustadoras, como “nem tudo o que a história diz é verdadeiro”. Isso concorda com o que foi dito anteriormente sobre as bolhas das *fake news* e as de pós-verdade. As consequências disso são alarmantes, pois a repercussão de informações distorcidas pode levar muitos ao credo incontestável, fazendo-os deixar de refletir, de ter criticidade. Exemplo disso pode ser visto nas palavras de D’Ancona, quando traz em seu texto uma pesquisa de opinião realizada em 2014, que procurava saber se as pessoas acreditavam ou não na existência do holocausto no período nazista. Conforme as palavras do autor,

[...] uma pesquisa de opinião realizada com mais de 53 mil pessoas, em mais de cem países, mostrou que apenas um terço da população mundial acreditava que o Holocausto foi registrado perfeitamente em relatos históricos; 30% afirmaram que era provavelmente a verdade que os judeus ainda falavam muito sobre o que lhes aconteceu no Holocausto. Em um preocupante presságio para o futuro, aqueles com menos de 65 anos eram muito mais propensos a dizer que achavam que os fatos acerca do genocídio tinham sido distorcidos, incluindo, entre os entrevistados abaixo dessa idade, 22% de cristãos, 51% de muçumanos e 28% de pessoas sem religião declarada. (D’ANCONA, 2018, p. 77-78)

Retomando a ideia de crenças como ficção, Harari (2018) lembra da Grande Revolta Judaica, ocorrida por volta de 132 d. C., marco que apresentou a guerra dos judeus contra a dominação romana sobre seus povos. Para exemplificar esse ponto, o autor comenta que a crença do imaginário judeu não passava de pós-verdade, por acreditarem que Deus lutaria por eles, ajudando-os a derrubar o Império Romano, quando, na verdade, Jerusalém foi devastada e eles foram exilados. Isso dá consistência à ideia de que o credo provindo de determinados grupos ideológicos muitas vezes nada tem a ver com a realidade clara dos fatos objetivos.

Claramente, o fenômeno de pós-verdade não culmina só em crenças religiosas, mas também em vários outros aspectos da vida social, mostrando que as informações falsas podem ser veiculadas em várias esferas do cotidiano das pessoas. Harari (2018) fomenta isso ao dizer que

Religiões antigas não foram as únicas que usaram ficção para cimentar cooperação. Em tempos mais recentes, cada nação criou sua própria mitologia nacional, enquanto movimentos como comunismo, o fascismo, e o liberalismo modelaram elaborados credos que se autorreforçavam. Diz-se que Joseph Goebbels, [...] explicou seu método sucintamente, declarando que “uma mentira dita uma vez continua uma mentira, mas uma mentira dita mil vezes torna-se verdade. Em *Mein Kampf*, Hitler escreveu que “a mais brilhante técnica de propaganda não vai ter sucesso a menos que se leve sempre em conta um princípio fundamental – ela tem de se limitar a alguns pontos e repeti-los sem parar”. (HARARI, 2018, p. 294).

O guia construído por Posetti e Matthews (2018) retoma essa noção de “repetir um discurso para marcá-lo com veemência”, ao se referir à personalidade de Joseph Goebbels, mostrando o momento quando, juntamente à ascensão do Nazismo em 1933, ele criou um ministério que disseminou informações falsas a respeito dos judeus. Isso reforçou a repercussão de discursos de ódio.

Nas eleições de 2016, quando Trump foi eleito como presidente dos Estados Unidos, momento no qual o termo pós-verdade entrou em voga, vale lembrar que sua escalada ao poder se deu por meio de grandes mentiras. Uma delas objetivava derrubar sua rival Hillary Clinton. Kang e Goldman, na revista *New York Times* (2016), noticiaram a disseminação de uma *fake news*, contando uma informação falsa sobre Clinton chefiar uma corrente de tráfico humano que fazia crianças de escravas sexuais no porão de uma pizzaria, acabou resultando na ida de uma pessoa armada ao local. D’Ancona (2018) assevera suas críticas sobre Trump, dizendo que

Como candidato e presidente, Donald Trump depreciou a suposição de que o líder do mundo livre deve ter ao menos uma familiaridade oblíqua com a verdade: de acordo com o site PolitiFact, que checa informações e é ganhador do Prêmio Pulitzer, 69% das declarações de Trump são predominantemente falsas, falsas ou mentirosas (D’ANCONA, 2018, p. 20).

A conexão entre *fake news* e ficção acaba tecendo uma metáfora interessante para se observar os discursos de pós-verdade, porque a desinformação nada mais é do que a criação de uma história irreal, misturada a fatos verídicos, levando adiante interpretações distorcidas da realidade. Aí não importa a verdade, o estudo, o dizer dos especialistas, que “são difamados como um cartel mal-intencionado, em vez de uma fonte de informações verificáveis” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

Faz-se importante falar sobre a realidade brasileira, pois, assim como a política estadunidense foi corrompida por *fake news* em 2016, as eleições de 2018 também serviram de palco para a desinformação no Brasil. As notícias sobre política, por exemplo, emergiram de tal forma a levar usuários de meios virtuais a serem manipulados por outros devido à facilidade, à instantaneidade de expor as emoções alheias. Isso fez com que se criassem eventos

desagradáveis, como no caso de interações não só virtuais, mas também reais, carregadas de discursos de ódio, de assédio, de ignorância e prepotência, num embate entre os que acreditavam ser falsa uma informação mentirosa com aqueles que não abriam mão da desinformação. A população estava descrente das propostas políticas seguidas por anos afincos, sem chances de melhorias à realidade do país, o qual se encontrava em crise social, política e econômica. Acaba-se por evidenciar aí a mesma promessa de Trump que, em 2016, objetivava acalentar os sentimentos dos cidadãos, os quais desejavam e buscavam fortemente por mudanças radicais:

Esse foi o ponto: oferecer à grande massa de eleitores brancos uma série de inimigos contra quem eles poderiam se unir, uma história na qual seriam capazes de desempenhar um papel e um plano mítico de “Tornar a América Novamente Grande”. O efeito foi narcótico, em vez de racional: melhor uma narrativa fantasiosa que parecia boa do que nenhuma. No centro dessa narrativa, estava o próprio Trump [...], bastante ridicularizado pela mídia – era exatamente o que tornava a história tão sedutora. (D’ANCONA, 2018, p. 26 – grifo do autor)

É inevitável não recordar como o discurso “Tornar a América Novamente Grande” replicou no Brasil, nas eleições de 2018, em que o governo candidato reergueria o Brasil da decadência dos dezesseis anos de governo anterior. Nesse sentido, aparecia no cenário um candidato bastante repercutido na mídia, principalmente pelos seus discursos de ódio e pela disseminação de falsas informações suas e de seus apoiadores – a exemplo do kit gay¹⁰ e da mamadeira erótica¹¹. Mirthyani Bezerra (2018) apresenta em sua matéria uma afirmação do historiador e cientista político Boris Fausto em entrevista. Ele diz que

Mais do que ocultação [da história], o que ele faz é a negação do passado. Mas ele também faz a utilização do passado numa forma que interessa a ele. Com um recorte tipo 'fake news', onde não importa a verdade, não tem importância nenhuma, mas a eficácia do que se diz... (FAUSTO, 2018, n. p.)

A desinformação em uma sociedade que muito afirmou encontrar em suas palavras uma figura real, honesta e que fala o que pensa foi total e diretamente ao encontro de determinadas bolhas ideológicas que se deixaram estimular pela passividade. E conduzido na ideia de que, quando a indústria da desinformação entra em ascensão e a ciência se torna menos importante, é que D’Ancona (2018) volta a lembrar do perigo iminente disso:

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 09 mai 2019.

¹¹ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/mamadeira-erotica-de-haddad-fake-news.html>. Acesso em: 09 mai 2019.

[...] tanto na saúde pública como na política, a pós-verdade gera um volatilidade espantosa. Quando se confia menos na investigação baseada em provas do que numa coleção de anedotas e se presta menos atenção à autoridade institucional do que em teorias da conspiração, as consequências podem ser imprevistas e fatais (D'ANCONA, 2018, p. 72-73)

Discursos de ódio, cultivados na ideia de um representante que desmoralizou o politicamente correto na ideia de falar o que realmente pensa, remetem diretamente ao que apresenta Macedo (2018) em seu texto, na página Congresso em Foco: das 123 *fake news* produzidas durante o período eleitoral, 109 mostravam conteúdos que se posicionavam a favor do candidato vencedor das eleições presidenciais de 2018, de acordo com levantamento realizado pelas empresas de *fact-checking* Lupa e Aos Fatos. Além disso, o canal Deutsche Welle Brasil (2019), em texto para o site Carta Capital, apresenta uma entrevista com Diogo Rais, professor de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Nela, ele fala que os efeitos de pós-verdade podem ser perigosos quando a viralização de falsas informações parte de uma figura que representa a nação. Sobre a circulação de *fake news* no Brasil, é interessante destacar que, segundo pesquisa apresentada pela revista Exame (2017), o país está em segundo lugar no *ranking* de ignorância sobre a realidade.

Em uma matéria virtual da página Correio Brasiliense, de maio de 2018, comenta-se sobre a descrença da população ao eleger seus novos governantes:

Para o economista e consultor de Orçamento da Câmara dos Deputados, Leonardo Rolim Guimarães, a negativa da população a respeito da reforma indica que, muitas vezes, o texto não foi lido integralmente. “Elas foram muito contaminadas por informações deturpadas que ocorreram nas redes sociais, as pessoas não conhecem. (CORREIO BRASILIENSE, 2018, n. p.)

Disso decorre que o apreciado na mídia, às vezes, é levado ao patamar de verídico, quando a identidade de quem escreve sobre algo intenciona alcançar um sujeito com ideologias simpatizantes com a sua. Entranhado nessas ideias é que se pode retomar, nas entrelinhas, o conceito de pós-verdade.

Não só vieses religiosos e políticos fazem parte de bolhas ideológicas que servem para a manipulação dos seres humanos. Como lembra Harari (2018), até mesmo motivos de ordem, organização, cooperação e afinidade são pontos-chave para a criação de mitos que mobilizem a todos. Dito isso, é possível também pensar que as informações enganosas podem se consolidar em bolhas por meio da repetição, pois, quando uma informação falsa é levada a outros causando a desinformação, indubitavelmente vai fazer com que os demais possam recair na mentira

criada, repassando-a adiante e dando alicerces bem consistentes às *fake news*. E seu alicerce sempre existiu e se consolidou através de indivíduos sociais que, para suprirem seus desejos e alcançarem seus objetivos, precisavam utilizar, de alguma forma, da manipulação e da persuasão. Sendo assim, pode-se pensar que as falsas informações tendem ao fluxo contínuo, em vista de as interações sociodiscursivas entre os interlocutores serem sempre ininterruptas, instáveis e se deflagrarem bastante no cenário tecnológico, advento da ciência que coopera, inevitavelmente, para sua repercussão.

2.2 FAKE NEWS NO CONTEXTO TECNOLÓGICO E DISCUSSÕES A RESPEITO DA PROBLEMÁTICA

A problemática das *fake news* não só se deve ao avanço da tecnologia como também dela se serve. Da mesma forma que a internet pôde trazer benefícios às novas gerações, acabou também por servir como grande alvo de críticas de especialistas, os quais a veem como um perigo potencial na disseminação de falsas informações. Sendo a pós-verdade um fenômeno legitimamente sociológico, como afirma D’Ancona (2018), o fazer científico pode acabar perdendo seu valor para dar lugar àquilo que se procura acreditar. Com o avanço que os computadores tiveram desde seu surgimento, a internet, produto dessa transformação, acabou por levar muitas pessoas à comodidade, à facilidade de comunicação com os outros e também ao acesso a diversas fontes de pesquisa, pois encontrar respostas para problemas do dia a dia, por exemplo, se tornou mais rápido, instantâneo.

A tecnologia sempre floriu de uma necessidade científica de buscar pelo novo e percorreu um longo caminho na história da evolução da humanidade, mas, em alguns períodos, como na Revolução Industrial, teve mais notoriedade, em vista da aceleração pela qual a sociedade passou nos meios de produção econômica. Isso foi positivo para que se acumulasse posteriormente conhecimento suficiente para dar continuidade às novas mudanças. Exemplo disso ocorre no período da Segunda Guerra Mundial. Segundo Laignier (200?), esse momento possibilitou deixar às gerações do século XXI os computadores, os quais sofreriam modificações radicais, visando a melhorias. Consoante cita o autor, “pode-se afirmar que a história dos computadores chegou à sua fase atual (iniciada em meados dos anos 90)” (LAIGNIER, 200?, p. 60).

As informações, em seu novo suporte discursivo, ou seja, nos meios virtuais, passam a ter mais leitores, em vista da instantaneidade de sua divulgação nas plataformas digitais. Obviamente, isso não fez com que se extinguissem jornais impressos; no entanto, de forma

inevitável, no que tange ao crescimento em massa dos meios tecnológicos, é possível que alguns leitores tenham migrado para plataformas virtuais, uma vez que o acesso é mais rápido e facilitado. Contudo, é importante salientar que, segundo o site G1, ao abordar o levantamento do Ibope, em 2017, sobre quais meios eram mais utilizados na obtenção de informações, observou-se que os leitores preferem, em sua maioria, ler textos da esfera informativa por meios impressos, os quais avaliam como sendo mais legítimos, mais confiáveis. Entretanto, como apontam pesquisas da mesma agência (2014), a internet é o meio mais acessado e, por conseguinte, não deixa de ter um grande número de leitores em noticiários virtuais.

Evidenciando o contraste da ciência tecnológica com o que se tinha antigamente, pode-se dizer que os meios convencionais desse gênero informativo eram os papéis. À medida que a tecnologia foi se apropriando da internet, esses textos passaram a ser publicados em suportes digitais. Nesse sentido, os meios passaram a ser incidentais, inicialmente. No entanto, hoje em dia, com a adaptação e a acomodação humana à tecnologia, esses meios podem ser vistos como convencionais, em vista de sua popularização na atualidade. Essa observação sobre suportes convencionais e incidentais pode ser observada nos escritos de Marcuschi (2008), que, ao abordar sobre domínios discursivos, comenta que se podem identificar duas categorias de suportes textuais: uma, de convencionais, produzidos com a finalidade de abordar conjuntos típicos próprios ou característicos; outra, de suportes incidentais, os quais aglomeram textos não habituais para determinada atividade comunicativa regular. De acordo com suas palavras,

Há suportes que foram elaborados tendo em vista sua função de portarem ou fixarem textos. São os que passo a chamar de suportes convencionais. E outros que operam como suportes ocasionais ou eventuais, que poderiam ser chamados de suportes incidentais, com uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos. (MARCUSCHI, 2008, p. 177).

Claramente, tais mudanças são significativas e colaboram com o progresso da linguagem também, uma vez que a comunicação é um fenômeno instável em vista de sua heterogeneidade, pois é capaz de se adequar e de se modificar em relação aos meios e eras para se veicular de acordo com as necessidades humanas. No entanto, ocorre que algumas informações virtuais podem deixar de assumir seu contrato com a veracidade, dando menos importância aos fatos objetivos.

Embora atualmente haja notória fluidez nas informações transmitidas virtualmente, faz-se importante retomar que o fenômeno da desinformação não é algo novo; ele existe há muito tempo. O jornalista Guillermo Altares (2018) comenta, inclusive, ao fazer um percurso na história das *fake news*, que Marc Block, historiador de renome no período da Grande Guerra,

impressionou-se com o modo com que as pessoas se deixavam influenciar por falsas informações. Além disso, muito se fala sobre a dissidência entre as notícias virtuais e aquelas veiculadas no formato impresso. Isso porque, talvez, as impressas tenham renome em vista de seus padrões editoriais, o que lhes constata certa legitimidade. Entretanto, em alguns momentos, já foram criadas matérias sensacionalistas em mídia física que buscavam corromper o imaginário social com a desinformação. Exemplo disso é o caso do jornal *Notícias Populares*, que, em 1975, abordou em sua capa uma manchete bastante chamativa, dizendo que havia nascido uma criança com pelos, chifres e rabo, no Hospital de São Bernardo do Campo, em São Paulo. Esse jornal já era famoso na época por trazer notícias exageradas e lucrava bastante com isso. Segundo recorda a Revista *Veja SP* (2017), ele tinha uma grande circulação de vendas e era distribuído em várias bancas. Essa história se tornou uma lenda urbana, sendo contada até os dias atuais, e muitos ainda acreditam. Isso lembra o que Illades (2018) comenta em sua obra, sobre as *fake news* muitas vezes buscarem motivação no lucro.

Figura 3 – Manchete do Jornal *Notícias Populares*



Fonte: *Veja São Paulo*

Castro e Ribeiro (1997) comentam, porém, que antigamente, com a informação levada mais a sério por veículos que em número eram mais restritos e que ainda publicavam notícias através de plataformas mais habituais à época – a exemplo da mídia impressa –, essas informações se sobrepunham àquilo que se poderia ter como falso, pois deveriam, a princípio, comprometer-se com a política de ética e respeito com o leitor.

Os textos escritos em meios digitais servem como forma de trazer maior facilidade de acesso a pesquisas em geral – em vista da popularidade que as plataformas virtuais representam

atualmente, em contraponto aos tradicionais textos escritos em papel. Além disso, a possibilidade de haver mais interação discursiva nessas esferas é maior, em virtude da facilidade de conexão interdiscursiva. Exemplo disso são aplicativos como *Facebook* e *Twitter*.

Com a facilidade de disseminação e fluidez nas plataformas virtuais de comunicação, o concebido como “notícia”, por vezes, é divergente e pode se fazer de várias nuances, mascaradas por entonações que a levam a determinados objetivos, como o de manipular pela mentira. Os indivíduos, em interação com outros nesses meios, podem facilmente se ver manipulados por darem créditos àquilo que lhes chega primeiro ou àquilo que melhor confere com suas visões de mundo. Por isso, há de se dar atenção ao fato de que, nos dias de hoje, esse problema, junto à tecnologia, apresenta fortes marcas em seu crescimento, é mais notável e não é à toa que tem sido muito discutido, pois, com a informação se disseminando fácil e rapidamente a usuários virtuais, é possível as falsas se propagarem de maneira incontável.

Muitos pesquisadores sobre o fenômeno *fake news*, sempre ao atribuírem sua atenção a esses discursos, discutem sua disseminação em meios virtuais, em vista da rapidez com que se tem acesso hoje em dia às plataformas da comunicação digital. O grande número de páginas existentes, tanto as de comunicação quanto as de informação, faz ser possível a viralização das falsas informações e seu instantâneo compartilhamento. Renata Celi (2019) compara as *fake news* ao termo “contaminação”, ao explicar que elas viralizam de maneira tão repentina que são capazes de atingir um grande número da população.

Os pesquisadores Delmazo e Valente (2018) explicam que uma das possíveis causas para as crenças de pós-verdade talvez seja também a descrença do público interlocutor em frente aos jornais tradicionais¹². Isso é coerente ao se pensar no tocante à realidade mais próxima, a brasileira, em que muito se acredita na ideia de que a mídia tradicional é manipuladora e, por isso, não merece créditos. Dessa forma, concorrendo com veículos tradicionais, é possível também que os conteúdos acessados em diversas bases virtuais se ampliem e facilitem a leitura e o compartilhamento de *fake news* em grande escala, atingindo muitos grupos sociais.

As *fake news* se assentam, também, na crise de confiança dos leitores nos veículos tradicionais. Como registra o Digital News Report, 43% dos entrevistados confiam nos media. “Por trás dessa falta de confiança está a percepção de vieses nos media provocados pela polarização política” [segundo Newman et al., 2017, p. 29, traduzido pelos autores]. (DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 159).

¹² Concebe-se aqui como jornalismo tradicional os jornais impressos e os telejornais.

Retoma-se novamente como ponto importante a questão de que, por traz *das fake news*, há uma espécie de mercado que lucra com sua disseminação. Com o advento da tecnologia, passou a existir a possibilidade de se manipular algoritmos virtualmente no intento de se obter muitos cliques em conteúdos variados. Isso mostra que, diferentemente da mídia tradicional, a internet, em sua constante evolução, apresenta-se cada vez mais como grande potência para o fenômeno da desinformação. Como já foi dito, a exemplo da figura 3, os jornais físicos também buscavam mentir para lucrar. No entanto, não utilizavam virtualmente de códigos e operações lógicas para a manipulação, uma vez que sua única estratégia era a verbal, e não a digital. Por isso, urge a necessidade de se discutir a problemática, pois a técnica pode ser impulsionada também pela inteligência artificial. Esses elementos em conjunto, por terem uma elaboração mais complexa, podem se evidenciar de maneira mais catastrófica para a saúde social.

Obviamente, é de se destacar que a internet não tem em si apenas aspectos negativos. Os benefícios provindos de sua ascensão tecnológica fazem com que muitos nomes tomem medidas para evitar esse perigo, pois é necessário que eles acompanhem os passos desse processo de evolução científica. Dessa forma, veículos de informação que prezam pela seriedade procuram estabelecer prevenções no combate à desinformação. Exemplo disso, no Brasil, são as agências de *fact-checking* *Lupa* e *Aos Fatos*. Frequentemente elas veiculam textos buscando apresentar a (não) veracidade de uma matéria, de acordo com sua relevância. *Aos Fatos* dispõe, por exemplo, de um robô – chamado “Fátima” – capaz de realizar esse procedimento por meio de inteligência artificial, promovendo também a interação com usuários por meio de PNL (Processamento de Linguagem Natural). Por meio do aplicativo *Messenger*, do *Facebook*, é possível que alguém solicite a checagem de alguma uma informação duvidosa sob a orientação do robô.

Figura 4 – Robô de checagem da agência *Aos Fatos*



Fonte: *Aos Fatos*

A agência *Lupa*, pioneira em checagem de fatos no Brasil, por sua vez, é associada à Folha de São Paulo e é hospedada pelo site Uol. Integra a rede mundial de checadores IFCN – *International Fact-Checking Network* – e costuma vender suas checagens a outros veículos sérios de informação. Algo interessante sobre a *Lupa* é seu projeto¹³, em parceria com o Canal Futura, desenvolvido para jovens do Ensino Médio, buscando auxiliá-los no combate à desinformação, com foco na educação digital. Na página, eles fornecem *memes* para serem compartilhados em meios virtuais, em formato de selos e trilhas, com conteúdos informativos a respeito das *fake news*.

A página *Fato ou Fake*¹⁴, do portal de notícias G1, disponibiliza também de um serviço de checagem de fatos, buscando evidenciar o que é verdade e o que é mentira a respeito de variados assuntos do dia a dia. Ela substituiu a editoria “É ou não é” e promove uma parceria com outras redações – como O Globo, Extra, Época, Valor – para identificação mais rápida e eficaz no monitoramento da informação.

Como saúde também é um dos temas mais utilizados na produção de *fake news*, o Ministério da Saúde observou a necessidade de esclarecer o que é real e o que é falso sobre variados assuntos. Nesse sentido, disponibilizam, em sua página¹⁵, um número de *Whatsapp* para que a população, em caso de desconfiança, encaminhe suas dúvidas para checagem. Além disso, o grupo também publica matérias em seu site para esclarecer sobre a procedência de alguns conteúdos.

Não só matérias redigidas existem, como também outros tipos de entretenimento que procuram esclarecer a problemática das *fake news*. *Factitious*¹⁶, por exemplo, é um *game* que busca testar o senso de reconhecimento do interlocutor em frente a um material aparentemente noticioso. O aplicativo procura saber se alguém é capaz de designar o que é *fake* e o que é verdade, dentro de um conjunto de notícias apresentadas, em diferentes níveis, desde o fácil até o difícil. Essa iniciativa conta com a colaboração da *American University's GameLab* e da *School of Communication*.

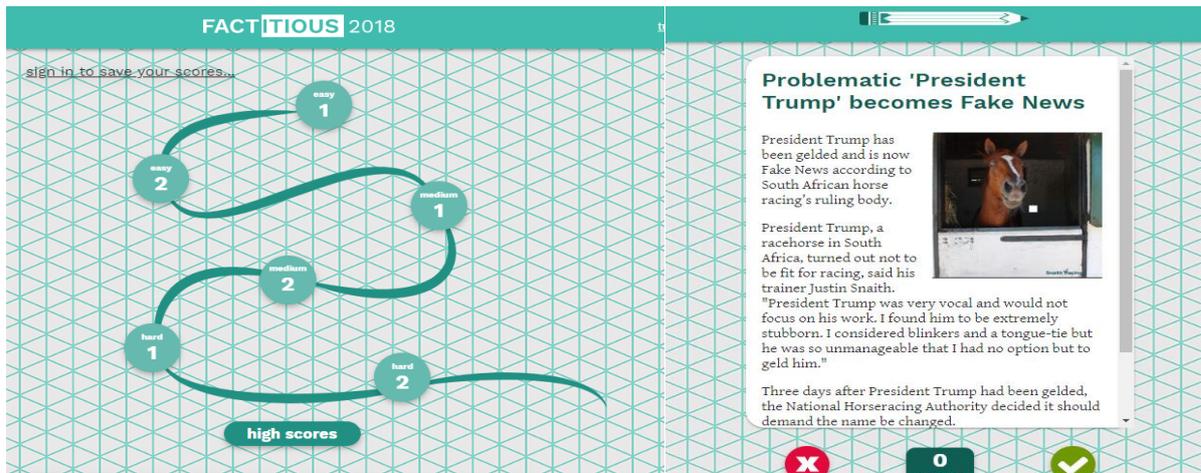
¹³ O projeto pode ser acessado através deste link: <http://fakeounews.org/>.

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>.

¹⁵ Disponível em: <http://www.saude.gov.br/fakenews>.

¹⁶ Disponível em: <http://factitious2017.augamestudio.com/#/>.

Figura 5 – game sobre fake news



Fonte: Factitious

Juntamente aos avanços tecnológicos, é necessário que haja o posicionamento reflexivo e crítico sobre essas mudanças, e muito disso deve ser combatido não só por meio de páginas e agências de checagem, mas, sobretudo, nos ambientes de formação, pois a escola é a base do conhecimento científico e, além disso, é nas instituições de ensino que condutas e valores também são ensinados. Pollyana Ferrari (2018) diz que tanto o fenômeno das *fake news* quanto o da pós-verdade só podem “ser combatidos por meio da educação, do pensamento crítico e da ética” (FERRARI, 2018, p. 74).

Dessa forma, sendo o sistema educacional um fator importante na formação dos cidadãos, o que se vê hoje, no tocante ao assunto das *fake news*, é uma grande legião de pessoas que, sem terem sido ensinadas a investigar e a criticar, replicam e reforçam a ideia de que muitas vezes, na escola, importa mais ensinar a reproduzir do que a refletir. É claro que a mídia também é grande influenciadora do discurso. No entanto, a escola é o elemento primordial na construção do conhecimento de todos os seres. Dessa maneira, critica-se não só o sistema educacional, como também as práticas pedagógicas, pois elas, às mãos de um profissional da educação, servirão como referencial para o que se produz dentro e fora desse contexto. Uma possível reavaliação nesse sistema viria de bom grado, tanto nos cursos de licenciatura, como no exercício dos profissionais da educação.

Nisso, se faz também um adendo às novas tecnologias. É necessário que a equipe de educadores, desde gestores até professores, tente caminhar junto às novas tendências tecnológicas, pois elas são e serão cada vez mais presentes e importantes na sociedade. Segundo as professoras Maria da Conceição e Tânia da Silva,

Gestores e professores podem utilizar desta ferramenta como meio de ampliar seus conhecimentos dentro da escola, de maneira a facilitar a comunicação entre os educadores e educandos da instituição e aperfeiçoando seu trabalho para melhor compreensão daquilo que é de fundamental importância a ser transmitido. Os gestores e professores não podem ficar parados no tempo, têm que acompanhar as novas tecnologias que estão surgindo, não apenas como forma de conhecimento, mas também como fonte enriquecedora de seu trabalho na instituição. (PEREIRA; SILVA, 2013, p. 87)

Em vista dessa defasagem, vê-se como inevitável tecer uma conexão com o fator do letramento. Magda Soares¹⁷ (1988) aborda-o como a capacidade de um sujeito em lidar com a leitura e a escrita, desempenhando suas competências para interpretação e compreensão textual como unidade de sentido. O letramento ocorre desde as primeiras vivências de um indivíduo em sociedade, que interage com os demais e com variados objetos, desenvolvendo conhecimento e interpretando as mais diversas atividades culturais que o cercam. Contudo, será principalmente na escola que os sujeitos irão aperfeiçoar essas práticas. É na instituição de ensino que será dada relevância à experiência dos indivíduos, no que tange às suas vivências anteriores. Assim, importa enquadrá-los à realidade escolar e formá-los para a vida em sociedade, objetivando torná-los sujeitos ativos na construção do conhecimento, a fim de proporcionar-lhes “[...] experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BNCC, 2018, p. 64).

Infelizmente, porém, o sistema educacional brasileiro, que por anos apresenta baixo rendimento em educação e ensino em seus índices, deixa a desejar, pois muitas vezes falha ao formar um cidadão crítico, pleno e consciente. O indivíduo, que poderia desenvolver suas práticas de letramento de maneira mais crítica nos ambientes de ensino, acaba tendo sua aprendizagem defasada. Por isso, esse adendo ao letramento se faz importante, porque, como destaca Francisco (2004), a sociedade da desinformação é aquela produzida por uma multidão de analfabetos funcionais.

No tocante à desinformação, é importante também atentar-se, no que diz respeito às evoluções tecnológicas, ao que se convencionou chamar ultimamente por “letramento digital”, que nada mais é que o domínio de recursos tecnológicos em suas múltiplas realizações. Infelizmente, há muitas pessoas que não sabem lidar com ambientes virtuais, as quais, além de não conseguirem realizar a tarefa de compreensão de textos multimodais, recurso muito utilizado em textos virtuais, por exemplo, não conseguem também apreciar os diversos

¹⁷ Professora da Faculdade de Educação da UFMG.

conteúdos de maneira crítica e reflexiva. Nisso, a doutora em Linguística Mauricéia Vieira (2013, p. 6), ao dizer que linguagem e tecnologia são indissociáveis nos tempos de hoje, chama atenção para o fato de também ser preciso

“[...] considerar que as diretrizes curriculares nacionais são incidentes no que diz respeito aos objetivos do ensino da língua [...]. Assim, em relação ao ensino da língua materna, não há como dissociar o trabalho com a leitura/escrita e as tecnologias disponíveis. A escola, como um dos agentes de letramento, precisa enfrentar o desafio posto a educadores e linguistas [...]. A escola é também um dos espaços sociais de formação do sujeito cidadão e, nesse sentido, faz-se necessário possibilitar ao aprendiz o desenvolvimento das capacidades necessárias ao exercício pleno da compreensão. Não há como dissociar leitura e tecnologia.

Portanto, urge refletir sobre o papel do sistema de ensino na prevenção do fenômeno *fake news*, pois muito se tem discutido sobre a importância do letramento contínuo para as novas manifestações discursivas ocorrentes na atualidade. Repensar as práticas educativas não é somente uma responsabilidade do governo, mas também de todos que participam da construção do conhecimento.

No capítulo seguinte, objetiva-se realizar uma breve revisão literária sobre o pensamento bakhtiniano. A retomada de alguns de seus apontamentos serão necessários para entrecruzar as questões dissertadas neste texto, as quais, como um todo, guiarão as futuras análises das *fake news*.

“Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem.

[...] Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa. Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse [...] é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim.”

- Mikhail Bakhtin

3 A LINGUAGEM PARA O CÍRCULO¹⁸ BAKHTINIANO: ENQUADRANDO AS FAKE NEWS

Embora Volochínov (2013) compreenda o quão difícil seja precisar o surgimento da linguagem sonora, acredita que ela passou a acontecer pelas necessidades de trabalho e de cooperação humana. O autor, em seu texto, entende que já existia uma espécie de comunicação, a exemplo dos gestos e das mímicas, mas, segundo seu pensamento, a linguagem verbal só foi possível devido às “[...] condições peculiares do trabalho na vida da humanidade primitiva” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 137). Nesse sentido, portanto, a concebe como “produto da atividade humana coletiva e reflete tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (Ibid., 2013, p. 141).

Desde seus primórdios, a fala era o instrumento principal para a disseminação de emoções, sentimentos, enfim, era a forma com que os seres sociais interagiam por meio da faculdade de se expressar. Volochínov (2013) menciona a expressão “entrecruzamento linguístico” para mostrar o processo de transformação da linguagem por meio das necessidades, e que não haveria a possibilidade de se criar qualquer cultura que não se apropriasse das inter-relações pessoais, uma vez que o homem não vive isolado, mas sim, em contato com os outros no meio social.

Dessa relação com o outro, pode-se observar a ideia de dialogismo, termo bastante notório nos escritos do Círculo. Conforme discutem Cavalcanti Filho e Vânia Lúcia Menezes (2011, p. 3), em texto para o CONEL, o conceito de dialogia “pode ser encarado como filosofia de vida, fundamentação da política, concepção de mundo, entre outras perspectivas.” Pode-se pensar também que, do termo “dialogia”, tem-se a palavra “diálogo”, a qual, para Volochínov (2018, p. 219) “[...] pode ser compreendida de modo mais amplo [...] como qualquer comunicação discursiva, independente do tipo”. Por conseguinte, essa observação do autor não deixa de remeter também a “discurso”, que ocorre sempre por meio da relação entre os seres sociais, os quais se satisfazem da linguagem na comunicação cotidiana. Frente a isso, pode-se observar que tanto linguagem quanto dialogismo são termos diretamente relacionados no conjunto das obras e, no decorrer dos escritos do Círculo, nota-se que não há intenção, nem

¹⁸ Grupo de pensadores com grande destaque por seus estudos transdisciplinares. Dentre os principais nomes, destacam-se M. Bakhtin, V. Voloshinov e P. Medvedev. O conjunto de suas obras enriqueceu, com uma visão nova e diferenciada, a linguística do século XX, motivando até hoje uma grande publicação científica nos estudos da linguagem. Tamanha é sua contribuição que muitos especialistas observam e abordam o pensamento bakhtiniano como a possibilidade de se tratar a língua sob o viés de uma metalinguística.

necessidade de classificá-los em conceitos distintos, pois eles são híbridos e heterogêneos nas relações humanas.

Dessa forma, Bakhtin deixa claro que seu objeto de estudos não tem como finalidade a língua como sistema de regras, pois a língua acontece em nível social e está em constante mudança. O autor pontua isso, por exemplo, na crítica ao objetivismo abstrato, uma das tendências do pensamento filosófico-linguístico, que compreende a unidade da língua como sistema de normas. Para Bakhtin, a linguagem é instável porque se encontra nas mais variadas atividades humanas e, por isso, está em movimento ininterrupto. O autor acentua, portanto, que a língua é discurso e carregada de sentido, além disso é sempre representativa e simbólica em uma determinada situação. Essa crítica ao formalismo mostra conhecimento do filósofo russo em relação àquilo que deseja refutar, e é sobre isso que se constrói sua teoria. Além disso, sua concepção de linguagem como organização de signos ideológicos compartilhados entre sujeitos interdiscursivos faz com que se observem os estudos bakhtinianos a partir de uma visão metalinguística.

A crítica aos formalistas russos, que pareciam não dar importância à heterogeneidade presente no discurso, e sim, ao sistema como uma construção sónica restrita ao código, contribui para criar sua definição de língua. Comentando sobre o linguista Saussure, por exemplo – embora saiba o quão notória tenha sido sua importância para o marco dos estudos linguísticos modernos – Bakhtin o contraria, quando linguista genebrino afirma que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Frente aos estudos dialógicos do Círculo, segundo a pesquisadora-doutora em Letras Laura Utrera (2019, n. p.)¹⁹, poder-se-ia dizer ao contrário, ou seja, “o objeto é quem determina o ponto de vista”. Isso porque as palavras, enquanto signos, são utilizadas como refração de algo refletido no universo do qual participam os agentes do discurso. Isso serve para evidenciar que, diferentemente do signo linguístico, o signo, do ponto de vista da teoria bakhtiniana, configura-se como essencialmente ideológico.

Vale enfatizar que Bakhtin não observa questões referentes à linguagem como um todo fechado em si, de forma estanque e acabada. Pelo contrário, no que tange ao sistema, ele demonstra compreender que a ciência dos códigos tem sua importância nas camadas de superestrutura dialógica, uma vez que ela reflete o diálogo cotidiano ocorrido nas bases da comunicação. Porém, sua crítica procura dizer que é mais consistente a língua concreta esclarecer questões pertinentes à fenomenologia social do que a abstrata. Ao criticar os limites existentes entre a poética e a linguística, ele deixa claro seu posicionamento:

¹⁹ Essa citação, dentre outras, é uma nota do Curso *Las Valoraciones Sociales y la voz. Un Acercamiento al Círculo Bajío*. Está contemplada nas referências.

Ninguém pensa, obviamente, em opor-se à afirmação segundo a qual o estudo da arte verbal necessita do aporte de uma *ciência da palavra*, isto é, da linguística. É evidente que sem o conhecimento da gramática captaremos bem pouco sobre a construção sintática de uma obra poética. Mas nenhuma gramática dirá que função teria uma determinada construção sintática na estrutura estética de qualquer obra [...]. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 215).

Volochínov (2013) aposta na linguagem como estando diretamente ligada às condições em que o homem se encontra, visto que ela “coopera involuntariamente para criar os embriões da divisão de classes [sociais] e de patrimônios da sociedade” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 144 – grifo do autor). Claramente, o Círculo não dispensa totalmente o sistema. Pelo contrário, o autor acredita que os seres sociais utilizam de elementos da língua na produção de enunciados concretos. Contudo, uma característica marcante nos textos do Círculo é investigar de que maneira esses elementos acontecem na linguagem, nas mais variadas atividades humanas. Segundo Bakhtin (2008, p. 207), o que importa é a

[...] língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins.

Vários são os propósitos da linguagem na vida concreta dos indivíduos, e isso, de certa forma, a impulsiona nos fenômenos inevitáveis do discurso. A esse respeito, um adendo se faz importante: embora comumente se conceba seres humanos como indivíduos, há de se salientar que, para os estudos do Círculo, a construção do ser individual não existe senão por intermédio da sociedade. Segundo menciona Volochínov (2018, p. 97), na primeira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*, “a consciência individual é um fato social e ideológico”. Nesse aspecto, então, é importante salientar que a linguagem é um fenômeno puramente social e que só acontece devido à interação interdiscursiva dos falantes, o que reflete a ideia de dialogismo, bastante abordada pelo Círculo.

Isso é importante para se pensar, em primeiro momento, no processo da disseminação das informações. Sendo que os discursos podem se atrelar com a finalidade de informar, com enunciados que se direcionam ao outro com intenções semelhantes, qualquer domínio discursivo, conforme cita Marcuschi (2008, p. 155), é “uma esfera da atividade humana no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas”. Sendo uma esfera do discurso, assim como tantas outras – como a jurídica, a religiosa etc. –, a esfera informativa também tem suas finalidades e características próprias que

permitem seus usuários, relacionados diretamente ao uso da língua, emanar, em forma de enunciados, suas falas, gerando ecos aos outros, criando um elo por meio da linguagem.

Sendo assim, a língua para Bakhtin e seu Círculo encontra sua raiz na construção interpessoal da identidade socioideológica, em sua ampla e heterogênea ocorrência. Na ideia de que os diálogos bakhtinianos, no conjunto de seus textos, procuram “apontar a direção geral do pensamento verdadeiramente marxista sobre a linguagem e os pontos metodológicos fundamentais que devem sustentar esse pensamento na abordagem dos problemas concretos da linguística” (Volóchinov, 2018, p. 83-84), busca-se discutir neste capítulo as *fake news* com a finalidade de apresentá-la como um dos vários problemas concretos e ocorrentes no âmbito da linguagem.

3.1 SIGNO, IDEOLOGIA E VALORAÇÃO

Ao se falar em enunciado, faz-se importante comentar previamente sobre o signo bakhtiniano. Para o Círculo, “além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, existe um mundo particular: o mundo dos signos” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93). Para o autor, o signo nada mais é que uma entidade de significação que ultrapassa a existência de tal realidade. Volóchinov comenta que, por si só, um instrumento da natureza não é um signo. Exemplifica, em dada parte de seu texto, que a foice e o martelo, cada qual tem sua presença no mundo e um significado particular; no entanto, ao serem utilizados juntos, apresentam caráter de signo, pois podem exprimir um sentido para além de suas existências. Em *A construção da enunciação e outros ensaios*, o autor explicita bem esse pensamento:

Os objetos da vida cotidiana [...] não têm nenhum significado ideológico. Nós podemos usá-los, examiná-los, estudar sua construção, especificar perfeitamente tanto o processo de sua preparação quanto sua destinação produtiva, mas, ainda que o desejássemos, não reteríamos dele mais que o próprio objeto [...] diferentemente dos signos (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 191).

Portanto, segundo o Círculo, deve-se avaliar o signo como “um fenômeno da realidade objetiva que se tornou fenômeno da realidade ideológica: o objeto se transformou em signo” (ibid., p. 192). No caso da palavra, que não é um objeto da natureza, Volochínov (2013) explicita que ela é um fenômeno essencialmente ideológico, pois, em todo ato comunicativo, os seres sociais têm a necessidade de utilizá-la para se referirem a algo no universo.

Volóchinov (2018, p. 93) retoma que “o campo ideológico coincide com o campo do signo”, compreendendo a ideia de ideologia como fator importante na caracterização do signo

em sua teoria. Para ele, “tudo o que é ideológico possui significação sgnica” (ibid., p. 93), ou seja, tudo o que tem valor no universo se torna um signo, pois é capaz de fazer referência a algo para além de si mesmo. Desse modo, a ideologia bakhtiniana se caracteriza pela refração e pela reflexão realizada por cada consciência individual sobre tudo que lhe cerca. Então, entende-se por ideologia “todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sgnicas” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 138).

Os termos “refração” e “reflexão” ilustram bem a noção de ideologia adotada pelo Círculo e são capazes de explicar suas estreitas relações com o signo discursivo de Bakhtin. Pode-se, pois, pensar que o signo “reflete” e “refrata”, simultaneamente; ou seja, o signo é o material da linguagem concretizado por meio daquilo que se pode absorver de determinado dado externo e daquilo que se pode reconstruir. Logo,

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93 – grifo meu).

Para o Círculo, a palavra é um signo ideológico por excelência porque ela é a base de toda e qualquer comunicação interdiscursiva. Ela não meramente aponta, mas sim, ressignifica, uma vez que é capaz de refletir vieses ideológicos. Na construção sgnica do discurso interior, elemento essencial do psicologismo social, a palavra é, portanto, “[...] a base, o esqueleto da vida interior” (Ibid., p. 121).

A palavra ocorre processualmente entre indivíduos, que convivem em conjunto nos atos de fala, refletindo, de forma verbalizada, variadas expressões do pensamento, as quais culminam em uma superestrutura ideológica e sgnica. Ela acontece de maneira multivariada na vida do discurso e sempre será um evento quando propriedade de uma voz no ato da enunciação. Sendo assim, o Círculo dirá que:

[...] o emprego das palavras na comunicação discursiva viva sempre  de índole individual-contextual. Por isso, pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra [...]; como palavra alheia [...]; e, por último, como a minha palavra [...]. Ela nasce no ponto de contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual. (BAKHTIN, 2018, p. 294).

Nessa configuração da palavra, ao ser proferida pelos parceiros do discurso, ela pode, conforme Bakhtin explicita acima, ser *neutra*, ou seja, estar concentrada no campo da língua

como sistema, desconsiderando-se totalmente seu uso e fazendo-se com que ela não pertença a ninguém (o que parece, até certo ponto, ser contraditório ao pensamento bakhtiniano); pode ser *alheia*, quando se torna propriedade do discurso do outro que é responsivo em relação a mim e a vários outros; e pode ser *minha*, no momento em que é singularizada por alguém no evento discursivo. Entretanto, como o próprio autor deixa a entender em sua explicação, essa categorização da palavra é simultânea em sua ocorrência. Isso porque, a partir do momento em que se utiliza a palavra como *minha*, ela já foi, em alguma circunstância, o signo ideológico de alguém e vice-versa e, também, já se encontrou no plano do sistema linguístico. Bakhtin observa, nessa caracterização da palavra *minha*, que o signo ideológico, em posse discursiva de um “eu” intersubjetivo, apropria-se na enunciação como uma palavra de autoridade, uma vez que “[...] atua como expressão de certa posição valorativa do homem individual” (Ibid., p. 294). Isso porque o sujeito se torna responsável pela palavra que carrega consigo e por sua respectiva valoração social, pois a reelabora e a reacentua com base em ecos de outros discursos que se entranham em sua enunciação. Esses reflexos discursivos sempre serão ideológicos, pois “a palavra torna-se a arena da luta de classes, a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classe orientados de modos distintos” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 197). Sendo assim, a palavra, como um ato bilateral tanto daquele que a enuncia quanto daquele que responde é muito mais que um material sonoro significante: é a manifestação de um ponto de vista.

Outro aspecto que permite observar o signo não como sistema, e sim, como construto ideológico, é a sua capacidade de mudança. “Mudar”, nesse sentido, significa “variar”, o que, na visão bakhtiniana, poderia ser apreciado como “variação ideológica”. Nisso, é importante recordar o que a teoria disserta a respeito de sinal e signo: o sinal, como objeto dos formalistas, estaria mais para o nível da decodificação. O signo ideológico, por sua vez, estaria mais para o nível da compreensão. Portanto, o signo, enquanto material concreto da língua, pode sofrer variações nas diversas circunstâncias discursivas; o sinal, diferentemente, é técnico e não admite valorações.

Nesse signo por excelência, que é a palavra, as ideologias também ganham vozes na sociedade a partir do momento em que aquele que recebe a informação deixa-se comover pelo discurso do outro com o qual construiu pontos de vistas afins, já que todo princípio do discurso contém, segundo Miotello (2016), um lugar valorativo, de posição verdadeira ou falsa. Por signo ideológico, Bakhtin o pensa como (1981, p. 10), “um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua”.

O autor discute, portanto, que a língua é discurso e só tem sentido por si só porque é representativa e simbólica em uma determinada situação. Volochínov (2013) aposta na

linguagem como estando diretamente ligada às condições em que o homem se encontra. Portanto, a ideologia como parte integrante do signo bakhtiniano não irá jamais acontecer de forma isolada. Bakhtin e seu Círculo acreditam que, se há significação sógnica, há interação interdiscursiva. Sendo assim, “o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 95). Embora o autor discuta que a consciência individualista seja sempre social, embasado no ideal de psicologismo social, acredita ser importante fazer a distinção entre o ser coletivo e o ser singular. Para ele,

É preciso sempre distinguir rigorosamente o conceito de indivíduo como ser da natureza, tomado fora do mundo social, assim como ele é estudado e conhecido pelos biólogos, e o conceito de individualidade, que, construído sobre o indivíduo natural, é por sua vez uma superestrutura ideológica e sógnica, e portanto social. (Ibid., p. 129)

É imprescindível observar também, na discussão sobre significação sógnica, a ideia de valoração, que corresponde a “valor”. Ao verbalizarem para fazer referência a quaisquer coisas externas, os indivíduos sociais sempre as valoram, ou seja, atribuem-lhes valores. Frente a isso, pode-se dizer que cada tom valorativo está diretamente imbricado no construto ideológico de suas consciências individuais. Para Bakhtin (2018), em *Estética da Criação Verbal*, a valoração tem a ver com “axiologia”, cujo termo designa os tons que cada indivíduo dá a seus enunciados para valorar determinada referência. Nesse sentido, é possível compreender que o tom axiológico, ou seja, a valoração, estabelece notórias congruências com os termos “ideologia” e “signo”, pois eles ganham vida nos enunciados, concretizando-se na dialogia incessante das diversas camadas sociais. O vocábulo, em sua sonoridade, em sua realização no discurso, não interessa ao interlocutor, pois o que realmente ele escuta são valorações sociais. Nesse sentido, como sinais, podem tornar-se signos quando em contextos de uso.

Nós percebemos propriamente aquela realidade objetiva (natural, histórica ou artística) que a palavra reflete enquanto dela é um signo. Por isso, na comunicação verbal viva, na interação verbal viva, nós não avaliamos a palavra enquanto som articulado, carregado de um significado, nem avaliamos a palavra enquanto objeto de estudo gramatical, mas avaliamos o significado, o conteúdo, o tema, incluídos na palavra por nós escutada ou lida. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 197).

Em se falando em ideologia, signo, valoração, aspectos imbricados na construção interdiscursiva, é possível observar que a linguagem é sempre reconstruída e imóvel, que o signo é “sempre mutável e flexível” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 177). Isso é observável nos diferentes tons que uma palavra pode carregar consigo em determinadas esferas sociais por meio da interlocução. Exemplo disso é o signo “balbúrdia”, nas duas ocorrências abaixo:

Figura 6 – Manchete do jornal GZH

MEC cortará verba de universidades que fazem "balbúrdia", diz ministro

Abraham Weintraub afirmou ao jornal O Estado de S.Paulo que as universidades de Brasília (UnB), Federal Fluminense (UFF) e Federal da Bahia (UFBA) já tiveram repasses reduzidos

Fonte: Gaúcha ZH (2019)

Figura 7 – Protesto contra os cortes na educação



Fonte: Paraná Portal

De acordo com o dicionário virtual Michaelis (2019, n. p.), a palavra significa “grande desordem, confusão, sarapatel, tumulto, vozeria”. No entanto, na voz do Ministro da Educação – segundo o jornal virtual Gaúcha ZH, em 30 de abril de 2019 – o termo foi utilizado com um valor diferente do dicionarizado, fazendo referência à ideia de que nas universidades a tal “balbúrdia” seriam as bagunças promovidas pelos discentes, os quais realizariam movimentos partidários, festas “com gente pelada”, como ele mesmo enunciou. Para o ministro, os estudantes deveriam se comprometer com suas pesquisas, elevar suas notas e, consecutivamente, o *ranking* da educação. Interessante que, além da réplica indireta do discurso de Abraham Weintraub, o corpo editorial marcou seu posicionamento, ao escrever a palavra “balbúrdia” entre aspas.

A resposta do público frente a isso teve diversas manifestações, como mostra a figura 7. Essa responsividade repercutiu também em redes virtuais, mostrando que a balbúrdia

discente se resumia em pesquisa e educação. Em outras palavras, essa expressão foi ressignificada pelo ministro como “nada produzir”, enquanto para os estudantes foi ressignificada como “fazer ciência”. Além disso, é importante também observar que não só os elementos verbais como também os extralinguísticos mantêm laços entre si para a construção desse enunciado dialógico e concreto: os alunos, em sua maioria, não esboçam sorrisos; parecem estar descontentes, posicionam-se frente à câmera como emburrados e incomodados, vestindo jaleco, procurando simbolizar o fazer científico. Questões assim vão ao encontro de reflexões do Círculo a respeito de dialogismo, uma vez que “todo signo é social por natureza” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 129). E a valoração que se deu a esse termo exemplificado nada mais é que a ressignificação desse signo por meio de discursos opostos, uma vez que, de acordo com o Círculo, o diálogo é sempre carregado de tensão e não necessariamente apresenta concordância entre os entes discursivos. Corrobora também a noção de que a palavra, embora seja um signo por excelência, só se faz como tal quando colocada no ato concreto do discurso, pois, “fora da enunciação, a palavra só existe no dicionário” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 195).

A expressão “*fake news*” recebe comumente valoração negativa, em vista de sua repercussão nos veículos de informação, e isso não é indevido, em se considerando suas consequências para a sociedade, a política e a economia. Ao referir-se às falsas informações, normalmente se atribui a elas uma ideia obscura, negativa. No entanto, isso ocorre igualmente no lado oposto, pois a veracidade também passa a ganhar valorações sem teor positivo, mesmo que haja agências de checagem que realizem trabalhos sérios acerca do tema. Isso pode ser exemplificado em um caso recente, como apresenta a figura 8 abaixo. Ainda relacionado à polêmica observada nas ilustrações anteriores, a página de *fact-checking Fato ou Fake*, do site G1 (2019), diz que é mentira uma foto que mostra estudantes nus em manifestação universitária. Segundo a equipe, a imagem estava descontextualizada e pertencia a um evento sobre desenvolvimento sustentável, ocorrido em 2012:

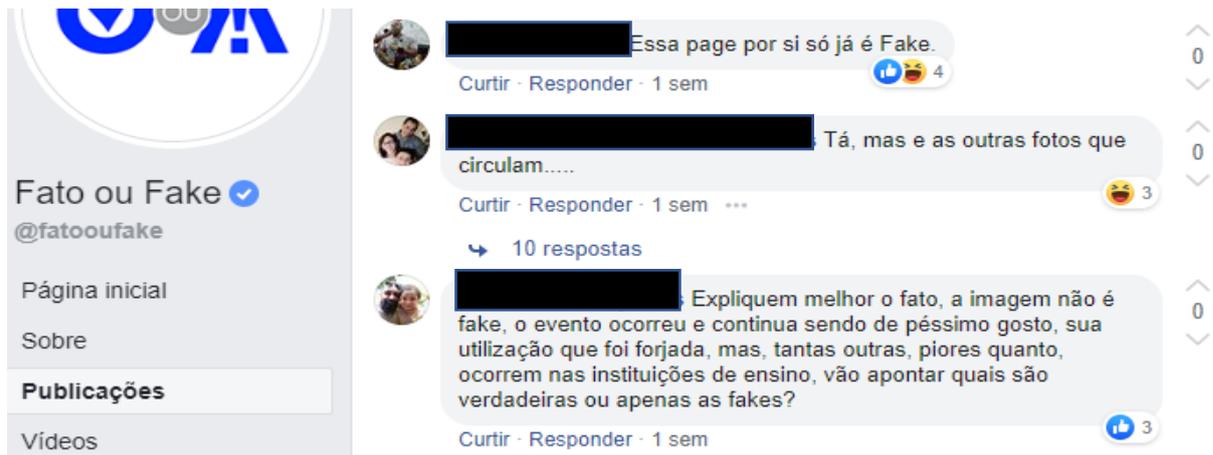
Figura 8 – Imagem falsa coletada pela página *É fato ou fake*



Fonte: G1

Em resposta a isso, na página do *Facebook* vinculada à da G1, o público respondeu ser falsa a acusação que o órgão de checagem da Globo estava fazendo, alegando que era real pessoas nuas realizarem manifestações nas universidades brasileiras. A figura 9 exemplifica algumas dessas reações:

Figura 9 – Comentários a partir da postagem da página



Fonte: página *É fato ou fake* – Facebook

Em ambas as figuras, por exemplo, é possível observar a palavra “*fake*” com valoração negativa, entre dois manifestantes: de um lado, a equipe, apontando como ficção os boatos falsos que surgiram, e de outro os seguidores, atribuindo à postagem da página um valor de mentira, ou seja, negando o inegável. Sendo assim, é possível constatar que o termo foi ressignificado de duas maneiras. A reavaliação do termo ocorreu por meio dos interlocutores ativos da enunciação, por terem vínculos estreitos com a Rede Globo. Possivelmente, a credibilidade da emissora, em 2018, foi posta à prova, quando apoiadores do atual presidente acreditaram, por algum momento, que a rede de televisão conspirava contra seu candidato. De algum modo, mesmo havendo a observação individual de cada participante dos comentários acima, todos eles compartilham entre si de uma mesma marca ideológica, de negar a ética com a verdade em vista de sentimentos e sensações em comum, marca essa que, segundo Bakhtin (2018, p. 130), “é tão social quanto todas as demais particularidades e características dos fenômenos ideológicos”.

3.2 ENUNCIÇÃO E GÊNERO DISCURSIVO

Se a palavra é, por excelência, um signo, pois é capaz de referir a algo além dela mesma, uma vez que reflete e refrata, é através da enunciação que ela poderá ser articulada de forma a

concretizar-se em discurso. O enunciado, então, é a unidade mínima de sentido na projeção da linguagem. A concepção de enunciado, logo, é encadeada a outros elementos discutidos pelo Círculo, como, por exemplo, a ideologia, o signo, o discurso.

Conforme aponta Brait e Melo (2017, p. 65), o conceito de enunciado, enunciado concreto ou enunciação – as autoras enxergam tais termos como sinônimos – aparecerá no conjunto das obras do filósofo russo e, por isso, não tem um conceito fechado e acabado em si. De acordo com suas palavras,

A concepção de enunciado/enunciação não se encontra pronta e acabada numa determinada obra, num determinado texto: o sentido e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto das obras, indissociavelmente implicados em outras noções também paulatinamente construídas. (BRAIT; MELO, 2017, p. 65).

Em seu texto *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica* (1976), por exemplo, Voloshinov [e seu Círculo] aborda de que maneira o discurso se caracteriza nas relações interpessoais. Para isso, comentam que o enunciado, por ser um fenômeno dialógico, é inevitável entre os seres sociais, que procuram sempre a comunicação para a interação. Além disso, o autor considera que não só a palavra é importante no processo de construção da enunciação, como também seu evento exterior. O discurso só tem valor como um todo se se considerar em conjunto o sistema linguístico (o aspecto verbal) e o evento discursivo (o aspecto extraverbal). Dessa forma, para esclarecer o propósito de sua visão frente à concepção de enunciado, disserta suas ideias a partir do questionamento que realiza logo no início do seu texto: “Como o *discurso verbal* na vida se relaciona com a *situação extraverbal* que o engendra?” (VOLOSHINOV, 1976, p. 6 – grifo meu). Isso esclarece a ideia do Círculo explicitada anteriormente, a de que se observar apenas a língua pela língua, ou seja, de se considerá-la apenas a como sistema imóvel de formas idênticas, não é capaz de esclarecer de maneira ampla e heterogênea a linguagem como um todo.

Nessa linha de pensamento, é possível, por exemplo, se considerar a figura 8 anteriormente exposta, como um discurso que se configura em duas situações igualmente importantes para a compreensão do fenômeno da linguagem. O texto “Se for esse tipo de ensino nas faculdades federais, é melhor cortar 90% das verbas educativas” elucidada que o discurso escrito não faria sentido por si só se apenas se considerasse o conteúdo verbal. O pronome anafórico “esse” revela ser importante ao passo que o leitor necessita fazer relação com o contexto da imagem (estudantes nus). O ponto de exclamação também tem valor nessa enunciação, indicando pontualmente que aquilo é mentira e que, portanto, deve haver prudência

ao não repassar aquele conteúdo. Além disso, não só a referência à imagem se faz necessária para a compreensão do todo, como também a alusão a discursos anteriores proferidos pelo governo. O termo “90% das verbas retoma a situação de o Ministério da Educação precisar realizar um “contingenciamento”, com redução de 30% nas bolsas oferecidas aos programas de pesquisa acadêmica. A própria palavra que se destacou entre “aspas” retoma o que foi dito anteriormente sobre valoração. Assim, é possível aferir o pensamento de Voloshinov, ao indagar sobre de que maneira o discurso verbal e o extraverbal contribuem para a interpretação do todo. Em suas palavras, portanto, é possível conceber o texto da figura 8 como uma unidade de sentido completo, isto é, como enunciado concreto, em se levando em consideração a situação de produção, o entendimento e a avaliação. Nas palavras de Voloshinov (1976, p. 7 – grifo do autor):

Este *contexto extraverbal* do enunciado compreende três fatores: 1) *o horizonte espacial comum* dos interlocutores (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela, etc.), 2) *o conhecimento e a compreensão* comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua *avaliação comum* dessa situação.

Essa concepção de enunciado “concreto” se deve à referência externa da situação linguística; portanto, significa não só ir além do aspecto linguístico, mas também apresentar-se como fenômeno essencial da vida concreta dos entes interdiscursivos.

Fazendo agora uma análise da figura 7, é possível pensar em outras questões que Volochínov aponta em seu texto *A construção da enunciação*. Nele, o autor comenta que toda parte subentendida de uma enunciação concreta, isto é, o conteúdo extralinguístico, contém em si uma situação e um auditório. Para ele, sem esses dois elementos, “não é possível entender a própria enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 159). O enunciado da figura 7 apresenta uma situação em que estudantes da UFPR esboçam, em sua maioria, uma fisionomia descontente, utilizando todos um jaleco, representando o fazer científico, e segurando um cartaz em que se encontra escrito “Fazendo balbúrdia na genética da UFPR”. Não se pode deixar de observar que esse enunciado se trata de uma resposta à fala do ministro da educação sobre os cortes nos meios acadêmicos. Nessa ideia, é possível compreender a relação do auditório, ou seja, aquele a quem o discurso é emitido, com a situação, motivada pelos agentes interdiscursivos da enunciação. A compreensão desse enunciado, portanto, só se faz possível quando compreendido o todo que acerca os agentes da comunicação. Nisso, registra-se o pensamento bakhtiniano, de que o discurso é sempre voltado ao outro e sempre suscita uma atitude responsiva do interlocutor, evidenciando que o enunciado é sempre uma cadeia ininterrupta no

elo com outras enunciações. Conforme menciona Volóchinov, na segunda parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*,

A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor [...] O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu auditório social estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc. [...] A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 204-205).

Volochínov (2013) chama também atenção para outros aspectos que circunscrevem o ato enunciativo, como o grau de proximidade com o auditório, a sua orientação, a entonação, o tema, a escolha e a disposição das palavras. Para ele, a entonação, ou seja, o material sonoro da valoração, é quem será responsável pelo vínculo bilateral da palavra. Cada enunciado dirigido, orientado a alguém, far-se-á mediante um tema que guiará o discurso e se organizará desde à escolha lexical das palavras até sua disposição sintática e semântica em uma oração constituinte do enunciado. Dessa forma, pode-se observar que, ao discursar para ser ouvido e respondido, o enunciado nunca é unilateral, ou seja, não se caracteriza como monológico, pois é sempre uma atitude dialógica.

[...] todo discurso é dialógico, dirigido a outra pessoa, à sua compreensão e à sua efetiva resposta potencial. Essa orientação a um outro, a um ouvinte, pressupõe inevitavelmente que se tenha em conta a correlação sócio-hierárquica entre ambos os interlocutores. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 168)

Nessa orientação da palavra, Volochínov disserta que a construção da enunciação está intimamente interligada com os gêneros do discurso. Para ele, o gênero é a materialização do significado. Segundo o autor, “cada tipo de intercâmbio comunicativo [...] organiza, constrói e completa [...] sua *estrutura tipo*, que chamaremos a partir daqui de *gênero*” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 159 – grifo do autor). Bakhtin, ao escrever seu texto “Os gêneros do discurso”, em *Estética da criação verbal* (2018, p. 261), explica logo no início que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e finalidades de cada referido campo [...].

Embora para o autor fique claro que, na heterogenia interlocutiva, os seres sociais, na sua individualidade, produzem enunciados particulares, Bakhtin comenta que os gêneros do

discurso são o produto do emaranhado de enunciados que evidenciam traços comuns entre si, tanto no estilo e na estrutura quanto no tema. Para ele, portanto, os gêneros são “tipos relativamente estáveis do enunciado” (BAKHTIN, 2018, p. 262) que nascem da necessidade de comunicação humana. É importante para o Círculo tratá-los como discursivos, pois, em sua concepção, o que importa é, principalmente, o uso da língua, e não apenas a forma.

Nos estudos do Círculo, o gênero ganha concepção de um construto com teor ideológico provindo de visões acerca da realidade cultural sob a qual os indivíduos estão imersos. Devido a isso, Bakhtin pensa que não deva haver um plano único e formal para o estudo do gênero, e que, assim como a sociedade se faz por meio de uma heterogenia, os fenômenos arraigados em diversos discursos possam fazer com que eles comportem grande heterogeneidade.

Os gêneros acontecem porque os entes interdiscursivos são capazes de compartilhar entre si suas ideologias materializadas em enunciados, evidenciando que esses construtos nada mais são do que fenômenos sociais. Dessa maneira, é possível dizer que eles se encontram em esferas discursivas, as quais, segundo o autor, designam-se como campos da atividade humana, pois a situação de comunicação faz o gênero. É em vista da flexibilidade da enunciação que o Círculo conduzirá o leitor à análise dos constituintes de gêneros diversos:

refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...], mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, 2018, p. 261-262)

Como se pode observar no excerto acima, os três elementos essenciais das formas discursivas relativamente estáveis são os seguintes: o tema, a estrutura e o estilo. Para o autor, a exauribilidade semântico-objetual do enunciado mostra como é possível que um tema seja amplo e diverso nas realizações discursivas sociais. Bakhtin vê o tema de um gênero como sendo os vários sentidos que um emaranhado de enunciados projeta em determinado campo do discurso. O professor Adail Sobral aponta, no entanto, que se deve ter cuidado ao designar o conteúdo temático, pois este não é sinônimo de “assunto”, uma vez que dado tema pode ser composto de vários assuntos, de outras várias unidades de sentido. De acordo com suas palavras,

Tema é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com “assunto” ou tópico: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema; logo, tema é o tópico do discurso como um todo, aquilo que ele diz para além das palavras [...] o tema pode ser

assim entendido como o que há em comum entre as diferentes situações retratadas (ou seja, os tópicos) forma um todo de sentido [...]” (SOBRAL, 2011, p. 39).

Bakhtin (2018) diz que, se os gêneros existem nas esferas sociais de comunicação, é porque neles há a presença de estilo. O autor vê a estilística do discurso como intimamente ligada ao ato da enunciação, em que, mesmo todos os seres interdiscursivos tendo um ato estilístico individual, cada enunciado concreto se torna capaz de compor um conjunto de outros enunciados dentro de um mesmo campo temático. Para o Círculo, portanto, o estilo, assim como o tema e a construção composicional, “integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2018, p. 266).

Em seu texto, Bakhtin associa estilo à língua. Para ele, o estilo é construído a partir de elementos da língua dos quais os seres do interdiscurso fazem uso para constituírem seus enunciados. Isso porque, segundo o autor (Ibid., p. 269), “[...] a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”. No entanto, faz-se importante atentar que, embora Bakhtin associe estilo à língua, ele acredita que ambos divergem entre si. Comentando a respeito disso em seu texto, e antes de dissertar sobre as diferenças entre oração e enunciado, o autor diz que

Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de fenômeno estilístico. (Ibid., p. 269)

De forma a deixar claro que o discurso tem mais a contribuir para o sistema do que o contrário, o autor, em *Questões de estilística no ensino de língua* (2013), realiza uma discussão em torno do estilo, comentando que em nada se tem a acrescentar no estudo de língua se não existe uma valorização do processo de construção interdiscursiva. Ao se observar uma oração, por exemplo, ela serve apenas de recorte de um discurso pronto e acabado. Mas Bakhtin não a vê como algo imóvel, uma vez que “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico” (BAKHTIN, 2013, p. 23). Complementando esse ponto de vista, ele diz posteriormente que “o pensamento criativo, original, investigativo, que não se afasta da riqueza e da complexidade da vida, não é capaz de se desenvolver nas formas da linguagem impessoal, uniformizada, não metafórica, abstrata e livresca” (Ibid., p. 42).

Nesse texto e em outros, como em *Gêneros do discurso, A construção da enunciação e outros ensaios* e também, de forma breve, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, o Círculo

dará destaque, ao falar em estilo, a termos como “organização”, “ordem”, “entonação”, “situação”, “orientação”. Em *Questões de estilística no ensino de língua* (2013), quando sugere uma metodologia para o estudo do período composto, Bakhtin (Ibid., p. 31) explica que, ao se omitir ou recolocar um conector, determina-se a ordem das palavras em determinado enunciado. Em *Marxismo*, Voloshinov diz que “a palavra é orientada para o interlocutor” (2018, p. 204), objetivando deixar claro que a construção do enunciado e o estilo escolhido pelos agentes do discurso acontecerá por meio da “situação” do contexto de fala. Por fim, essa “situação” é retomada por Volochínov (2013, p. 190), em seu texto “A palavra e sua função social”, de 1930, para explicar que o estilo se faz no elo entre interlocutor e auditório, em que a estrutura estilística da enunciação se organiza “por meio da entonação, da escolha e da disposição das palavras” e por meio “da relação com aquela situação específica e com aquele auditório específico”. O estilo, então, é para o Círculo um condicionante e um elemento especial para aquilo que Bakhtin (2018) chama de enunciado pleno. Assim como outros elementos que compõem os gêneros do discurso, a plenitude do enunciado se dará por meio da “exauribilidade do objeto e do sentido; projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; formas típicas composicionais e de gênero do acabamento” (Ibid, p. 281), posto que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (Ibid., p. 289).

Claramente, conforme esclarece no texto *Os gêneros do discurso*, os estilos estão sempre condicionados às diferentes esferas que acomodam as mais variadas atividades humanas. Por esferas – cabe mencionar – Bakhtin designa como campos da comunicação inter-social, onde os enunciados, de acordo com determinados conteúdos temáticos, serão sempre veiculados de maneira organizada, estabelecendo uma certa regularidade mesmo na heterogeneidade discursiva. Essa espécie de regularidade, pode-se dizer, liga-se diretamente ao que o autor designa como “forma composicional”, elemento igualmente constitutivo do gênero. Dessa forma, é possível analisar essa composicionalidade como relativa à noção de estrutura propriamente dita, como uma espécie de padrão que guia os interlocutores em sua veiculação enunciativa, ou seja, eles, (in) conscientemente, tendem a construir seus enunciados buscando orientá-los em estilos que melhor condizem com determinado discurso sob uma definida esfera comunicativa. Sendo assim, retomando as palavras de Volochínov (2013), ditas anteriormente, o interdiscurso sempre será estilizado por um interlocutor que presume seu auditório. A estrutura composicional, portanto, é entendida pelo Círculo como uma regularidade com que certas interlocuções são concebidas dentro de variados gêneros. Embora eles sejam frutos da criatividade individual, eles demonstram características, peculiaridades em comum na relação ativo-responsiva dos agentes discursivos. Adail Sobral (2011, p. 38) explica que “a relação

enunciativa é a base da escolha do gênero, incluindo, portanto, estilo, forma de composição e tema, os materiais com que se realiza, via linguagem” e alicerça sua reflexão em Bakhtin, quando diz que as formas composicionais se devem a

Determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva - com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. [...] Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente preciosos. (BAKHTIN, 2018, p. 274-275 – grifo do autor).

Em *Gêneros do discurso* (2018), Bakhtin categoriza os gêneros discursivos em dois grandes grupos: o dos primários e o dos secundários. O autor explica que essa divisão não se trata de uma diferença funcional e que essa classificação é de especial importância em um trabalho de investigação sobre a complexidade dos enunciados, em vista de sua diversidade na comunicação humana. Para o autor, saber o que difere entre eles é possibilitar a profundidade do estudo do enunciado.

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado. [...] O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação. (BAKHTIN, 2018, p. 264)

Assim, o autor, ao categorizá-los em primários e secundários, explica que a diferença entre os gêneros discursivos primário e secundário não está na funcionalidade, e sim no dialogismo em si. Refletindo-se como uma teoria da sonoridade, pois a oralidade é a matéria-prima do diálogo, remete os primários como correspondentes às réplicas do diálogo cotidiano, apresentando, em termos de aspecto, um só formato. Além disso, eles ocorrem na relação imediata com a realidade, o que faz inferir sua proximidade com os diálogos orais. Em sua composição, é mais comum a presença de um só estilo, visto que observar-se-á mais em composições enunciativas simples do cotidiano. São exemplos de enunciados primários as cartas e as réplicas.

Os gêneros secundários, por sua vez, correspondem a uma elaboração mais complexa das simples réplicas e não são sempre compartilhados por todos. Podem ser vistos também como um enquadramento dos gêneros simples, os quais perdem a relação imediata com a realidade – de acordo com Bakhtin (Ibid., p. 263), “no processo de sua formação, eles reelaboram diversos gêneros primários que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata”. Nisso, onde há mais estilos, é possível haver a concretização de um gênero secundário. Comumente Bakhtin os relaciona à literatura, pois se manifestam como um acontecimento artístico. Exemplos de gêneros secundários são as *fake news*, a notícia, a novela, o romance.

Em seu texto, é comum observar o autor tratando os primários como simples e os secundários como ideológicos. Acredita-se que isso se deva ao fato de observar estes como mais complexos e organizados e aqueles como mais comuns aos discursos imediatos do cotidiano. Além disso, reflete que os gêneros simples, por serem mais sensíveis à realidade do dia a dia, aproximam-se mais da oralidade e, conseqüentemente, em suas veiculações, pressupõem responsividade de efeito imediato. Os gêneros complexos, por sua vez, apresentam uma estruturação mais organizada e não se aproximam tanto da realidade, senão para apresentar-se apenas como reflexos dos primários. Nesse sentido, eles igualmente pressupõem responsividade, no entanto, potencialmente de efeito retardado. Sendo assim, o autor revela que são mais próximos à materialidade da escrita. Porém, é importante salientar que Bakhtin não se detém na comunicação oral como oposta à escrita, mas sim, como um fundamento importante para a concepção do enunciado escrito como um todo. O objetivo da teoria não é trabalhar com contrastes. A voz se concretiza no marco da escrita, pois elas se unem na dinâmica dos sentidos. Nas palavras da professora Laura Utrera (2019, n. p.), “o enunciado é a metáfora da oralidade codificada pela escrita, em um processo de comunicação dialógica”.

A questão que foi dissertada anteriormente, sobre o gênero primário ter mais marcada a presença de estilo individual, enquanto o secundário apresentar a acentuação de um estilo mais plural, isso é relativo. A palavra *minha*, no discurso de um gênero primário, é capaz de trazer também, como eco, a estilística da palavra *alheia*. No entanto, os gêneros ideológicos²⁰ apresentam mais acentuadamente uma heterogeneidade estilística. Bakhtin, ao dizer que a definição de estilo geral e de estilo individual merece um estudo aprofundado, explica que:

Todo estilo [...] está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado é individual e por isso

²⁰ Para o Círculo, todo signo reflete e refrata e, por isso, é ideológico. Contudo, utilizou-se “ideológicos” para fazer referência aos gêneros secundários, da mesma forma que Bakhtin os observa em *Os gêneros do discurso*.

pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente próprios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. [...] As condições menos propícias para o reflexo da individualidade na linguagem estão presentes naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada [...].” (Ibid., p. 265)

Em vista da diversidade de vozes presentes nos vários campos do discurso social, classificar enunciados relativamente estáveis, isto é, agrupá-los em gêneros discursivos, é importante para se observar a diferença de sua projeção temática em cada ato enunciativo e para compreender, respectivamente, não só o conteúdo que organiza determinada situação, mas também a esfera discursiva à qual pertencem esses gêneros. Isso torna a dialogia incessante nos atos de fala, na interação enunciativa entre os falantes. No entanto, o importante não é a função nem a classificação, mas sim o peso social do discurso na vida intersubjetiva.

3.3 DIALOGISMO NAS CAMADAS DE SUPERESTRUTURA E BASE

Bakhtin (2018) enxerga a relação de base e superestrutura como pontos crucialmente sociais e políticos. Sempre tangíveis ao discurso, explica que o princípio do dialogismo acontece através da combinação entre o macro (superestrutura) e o micro (infraestrutura), e que a compreensão desse movimento é importante em uma análise para a adequada compreensão do “processo de formação dialética efetiva, que tem início na base e termina nas superestruturas” (BAKHTIN, 2018, p. 104). Nessas palavras, o autor tem como finalidade explicar que a relação dessas duas camadas não acontece senão pelo fenômeno da ideologia ocorrente no discurso vivo e concreto. No fenômeno da comunicação, na multiforme atividade humana, a ideologia do cotidiano, ou seja, das inter-relações diárias, é responsável, em suas bases por emanar reflexos à múltiplas ideologias dominantes, em suas superestruturas.

O autor não objetiva em seu texto classificar superestrutura e base em conceitos distintos e isolados, nem esgotar as possibilidades de análises embasadas nesses aspectos; pelo contrário: como aspectos refletidos da ideologia social, política e econômica, os dois pilares são inseparáveis e desembocam entre si. Tendo consciência da complexidade na compreensão do “Problema da relação entre a base e as superestruturas”, como intitula seu texto, Bakhtin argumenta que um método proveitoso para a análise desses aspectos é a palavra como material vivo, ou seja, o signo ideológico como presente nas esferas do interdiscurso, pois ele é capaz de “refletir e refratar a existência em formação” (Ibid., p. 106). Se a relação infra e superestrutura acontece de maneira incessante em sociedade, é porque a palavra não deixa de

ser um potencial responsável pelas mudanças sociais. Assim, o filósofo da linguagem explicita que ambos os fenômenos são interligadamente produtos das relações inter-individuais, de modo a dispensar generalidades e a proporcionar uma visão articulada em uma análise que, para ser compreendida como um todo, deve sempre partir da totalidade para suas partes e vice-versa.

Na perspectiva da palavra como material nas mudanças socioideológicas – pois “o signo verbal é o caminho mais fácil e abrangente para acompanhar o caráter ininterrupto do processo dialético de mudança que ocorre da base em direção às superestruturas” (Ibid., p. 114) –, Bakhtin introduz o pensamento de que os gêneros discursivos nascem no seio da sociedade e se emancipam em forma de enunciados, os quais são relativamente estáveis em vista do caráter heterogêneo e instável da língua. Dito isso, no decorrer do capítulo de seu texto, ele deixa impressos os primeiros registros sobre tema, estrutura e estilo antes mesmo da publicação de *Gêneros do discurso*. Evidencia-se lá sua busca por esclarecer que a constituição dos gêneros em relação a toda palavra social estabelece uma relação hierárquica de base e superestrutura, na ideia de que a psicologia social é uma superestrutura que se compõem de inúmeros signos sociais advindos da consciência interindividual de cada falante, a qual comporta-se como infraestrutura. Sendo assim, ele caracteriza o gênero como um construto geral capaz de comportar unidades específicas. De acordo com o autor,

[...] a classificação das formas do enunciado deve apoiar-se na classificação das formas de comunicação discursiva. Já essas formas são inteiramente determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sociopolítico. Em uma análise mais detalhada, veríamos a enorme importância do aspecto hierárquico nos processos de interação discursiva e a influência poderosa da organização hierárquica da comunicação sobre as formas do enunciado. (BAKHTIN, 2018, p. 109).

Em crítica à noção da causalidade mecânica na explicação das ideologias ocorrentes nas camadas sociais e interdiscursivas, o problema da relação de base e superestrutura abre possibilidades de se analisar outras questões debatidas no conjunto das obras do Círculo. Assim, pode-se também aludir à classificação de gêneros em primários e secundários, dissertada pelo autor em *Gêneros do discurso*. Na leitura de seu texto, o autor parece fazer referência implícita ao entendimento de que os gêneros primários pertencem às camadas de infraestrutura, enquanto os secundários pertencem às de superestrutura. Isso fica mais claro na utilização de vocábulos como “simples” para os primários e “complexos” para os secundários, recurso que o autor utiliza na sua distinção. O que foi dito anteriormente, de que “a mudança [...] ocorre da base em direção às superestruturas” (Ibid., p. 114) alude a isso e corrobora o que ele diz posteriormente, logo após de sugerir essa classificação para gêneros:

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes); a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundaria fatalmente na vulgarização de todo o problema (o behaviorismo linguístico e o grau extremado de tal vulgarização). A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia). (BAKHTIN, 2018, p. 264).

Para o autor, os gêneros primários se referem à construção de enunciados produzidos a um nível de comunicação social mais inferior nas esferas de interdiscursividade humana. Uma conversa entre amigos serviria como exemplo. Essas espécies de discursos condizem mais com “as condições de comunicação discursiva imediata” (Ibid., p. 263). Já os secundários são gêneros mais complexos, compostos como reflexos dos primários, abrangendo os simples diálogos do cotidiano em sua totalidade. No decorrer de *Os gêneros do discurso*, por exemplo, o autor se refere bastante à questão dos gêneros literários, explicando que sua construção acontece por meio da réplica de outros gêneros que os compõem, como os primários, nesse caso. Bakhtin menciona que os gêneros secundários são o produto da reelaboração de gêneros simples diversos. Esses aspectos tornam possível a veiculação entre *primários/secundários* com *base/superestrutura*, porquanto os diversos enunciados de dada esfera sociocomunicativa se encontram nos variados constituintes de sua superestrutura. De acordo com Bakhtin,

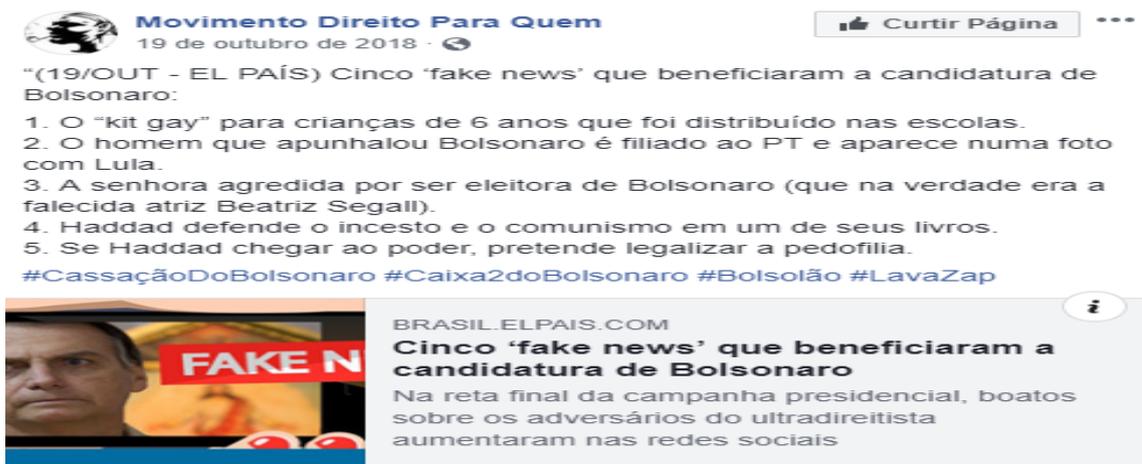
A imensa maioria dos gêneros literários é constituída de gêneros secundários, complexos, formados por diferentes primários transformados (réplicas do diálogo, relatos cotidianos, cartas, diários, protocolos, etc.). Tais gêneros secundários da complexa comunicação cultural, em regra, representam formas diversas de comunicação discursiva primária. (Ibid., p. 305).

3.3.1 O fenômeno *fake news* nas relações de infra e superestrutura

Como já foi dito, é possível dizer que os gêneros primários estão mais para a heterogeneidade dos enunciados ocorridos na vida cotidiana e os secundários, na relativa cristalização dessas enunciações. O autor percebe a importância de se dar atenção a essas diferenças da natureza do enunciado – “Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos” (Ibid., p. 263). Essa compreensão pode ser útil para se pensar, num primeiro momento, sobre a noção de ideologia, segundo bases marxistas do Círculo, e as relações com discursos que constroem a rede de *fake news* com suas respectivas consequências nos discursos de pós-verdade. Pode-se dizer que os diversos enunciados que

compõem a vida das diversas camadas sociais são importantes para a criação de um gênero que acarretará, em forma de desinformação, na criação de discursos que não tem contrato necessário com a verdade, segundo os preceitos do jornalismo. Alguém que intenciona veicular a desinformação se deixa nortear por certas ideologias, refletindo e refratando determinada realidade de forma distorcida. Por conseguinte, na construção de uma *fake news*, o discurso ali engendrado inevitavelmente será direcionado a outros que irão concordar ou discordar de maneira responsivamente ativa. Em uma resposta concordante, cria-se, então, certa crença de pós-verdade, pois aquele que recebeu a notícia *fake* passou, de forma ou outra, a dar-lhe créditos como verídica, uma vez que tal discurso encontrou espaço em seus sentimentos. A figura 10, abaixo, pode ilustrar melhor esse encadeamento discursivo, contribuindo também para explicar as relações de base e superestrutura relacionadas à construção dos gêneros primários e secundários:

Figura 10 – Post sobre notícia do jornal El País



Fonte: Facebook

A postagem acima faz referência direta à matéria publicada pelo jornal El País em 2018. Nela, transcrevem-se cinco *fake news* produzidas no decorrer das eleições presidenciais do mesmo ano. Essas notícias falsas, segundo afirma a reportagem, foram elencadas pela agência brasileira de *fact-checking* *Aos Fatos*.

Observando as *fake news* que foram produzidas a fim de beneficiar a candidatura do atual presidente, percebe-se que elas possivelmente tiveram sua construção baseada na diversidade de enunciados da vida cotidiana que convergem a respeito de um mesmo tema, com conteúdo estilístico-composicional afim. Dessa forma, é possível considerar que as *fake news* se concretizam no discurso como um gênero secundário, uma vez que “elas representam formas

diversas de comunicação discursiva primária” (BAKHTIN, 2018, p. 305 – grifo do autor). Portanto, é possível pensar que as falsas informações se cristalizam na superestrutura no decorrer da comunicação interdiscursiva, ao passo que “[...] a psicologia social se realiza nas mais diversas formas de enunciados, sob o modo de pequenos gêneros discursivos” (BAKHTIN, 2018, p. 107). É claro que da mesma forma, se foi possível haver uma relativa cristalização desses enunciados nas camadas de superestrutura, isso só foi possível pela relação direta dessas camadas com as bases da comunicação simples do dia a dia. Portanto, afirma-se com isso que essas relações são simultâneas, bem como os enunciados, que se alimentam um do outro para acontecerem no evento discursivo.

Referente aos discursos de pós-verdade, pode-se ilustrar, objetivando exemplificar a noção de base, a figura 11:

Figura 11 – Comentários a partir da postagem anterior



Fonte: *Facebook*

Inicialmente, o primeiro comentário esclarece seu posicionamento somente a partir da segunda oração, depois da *hashtag* “Lula está preso”, evidenciando que o “desespero”, escrito no primeiro período, não se deve aos reprodutores de falsas informações, mas sim, aos meios de comunicação responsáveis pela veiculação do conteúdo, temendo a vitória do candidato que concorria às eleições. O quarto comentário também se posiciona contra a reportagem compartilhada, ao dizer que a Rede Globo não é digna de confiança, sustentando que as *fake news* produzidas durante o período trazem conteúdos verdadeiros. Nesse exemplo, então, pode-se perceber que os enunciados acima concretizam-se como réplicas do cotidiano que se

configuram em gêneros primários e em discursos de pós-verdade, pois esboçam uma ideologia contrária à legitimidade dos fatos.

Embora Bakhtin promova em seu texto uma reflexão sobre a importância de se diferenciar as bases das superestruturas, não parece ser sua finalidade classificá-los como aspectos distintos. Eles acontecem numa cadeia mútua, constante e evidenciam reflexos entre si. Da mesma forma acontece com a alusão feita aqui aos próprios gêneros primários e secundários: eles existem na incessante cadeia da comunicação interdiscursiva de forma a estarem intrinsecamente interligados um ao outro: a complexidade das *fake news* como um tipo relativamente estável se deve à especificidade das variadas réplicas do discurso vivo, em diferentes esferas da comunicação interlocutiva, como se pôde observar nos comentários frente à postagem da página *Facebook*. Isso, segundo denota Bakhtin (2018, p. 305) é capaz de elucidar que “[...] todos os outros gêneros secundários [...] se valem de diferentes formas de introdução, na construção do enunciado, dos gêneros de discurso primários e relações entre eles [...]”.

3.4 FAKE NEWS COMO GÊNERO DISCURSIVO

Acredita-se ser importante, para conceber as *fake news* como um conjunto de enunciados relativamente estáveis, realizar uma comparação com o gênero discursivo notícia. Isso porque existem variadas definições para o fenômeno da desinformação, e algumas, por muitas vezes, acabam se confundindo com a informação propriamente dita. A intenção, portanto, é observar as *fake news* como gênero distinto das notícias, uma vez que seus elementos constituintes – tema, estilo e estrutura –, sua projeção enunciativa e a construção de seus enunciados apresentam características próprias e diferentes entre si. Além disso, pensa-se que distinguir um gênero de outro pode contribuir, tanto no âmbito da linguagem quanto no de outras áreas do conhecimento, para o combate à sua disseminação e, respectivamente, à pós-verdade.

Para desenvolver esse assunto, é importante fazer um adendo ao que se concebe por “*fake news*”, visto que a compreensão do termo é ampla. Nessa perspectiva, vale lembrar que, conforme observado no segundo capítulo deste trabalho, a definição do termo é imprecisa, quando se toma como base pesquisas de estudiosos sobre a temática. Conforme recorda Paganotti (et al, 2018, n. p.), essa imprecisão se deve ao termo “*fake*”, o qual, segundo os autores, “pode ser entendido como enganação, boato, distorção, truque, rumor – e falsificação. Ou seja: é uma palavra para lá de imprecisa, pois ela se refere a coisas bem diferentes entre si”.

Além disso, é interessante observar que o termo “*news*” apresenta significado bastante abrangente também. Segundo o dicionário²¹ Oxford, por exemplo, embora o verbete traga quatro possibilidades de significação relativa à ideia de informação, a noção, nos contextos apresentados, é diferente:

1. Novas informações a respeito de algo que tenha acontecido recentemente. [...] 2. Relatos de eventos recentes apresentados em jornais, programas televisivos ou em rádio. [...] 3. Uma transmissão padrão através de rádio ou televisão das últimas notícias. [...] 4. Uma pessoa, uma coisa ou um evento que é considerado suficientemente importante para ser relatado como notícia. [...]. (OXFORD, 2010, p. 1028).²²

Isso porque, embora todos os significados girem em torno da ideia de “informação”, não necessariamente essa informatividade seja a concebida comumente no âmbito jornalístico. Nos significados 1 e 4, por exemplo, o sentido se volta mais à novidade, boato, rumor, etc, enquanto em 2 e 3 a compreensão do termo se limita à transmissão da notícia como discurso circundante na esfera jornalística.

No dicionário Michaelis (2019), também é possível encontrar essa variedade de significações na tradução da palavra “*news*”, a qual pode ser tida, no português, por “notícia”, “nova”, “informação”, “rádio/tv noticiário”, “novidade”. Novamente, parece haver uma separação de “*news*” como notícia jornalística e “*news*” como novidade.

Observar isso, num primeiro momento, pode contribuir para refletir sobre o uso do termo *fake news* na vida cotidiana da linguagem. Esses dicionários trazem abordagens sobre os usos reais da língua. Pode-se afirmar que, nas diversas camadas do discurso, os parceiros da comunicação as utilizam majoritariamente como mentiras que servem de boatos. Embora haja quem esteja consciente sobre o problema, sabendo identificar um discurso como fenômeno da desinformação, há de se considerar que esses enunciados acabam quase sempre sendo repassados como “novidades falsas”. Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que o uso do termo “*fake news*”, de acordo com os significados desses dicionários, por exemplo, está mais para a disseminação da novidade enganosa do que para uma notícia que almeja enganar. A notícia, como gênero discursivo jornalístico, não tem esse intuito, como se verá mais adiante.

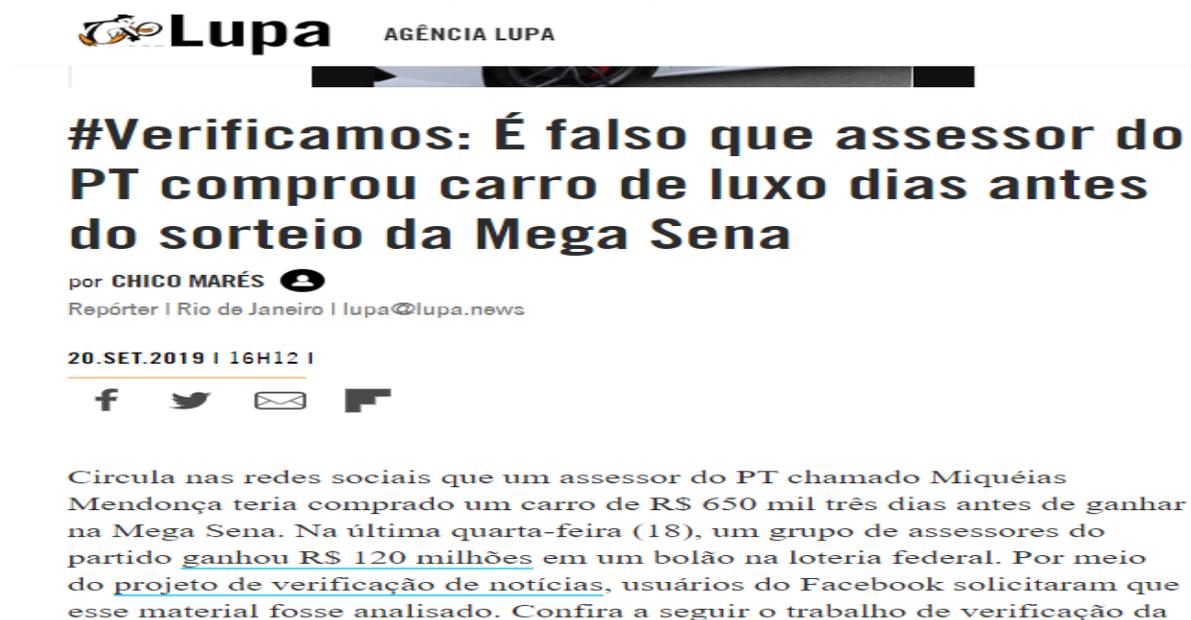
²¹ Embora o trabalho esteja alicerçado na teoria discursiva de Bakhtin e seu Círculo e se saiba que “fora da enunciação, a palavra só existe no dicionário” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 195), optou-se por utilizar palavras do dicionário apenas para fins de exemplificação.

²² Traduzido do seguinte trecho original, em inglês: “1. *New information about sth that has happened recently.* [...] 2. *Reports of recent events that appear in newspapers or on television or radio.* [...] 3. *a regular television or radio broadcast of the latest news.* [...] 4. *A person, thing, or event that is considered to be interesting enough to be reported as news.* [...]”.

Conforme aponta Paganotti (et al, 2018), a discordância entre os estudiosos do fenômeno, portanto, pode ser tida como resultado da variedade de significação do termo. Contudo, é importante salientar que, embora, por vezes, pesquisadores possam utilizar “notícia”, como tradução literal de “news”, isso não quer dizer que eles não entendam as *fake news* como objeto de informação, pois eles mesmos observam características que não são pertencentes às notícias e sabem diferir as duas veiculações.

Muito dessa confusão pode ser vista nas realizações concretas da linguagem. Por exemplo, a agência de checagem *Lupa* aparenta recair no conceito de notícia ao deflagrar uma *fake news*. O segundo trecho (destacado) se trata de um *link* que remete a uma página com o projeto da agência, intitulado “projeto de verificação de notícia”. Na manchete, utilizam a palavra “falso” para deflagrar o conteúdo.

Figura 12 – Verificação da *fake news* (*Lupa*)



The image shows a screenshot of a news article from the agency Lupa. At the top left is the Lupa logo, which includes a magnifying glass icon and the text 'Lupa AGÊNCIA LUPA'. Below the logo is a dark horizontal bar with a white arrow pointing right. The main headline is '#Verificamos: É falso que assessor do PT comprou carro de luxo dias antes do sorteio da Mega Sena' in large, bold, black font. Below the headline, it says 'por CHICO MARÉS' with a small profile icon, followed by 'Repórter | Rio de Janeiro | lupa@lupa.news'. Below that is the date and time '20.SET.2019 | 16H12 |'. There are four social media sharing icons: Facebook, Twitter, Email, and Print. The main body of text starts with 'Circula nas redes sociais que um assessor do PT chamado Miquéias Mendonça teria comprado um carro de R\$ 650 mil três dias antes de ganhar na Mega Sena. Na última quarta-feira (18), um grupo de assessores do partido ganhou R\$ 120 milhões em um bolão na loteria federal. Por meio do projeto de verificação de notícias, usuários do Facebook solicitaram que esse material fosse analisado. Confira a seguir o trabalho de verificação da'.

Fonte: Agência *Lupa*

Aos Fatos, outra agência de checagem, atribui genericamente, em suas publicações, o signo “falso” a quaisquer conteúdos enganosos. Algo que chama atenção no texto abaixo é a designação do conteúdo como “peça de *desinformação*” (grifo meu), fenômeno que tem sido bastante discutido em trabalhos científicos.

Figura 13 – Verificação de *fake news* (Aos Fatos)

É falso que The Economist elegeu Lula o governante mais corrupto da história

Por Amanda Ribeiro
20 de setembro de 2019, 12h25

Não é verdade que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito pela revista inglesa *The Economist* em agosto de 2017 o governante mais corrupto da história, como afirmam publicações que circulam nas redes sociais ([veja aqui](#)). A imagem difundida como capa do periódico não consta em seu arquivo de edições passadas e é uma montagem feita com a foto do ex-presidente. A peça de desinformação começou a ser compartilhada há dois anos e voltou a circular nas redes sociais na última semana.

Fonte: *Aos Fatos*

A organização de checagem *Boatos.org*, por meio de uma linguagem descontraída, costuma deflagrar essas desinformações com a *hashtag* “boato” e, algumas vezes, como “histórias falsas”. Nas checagens observadas, não fazem referência à “notícia”.

Figura 14 – Verificação de *fake news* (Boatos.org)

Ciência Destaque

Flor Mahameru (Arya) do Himalaia só floresce a cada 400 anos foi encontrada #boato

21/09/2019 Edgard Matsuki

APROVAR A NOVA PREVIDÊNCIA É APROVAR UM FUTURO MELHOR PARA O PAÍS.

CLIQUE E ACOMPANHE A PROPOSTA.



Boato – A nossa geração teve o privilégio de ver a flor Mahameru (ou flor da Arya). Ela é do Himalaia e só floresce a cada 400 anos. Compartilhe a foto para todos.

Existem diversos tipos de boatos na internet. Dos mais graves até que os “mais bobos”, temos como missão desmentir todos (até porque a gente acha que ninguém gosta de ser feito de otário e acreditar em coisas que não existem). Hoje, vamos tratar de uma dessas histórias que enganaram muitos “inocentes” em redes sociais.

Fonte: *boatos.org*

O Ministério da Saúde compartilha, em sua página virtual, checagens a respeito de *fake news* sobre a saúde. Em suas veiculações, eles denotam o conteúdo como “mensagem falsa”.

Figura 15 – Verificação de *fake news* (Ministério da Saúde)

Não compartilhe essa mensagem. Ela é falsa! O site é falso e funciona como "phising", isto é, cria um site para roubo de dados. Não compartilhe e não faça esse cadastro. Caso tenha feito, a recomendação é queifique a senha do seu e-mail informado.

Fonte: Ministério da Saúde

Acredita-se, então, frente ao discutido e aos exemplos anteriores, que o termo e sua significação abrangente contribui para gerar essa grande variedade de designações. Entretanto, como já dito, certamente as organizações que trabalham com a checagem de fatos reconhecem a distinção entre notícia e *fake news*, uma vez que veiculam, em suas plataformas, tutoriais, dicas e mensagens que alertam sobre o perigo da desinformação e a importância de se saber distinguir esses dois tipos de discursos. Além disso, o que essas agências fazem é veicular em suas plataformas notícias propriamente ditas para deflagrar conteúdos falsos. Outro fato interessante, como pôde ser visto acima, é que a escolha da palavra que apontará sentido ao termo *fake news* tem uma estreita relação com a plataforma em que determinado discurso está sendo veiculado. Por exemplo, na figura 15, o Ministério da Saúde solicita ao seu auditório pressuposto que não viralize o conteúdo, atribuindo a *fake news* o signo “mensagem”, como discurso comum no aplicativo *Whatsapp*. A figura 13 dá o tratamento de “peça da desinformação” ao conteúdo, atribuindo signos que o caracterizem como uma “montagem”. Por outro lado, pode-se dizer que, se a figura 12 generaliza o conteúdo falso como “notícia”, é porque certamente essa *fake news* viralizou sob diversas formas em diferentes esferas do intercâmbio discursivo. A figura 8, disponível no capítulo 3 deste trabalho, e extraída do site G1 (2019), aponta para o texto²³ em que se escreve o seguinte:

²³ O texto completo dessa referência à figura 3 está disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2019/05/20/e-fake-que-foto-mostra-estudantes-nus-em-universidade.ghtml>>.

Circula pelas redes sociais e em aplicativos de mensagens uma foto que mostra algumas pessoas peladas com a cabeça coberta em um ato. O texto que acompanha a foto diz que ‘se for esse tipo de ensino nas faculdades federais, é melhor cortar 90% das verbas educativas’. A foto, porém, foi tirada de contexto: conforme a página, “não é atual e também não mostra estudantes em uma universidade. A mensagem é #FAKE. (G1, 2019, n. p.)

Nisso, eles não atribuem o signo “notícia” ao conteúdo, mas sim o signo “mensagem”, retomando o que no início de seu enunciado utilizaram como “circula” e “[...] em aplicativos de mensagem”. Isso faz pensar que o nome atribuído a *fake news* depende também da esfera discursiva e da forma que aquela enunciação se faz dentro do contexto de comunicação. Essa afirmação se confirma também na explicação do grupo G1, quando dizem que a imagem foi tirada de contexto, pois se refere a uma matéria jornalística do jornal O Globo.²⁴

De qualquer forma, essa heterogeneidade na concepção do termo pode se dar, de certo modo, pela noção de “informação” que os significados abordam em si, pois “boato”, “novidade”, etc. não deixam também de serem enunciados projetados para informar o interlocutor. Pode-se sugerir também que a múltipla designação para o termo *fake news* contribui, de forma ou outra, para a confusão existente entre a desinformação e a notícia nos interlocutores. No entanto, é imprescindível distinguir essas duas noções uma vez que cada um desses discursos se veste de projetos enunciativos diferentes.

A variada concepção que se pode ter a respeito das palavras “*fake*” e “*news*”, em se pensando nos trabalhos do Círculo, corrobora com dois aspectos intrínsecos à teoria: a de que cada mudança na linguagem concreta desencadeia diretamente uma mudança na língua como sistema e a de que as palavras só são signos ideológicos na condição de serem contextualizadas. Para Volochínov, em *A Construção da Enunciação e Outros Ensaio* (2013, p. 93), isso se explica, respectivamente, nas seguintes palavras: “na própria estrutura da língua se reflete o acontecimento da inter-relação dos falantes” e “fora da enunciação, a palavra só existe no dicionário” (Ibid., p. 195).

Os estudos bakhtinianos são de grande produtividade para a ciência da linguagem. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2018), o autor já demonstrava uma preocupação com teorias anteriores que não se importavam com o fenômeno da língua no âmbito marxista e filosófico. Portanto, sua crítica se torna essencial e se faz, ao mesmo tempo, de uma teoria que abre um caminho amplo e heterogêneo de entender o discurso como algo intrínseco da vida

²⁴ A referência da imagem a que o grupo *É Fato ou Fake* faz referência está disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/rio20/noticia/2012/06/manifestantes-ficam-pelados-em-protesto-no-centro-do-rio.html>>.

social. Por isso é importante uma leitura das *fake news* como fator sociológico, entrelaçado a uma teoria que também é sociológica e filosófica, como a de Bakhtin.

Nesse sentido, o termo “*fake news*” se torna amplo e heterogêneo, pois, como fenômeno existente na língua concreta, é capaz de se construir sob vários aspectos, emancipando-se como material único e organizado, com certa regularidade em suas estruturas-tipo, que faz retomar a concepção de gêneros como “enunciados relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2018, p. 282). Argumentos desse tipo são importantes para designar a desinformação como um gênero distinto, porque a própria tradução do termo remete à noção de notícia, gênero com o qual em nada se assemelha. Sendo assim, valerá retomar futuramente, como procedimento metodológico, alguns aspectos do gênero discursivo notícia, a fim de apresentar que a tradução do termo e sua concepção por alguns estudiosos pode não ser fiel à sua realidade concreta no fenômeno da linguagem.

Além disso, o termo *fake news* configura-se como signo ideológico à medida que é utilizado como referência no intercâmbio interdiscursivo. E como signo, pode ser ressignificado. Um exemplo interessante disso é visível na colocação da agência de checagem *Lupa* em participação com o canal Futura, quando lançaram um projeto para jovens do Ensino Médio chamado “*Fake ou News*”²⁵. Interessantemente, o nome atribuído ao projeto utiliza uma conjunção disjuntiva que reflete o que a parceria entre essas instituições compreende e avalia por cada signo. A palavra “ou” é capaz de ressignificar a concepção de algum interlocutor que esteja acostumado com o termo “*fake news*”, designando o signo “*fake*” como substantivo, e não mais como adjetivo. Dessa forma, ao lado de “*news*”, separado por um conector disjuntivo, esses termos são abordados como divergentes, construindo, através do nome do programa, um enunciado que se torna concreto mediante à escolha e à seleção das palavras pelo grupo e, respectivamente, o efeito de sentido que é capaz de gerar em seu auditório, garantindo determinada atitude responsiva em seus interlocutores, os quais, de acordo com o objetivo do programa, devem saber distinguir uma coisa de outra para se manterem bem informados.

Como é comum essa referência de *fake news* à notícia, acredita-se necessário esboçar um panorama breve e geral com algumas observações do gênero notícia em detrimento ao fenômeno da desinformação, procurando caracterizá-lo como gênero discursivo próprio, dentro da perspectiva bakhtiniana. Para tanto, apresenta-se, abaixo, com a finalidade de ilustrar e conduzir as análises dos materiais expostos nos capítulos seguintes, um quadro resultante de pesquisas realizadas em materiais diversos, que buscam esclarecer aos interlocutores, de forma

²⁵ Material sobre o projeto disponível em: <<http://fakeounews.org/>>.

expositiva, as características das falsas informações. Sendo assim, é importante mencionar que um fenômeno discursivo far-se-á em oposição a outro²⁶ – uma vez que cada enunciado é “determinado pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (Ibid., p. 262) –, com base nos três elementos que definem o gênero bakhtiniano – tema, estrutura e estilo. Esses três elementos não serão isolados. Da mesma forma que, em *Gêneros do discurso*, o autor desenvolve observações sobre esses constituintes de forma simultânea, alguns apontamentos do quadro abaixo inevitavelmente entrelaçar-se-ão também. Entretanto, optou-se por dividi-los apenas por questão de metodologia e organização. Não se objetiva esgotar discussões a respeito das características de ambos os gêneros e os múltiplos caminhos que podem conduzir um trabalho sobre o tema.

Quadro 1 – Quadro comparativo – *fake news* x notícia

ELEMENTOS		GÊNERO	
		<i>FAKE NEWS</i>	NOTÍCIA
		Secundário	Secundário
TEMA	1	Objetiva desinformar persuadindo, com uma tentativa de aproximação do objeto e do interlocutor, estimulando-o à replicação de discursos de pós-verdade e buscando nele uma resposta imediata	Objetiva informar esclarecendo, apresentando um certo distanciamento do objeto e do interlocutor, preocupando-se na repercussão dos fatos, causando, algumas vezes, uma atitude responsiva de efeito retardado
	2	O objeto semântico é menos exaurível, conduzindo o discurso para ser veiculado em plataformas diversas, com conteúdo travestido de verdade que visa enganar, surpreender ou comercializar uma falsa ideia ou produto	O objeto semântico é mais exaurível, conduzindo o discurso para ser veiculado em plataformas jornalísticas, com conteúdo que visa esclarecer determinados fatos através de um ponto de vista mais verdadeiro possível
ESTILO	3	Em textos verbais, há entonação mais instável, com linguagem menos padronizada segundo às normas (sensacionalismo, adjetivações, presença dos sinais de interrogação e exclamação, de figuras de linguagem, etc.) em paralelo com textos não verbais, apresentando, por sua vez, formas e figuras exageradas, emojis, abuso de cores, etc	Entonação mais estável, primando pelo uso de ponto-final, vírgula, com tom mais pontual e objetivo, prezando pelas convenções normativas em textos verbais, em vista da marcação do acento de valor por um discurso que segue normas editoriais. Pode fazer paralelos com textos não verbais (a exemplos de fotos/imagens representativas de algum tópico da lide)
	4	Há a presença de falácias, com argumentos de autoridade, de evidências e de princípios, marcando um discurso mais opinativo	O texto apresenta discurso objetivo, tentando se aproximar de uma descrição mais imparcial

²⁶ Ainda assim, não se pretende expor totalmente de forma estanque os dois tipos discursivos, uma vez que, mesmo sendo diferentes, compartilham funções em comum entre si.

CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL	5	O discurso não linear se volta mais para a argumentação discursiva e/ou se faz de um híbrido entre outros tipos de escrita, recorrendo à multimodalidade de forma acentuada, em que imagens, áudios, vídeos e textos escritos colaboram para a disseminação conjunta da desinformação	O discurso verbal linear se volta para a descrição discursiva, não representando linguagem com caráter multimodal acentuado, procurando informar apenas por texto escrito
	6	Marca o discurso por assinatura ilegítima ou não apresenta assinatura	Marca o discurso por assinatura legítima do autor ou do grupo editorial

Fonte: do autor

Primeiramente, faz-se importante explicar a classificação desses gêneros em secundário. Em linhas gerais, a notícia caracteriza-se como gênero secundário, pois sua elaboração parte de reflexos advindos das infraestruturas cotidianas, ou seja, sua produção se faz por meio de um recorte da realidade das variadas situações diárias. Por sua vez, as *fake news* podem ser designadas igualmente como gênero *secundário*, pois sua produção também é resultante das inter-relações dialógicas do *cotidiano*. Essas questões poderão ser melhor visualizadas na análise do material coletado (capítulo 4).

Em (1), as *fake news* organizam sua enunciação objetivando enganar os parceiros do discurso com a mentira, enquanto a notícia busca informar. Isso porque a notícia é presente na esfera jornalística e objetiva sempre levar aos interlocutores a narração de um relato sob um ponto de vista que corrobore a ética dos jornalistas, buscando oferecer-lhes a informação. Essa ética corrobora o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e a ABI – Associação Brasileira de Imprensa, em seu 7º artigo, como explicado no capítulo 2. Nisso, é importante lembrar que, claramente, a realidade sempre será narrada por meio de um ponto de vista subjetivo. De acordo com Volóchinov (2018, p. 129), isso acontece porque “Cada produto ideológico carrega consigo a marca da individualidade do seu criador ou de seus criadores [...]”. No entanto, o locutor da notícia buscará prezar pela objetividade, afastando-se ao máximo do objeto observado, na tentativa de se posicionar de maneira imparcial ao seu auditório, buscando justamente a pontualidade com os fatos narrados. Mesmo que a noção de verdade seja complexa e, por isso, a notícia não poderia ser configurada como a realidade total, ela sempre buscará projetar o retrato mais fiel da realidade no intercâmbio comunicativo. Bakhtin frisa a importância do “eu” em conjunto com o outro para a composição da vida do discurso, mas faz uma observação importante sobre a *objetividade* – termo muito utilizado neste trabalho como característico das notícias:

O individual e o subjetivo neste caso ficam em segundo plano frente ao socialmente objetivo. [...] Logo, o social em sua base é plenamente objetivo: trata-se antes de tudo de uma unidade material do mundo, que forma parte dos horizontes dos falantes [...], e da unidade das condições reais da vida, que geram a comunidade das valorizações. [...] um “eu” somente pode realizar-se na palavra se se apoia nos “outros”. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 80)

As *fake news*, por sua vez, parecem estar informando, em suas manifestações discursivas. No entanto, conforme já foi dito no decorrer do texto, elas desinformam, tendo em seu projeto enunciativo uma função distante da notícia. Nela, não há um contrato com nenhum código de ética e, por conseguinte, não existe uma preocupação com a verdade. Logo, enquanto o discurso da notícia leva em consideração que “o individual e o subjetivo [...] ficam em segundo plano frente ao socialmente objetivo” (Ibid., p. 80), no fenômeno da desinformação as ideologias particulares vão ter mais vozes, inutilizando os fatos, parecendo deixar em primeiro plano o viés subjetivo de quem cria e pretende disseminar *fake news*. Embora a manifestação da palavra, que é sempre sociológica para Bakhtin, não se perca, a crença sempre prevalecerá em primeira instância perante a realidade objetiva, até pelo fato de esse fenômeno desembocar inevitavelmente em pós-verdade, em que a crença e os apelos às emoções são mais válidos que a realidade tal como ela se configura na sociedade. Isso remete às palavras do Círculo, que, mesmo pondo o socialmente objetivo em primeiro plano, não desconsidera o produto ideológico como marca individual, uma vez que entende que “cada produto ideológico carrega consigo a marca da individualidade do seu criador ou de seus criadores” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 130).

Na ideia de dialogia, pois todo discurso “é determinado tanto por aquele de quem a palavra procede quanto por aquele para quem se dirige” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 204-205), pode-se dizer também que as notícias, por dirigirem sua enunciação de forma linear e objetiva, criam certo afastamento do leitor, enquanto as *fake news*, por se basearem em um ponto de vista mais subjetivo, abrem um certo espaço de aproximação àqueles a quem se dirige. Exemplo disso é a utilização da segunda pessoa, no modo imperativo, na tentativa de construir um diálogo com seu possível auditório, do qual espera uma certa atitude responsiva imediata. Na notícia, mesmo havendo uma preocupação com sua repercussão, não parece haver um interesse numa resposta imediata. De qualquer forma, Bakhtin explica isso, ao dizer que, “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2018, p. 272). Nessa linha de raciocínio, segue seu texto argumentando que “os gêneros de complexa comunicação cultural, na maioria dos casos, foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado” (Ibid., p. 272).

Algo interessante a esse respeito parece estar também não só no tema do conteúdo, mas na esfera, no que tange à responsividade. Ao se pensar nas *fake news*, como estando mais restrita aos meios virtuais, pode-se refletir que elas geram efeitos imediatos não só pelo fato de serem compartilhadas para rápida disseminação, mas também pelo fato de serem disponibilizadas em aplicativos ou páginas onde a interação entre os parceiros do discurso é mais intensa. Em aplicativos como *Facebook* e *Whatsapp*, por exemplo, ao se divulgar uma falsa informação, pode-se ter uma resposta imediata com o locutor, a respeito do conteúdo que ele compartilhou. No entanto, ao se pensar na esfera discursiva, a notícia pode também representar imediata responsividade de seu interlocutor, pois pode estar presente também em páginas virtuais, uma vez que a notícia impressa, no decorrer da história, migrou para as plataformas digitais, onde os usuários cada vez mais podem interagir com o locutor e seu conteúdo.

Em (2), a questão da (in) esgotabilidade de um discurso como um todo faz lembrar as palavras de Bakhtin (2018, p. 281), quando diz que a inteireza do enunciado

que assegura possibilidade de resposta (ou de compreensão responsiva), é determinada por três elementos (ou fatores) intimamente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.

Bakhtin diz que os enunciados apresentam uma certa conclusibilidade em vista de seu relativo acabamento, pois todo discurso é dialógico e, por isso, também pressupõe a réplica de outros discursos, que se configuram sempre como um evento. As *fake news* tem objeto semântico menos exaurível, pois o tema que conduz sua projeção enunciativa é maleável, flexível e menos esgotável em sua construção enunciativa. Ou seja, a vontade do “eu” subjetivo, que condicionará seu enunciado sob determinada projeção, é capaz de determinar a ideia que permeará seu discurso. Nas palavras de Bakhtin (Ibid., p. 281-282):

Imaginamos o que o falante *quer* dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) e que medimos a conclusibilidade do enunciado. Essa ideia determina tanto a própria escolha do objeto (em certas condições de comunicação discursiva, na relação necessária com os enunciados antecedentes) quanto os seus limites e a sua exauribilidade semântico-objetiva. Essa ideia - *momento* subjetivo do enunciado - se combina em uma unidade indissolúvel com o seu aspecto semântico-objetivo, restringindo este último, vinculando-o a uma situação concreta (singular) de comunicação discursiva, com todas as suas circunstâncias individuais, com seus participantes pessoais, com as suas intervenções – enunciados antecedentes.

Disso, pode-se compreender que a vontade do “eu” interdiscursivo determina certa responsividade do seu auditório pressuposto. Assim, a escolha do tema fará o enunciado

apresentar certa conclusibilidade no todo da cadeia discursiva. Dessa forma, pode-se observar as *fake news* como menos exauríveis por dois motivos: primeiro, sua repercussão se dá de forma instantânea pelos meios virtuais, objetivando o rápido compartilhamento entre os parceiros da comunicação; segundo, sua projeção, ao ser propagada, gera conflito, questionamento, alvoroço. Como o conteúdo se traveste da verdade, as possibilidades de se esgotar esse enunciado, no discurso como um todo, são pequenas, uma vez que se quer surpreender enganando. Nessa perspectiva, as *fake news* geralmente apresentarão, no interior de sua enunciação, partes distorcidas do conteúdo divulgado.

Diferentemente, o objeto semântico da notícia tem uma relativa conclusibilidade, é mais acabado em sua forma, tendo como ponto de partida não a desinformação, mas sim, o fato objetivo. Ou seja, o recorte da realidade, por meio de um ponto de vista igualmente intersubjetivo, parece fazer uma apreciação do objeto de forma mais distante, buscando, no máximo possível, um relativo afastamento da parcialidade. A notícia pertence à esfera informativa e jornalística, tendo a finalidade de informar, apenas. Talvez por isso pareça ser mais exaurível sua condição de tema na enunciação, pois quer informar e atribuir à informação um certo estatuto de incontestável, não desejando abrir excedentes para distorcer o conteúdo enunciativo. Além disso, não necessariamente visa um diálogo com o leitor, esperando dele uma atitude responsiva imediata.

As *fake news*, diferentemente, não acontecem em plataformas jornalísticas legítimas. Isso porque elas podem se emancipar em diferentes tipos de enunciados, desde imagens até vídeos falsos, não se limitando ao texto verbal, como ocorre majoritariamente com as notícias. No entanto, também têm a preocupação de disseminar conteúdos com relativas relevâncias, que, embora sejam falsos, não tratam de assuntos quaisquer. É importante chamar atenção para o fato de que, embora não se disseminem na esfera jornalística, elas, de acordo com Paganotti (2018), por vezes imitam o fato informativo, pois sua intenção é ganhar credibilidade, utilizando às vezes de recursos que fazem com que se pareçam matérias jornalísticas. Isso remete à teoria bakhtiniana, nas palavras de Bakhtin (ibid., p. 21): “a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o caráter do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como também destrói ou renova tal gênero” (Bakhtin, 2018, p. 268). Nesse sentido, poder-se-iam ver as *fake news* como um discurso renovado, remanescente do gênero notícia, talvez por buscar a função da informatividade, uma das principais causadoras da imprecisão existente em diferenciar a verdade da mentira. De qualquer forma, o que designa o gênero é seu projeto enunciativo, determinado pela construção do enunciado, pois, de acordo com Bakhtin (Ibid., p.

289), “é o primeiro momento do enunciado que determina suas peculiaridades estilístico-composicionais”.

Em (3), no que se refere ao estilo, pode-se conceber os discursos do gênero *fake news* como mais próximos da linguagem coloquial, no sentido de que, quando construídos por meio de textos verbais, predomina uma linguagem que, aparentemente, não se preocupa com aspectos normativos da língua. Diferentemente da notícia, há certa preocupação com a forma padrão, no que tange à escrita. Isso porque também o gênero, por ser veiculado na esfera informativa, segue determinados padrões de seus respectivos grupos editoriais. Então, enquanto nas *fake news* é mais possível a presença de erros ortográficos ou gramaticais, nas notícias serão prezadas as normas da língua regente.

Outros aspectos também são peculiares às *fake news*. Enquanto no ato de desinformar possa haver pontos de exclamação e interrogação, objetivando marcar a entonação do “eu” intersubjetivo que se posiciona ideologicamente, buscando certa responsividade; uma linguagem sensacionalista, com uso de advérbios e adjetivos; a notícia, por sua vez, primará pelo uso de sinais como ponto-final no posicionamento ideológico do editorial, apresentando frases declarativas cujo conteúdo mostra a verdade de um ponto de vista que busca o máximo possível de imparcialidade, não esperando necessariamente uma atitude responsiva imediata do interlocutor.

Há também o uso de textos não verbais, e isso pode ser visto em ambas as construções discursivas. Nas *fake news* e nas notícias, no entanto, a utilização desses recursos será diferenciada, pois naquelas o discurso verbal parece ser mais engendrado por multimodalidade enquanto nessas o aspecto verbal é construído majoritariamente pelo o código escrito. Talvez o uso de mecanismos verbovisuais no ato da desinformação seja mais interessante ao auditório e, igualmente, possa revelar efeitos de surpresa no interlocutor. Na informação jornalística, o acento de valor se baseia na ideologia dominante de um editorial, que prediz um código de ética, em que o jornalista responsável pela matéria procura se ausentar relativamente do objeto refletido. Há, notadamente, em muitas notícias, o uso de imagem, mas, diferente das *fake news*, essa imagem refletira um objeto recortado da realidade. O fenômeno da desinformação é também um recorte da realidade, mas a imagem utilizada em sua construção é mais acentuada com valor, mais enviesada de forma a esclarecer pontos de vistas pessoais. Algo interessante de se chamar atenção nesse caráter não verbal do discurso é que nas *fake news* a distorção da verdade se fará bem presente em imagens por meio de montagens e de descontextualização, por exemplo. Nessa perspectiva, como no caso de áudios e vídeos, já existem estudos que observam

sobre os caminhos inevitáveis pelos quais esse gênero parece estar caminhando, como é o caso da *deep fake*.

Esse diálogo multimodal e discursivo remete às palavras de Bakhtin, quando o autor chama atenção para os subentendidos, outro constituinte do enunciado concreto. Nas *fake news*, parece haver mais a presença de subentendidos, enquanto nas notícias as interpretações levadas aos interlocutores parecem estar mais marcadas na língua, por pressupostos. Isso porque certamente os subentendidos buscam invocar sentimentos de pós-verdade em seu auditório presumido, fazendo-lhes subentender questões que possam vir a despertar sentimentos diversos. Na notícia, em geral, eles não são presenciados, pois o código escrito deve se responsabilizar por aquilo que se objetiva esclarecer ao interlocutor.

Visto que “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo” e que “é a esses gêneros que correspondem determinados estilos” (BAKHTIN, 2018, p. 266), é possível afirmar, portanto, que o estilo é diferente na condução de cada um desses gêneros. Nas palavras do autor, ele é o principal condicionante do gênero, e a sua escolha, desde a marca sonora da valoração – ou seja, a entonação – até a seleção e disposição das palavras no uso concreto, será realizada em conjunto com um auditório presumido, visto que todo discurso é organizado com base em uma plateia pressuposta. Nesse sentido, é importante salientar que não só o estilo individual concretiza a enunciação, mas também, o estilo plural, entrelaçado ao eco dos estilos alheios. Embora Bakhtin (Ibid., p. 262) aborde sobre o fato de cada enunciado se emancipar de forma individual, ele diz que isso só é capaz de acontecer graças ao campo de utilização da linguagem, sempre interindividual. Da mesma forma, ao comentar sobre o estilo individual, leva o leitor a refletir se esse estilo realmente é particular, uma vez que, em se pensando na notícia, observa-se que há a narração de um ponto de vista subjetivo, mas que segue um passo a passo de um grupo editorial. Também pode-se refletir sobre isso no campo das *fake news*: elas se constroem por um “eu”, mas por ser um “eu intersubjetivo” elas se constituem de ecos alheios, carregados de estilos dos outros, que contribuem, de alguma forma, para a sua construção.

Em (4), o estilo do enunciado das *fake news* é construído de forma a opinar, enquanto o da notícia é construído de forma a narrar. Nessa projeção, pode-se dizer que isso acontece porque o interlocutor, ao desejar desinformar, aproxima-se do objeto sobre o qual constrói seu discurso, aproximando-se também, ao mesmo tempo, do seu interlocutor, buscando um coral de apoio que sinta, em efeitos de pós-verdade, sentimentos suscitados pelo seu discurso. O jornalista quer narrar por meio de um afastamento do objeto e de seu interlocutor. Claramente, ele se preocupa com a disseminação do conteúdo para o bem-estar consciente. No entanto, quer

ter a certeza de que o seu parceiro interdiscursivo se informe, e isso é o suficiente, uma vez que cumpra com seu propósito. Nesse embate, nas *fake news* poderá haver o uso de argumentos de autoridade, de evidências ou de princípios, mas de forma falaciosa, já que intencionam desinformar. As notícias, de outro lado, buscam uma narração, cujo principal objetivo é se utilizar de evidências sem teor opinativo.

Noções sobre empatia e exotopia podem contribuir para se compreender a funcionalidade desses gêneros. Bakhtin (2010) diz que o locutor, no projeto de sua enunciação, deve se aproximar do outro – seu interlocutor – colocando-se em seu lugar, com empatia. No entanto, na tentativa de uma compreensão global de seu ponto de vista, precisa distanciar-se para uma devida apreciação ética e responsiva. Isso é interessante para se pensar na função do tema das *fake news*, que se entranha diretamente com o estilo de sua projeção: o locutor, ao construir um conteúdo falso para disseminá-lo como verdade, observa o que acontece ao seu redor, não só o que as pessoas comentam a respeito dos fatos repercutidos, por exemplo, na mídia, mas o que a própria mídia discorre sobre eles. A partir disso, observando, a responsabilidades dos demais frente àquilo que lhes cerca, afasta-se deles, mesmo que por um momento, para criar seu discurso distorcendo a verdade, ressignificando esses dados objetivos e subvertendo-os de forma a acariciar suas crenças, o que acaba, inevitavelmente recaindo em discursos de pós-verdade. Dinaura Batista da Silva (2013, p. 1), pesquisadora do PPG em Estudos da Linguagem, da UFMG, explica que, “do ponto de vista do enunciado, exotopia refere-se ao sentido de se situar em um lugar exterior” e, sendo assim, “trata-se então da diferença entre dois olhares, entre dois pontos de vista”. Essa noção de excedente de visão, na obra bakhtiniana, é importante, pois corrobora a ideia de que o enunciado, como construto estético, é produto da parceria interdiscursiva, em que está entranhado sempre uma noção de múltipla responsividade entre todos participantes do discurso, pois a palavra é um ato bilateral e é construída sempre em conjunto do “eu” para o outro, do outro para mim. Bakhtin (2018, p. 23) concretiza essa ideia de excedente de visão assim:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

Dessa forma, colocando-se no lugar do outro, é possível constatar a ideia do auditório pressuposto na construção de qualquer enunciado. Fazendo-se isso, o locutor será capaz de

veicular um discurso falacioso que abrace os ideais de seu interlocutor, aproximando-o de sua bolha ideológica, como acontece no ato da desinformação. Como o locutor presume o outro, a quem dirige sua palavra, constrói seu discurso desde a entonação até a seleção e disposição dos signos em seu texto, enfatizando a ideia de que onde há estilo, há gênero. Se, nas palavras de Bakhtin (2018), o texto se determina pela intenção e pela realização de intenções variadas, serão as inter-relações entre os agentes do discurso que definirão sua construção e sua projeção, pois “o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos” (BAKHTIN, 2018, p. 311).

Em (5), as *fake news*, como já fora dito, recorrem à multimodalidade para construir sua enunciação, formando, por conseguinte, um enunciado concreto, em que imagens e formas colaboram conjuntamente com a parte verbalizada e a parte subentendida para a formação do todo. Na organização desses discursos, estão embutidos argumentos que denotam posições ideológicas. As notícias, por sua vez, optam principalmente pelo discurso verbalizado, utilizando imagens apenas quando forem pertinentes – como, por exemplo, para ilustrar um dado da realidade narrada. Nelas, o posicionamento ideológico se dá de forma narrativo-descritiva e não persuasivo.

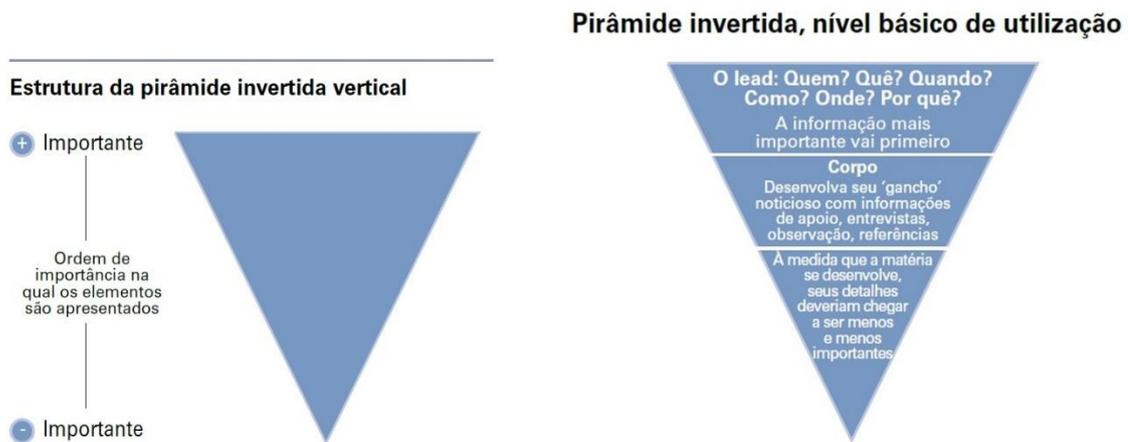
É difícil as *fake news* apresentarem uma estrutura linear na sua construção, diferentemente da notícia, a qual procura seguir uma ordem de fatos a serem narrados. As notícias parecem ter um projeto enunciativo mais elaborado, no sentido de que organizam seus discursos de forma linear, desde os dados mais relevantes até os menos importantes, onde o responsável por essa realização enunciativa se emancipa pela voz conjunta e abstrata de um grupo editorial. Obviamente, as *fake news* também têm organização. Contudo, seu discurso coloca todos os argumentos como relevantes, não seguindo necessariamente a mesma ordem das informações propriamente ditas. A questão da oralidade, dos gêneros simples do dia a dia, pode servir de exemplo para isso: a voz dos outros se entrecruza de várias formas, não refletindo necessariamente uma linearidade na construção das *fake news*. Talvez por isso o projeto enunciativo da desinformação não se preocupe com a ordem com que o discurso será levado aos interlocutores.

A questão de organização do discurso permite dizer que as notícias são melhor organizadas porque elas se preocupam com a forma com que o interlocutor receberá e compreenderá as informações. Não é pretensão do jornalista distorcer um fato à comunidade a quem se dirige, e por isso se veem tantos veículos informativos se importando pelo esclarecimento das *fake news*. Por outro lado, ao desinformar, procura-se replicar e discutir o fato distorcido. O locutor quer passá-la adiante, mas não necessariamente tenha a mesma

preocupação da notícia. Sendo assim, o mais importante não é como o leitor organizará as informações recebidas, mas sim, como ele contribuirá para a valorização e a disseminação de um discurso falso como verdade.

A notícia, em sua manifestação verbal, apresenta uma certa estrutura-tipo bastante comum no meio jornalístico. Nela, o locutor cria seu discurso organizando os fatos desde os mais importantes até aqueles menos relevantes, buscando conduzir o interlocutor à apreciação dos fatos narrados de forma linear. A figura abaixo é capaz de sintetizar essa ideia bastante comum na esfera informativa.

Figura 16 – Pirâmide invertida na notícia



Fonte: Blog Oficina de Jornalismo

Nesse modelo, preza-se por uma ordem de fatos. Nele, aquele quem se responsabiliza por determinada matéria é capaz de conduzir seus leitores por uma organização que o levará a dar importância àquilo que, de seu recorte, julga mais necessário para a compreensão do fato. Dessa forma, o mais importante estaria na base com as informações do lide, enquanto o menos importante estaria no topo. Assim, tem-se o sistema de pirâmide invertida.

Vê-se como importante essa observação para uma simples, mas interessante, comparação com o fenômeno das *fake news*. Nas falsas informações, não há necessariamente uma ordem de fatos, produto da preocupação do jornalista. Sendo assim, as perguntas relativas à compreensão do lide – como “quem”, “que”, “quando”, “como”, “onde” e “por quê” – não são todas esclarecidas, uma vez que as *fake news* não necessariamente mostram preocupação com a precisão da forma com que as informações chegarão ao seu leitor. Além disso, é o locutor quem escolherá as perguntas pelas quais se interessa em responder. Enquanto no jornalismo

tradicional, há uma preocupação em guiar a leitura do leitor, as *fake news* também condicionam o interlocutor, mas abrindo-lhe possibilidades de fazer sua própria interpretação.

O pesquisador de Comunicações e Linguagens Helton Costa (200?) observa, em seu artigo, porém, que no meio jornalístico há críticas à pirâmide invertida. Ainda que o autor acredite que o sistema informativo devesse se adaptar à internet, sendo mais flexível e não tão padronizado para o seu leitor, chama atenção para a importância da estrutura-tipo “pirâmide invertida” para a construção de uma notícia:

Ironicamente, essa distinção vem num momento no qual, em muitas redações do mundo, se diz que a pirâmide invertida ficou fora de moda, sendo substituída por outras técnicas narrativas – uma posição absolutamente polêmica. Em alguns casos, o resultado do uso dessas técnicas narrativas é tão pobre (em essência, dilui a informação), sobretudo no ambiente online, que seria possível falar da transição “da pirâmide invertida à pirâmide pervertida. (FRANCO, 2008, p. 52 apud COSTA, p. 5)

Nessa observação, o autor vê como perigosa a transição de um fenômeno para outro, “sobretudo no ambiente online”, uma vez que novas técnicas podem condicionar diretamente o interlocutor à disseminação da mentira – o que pode ser visto em sua crítica ao dizer “pirâmide pervertida”. Obviamente, é possível também haver distorção dos fatos no uso da pirâmide invertida, quando em uso de uma *fake news* (será visto um caso semelhante nas futuras análises). No entanto, os jornalistas que preferem esse uso é porque, ao mesmo tempo em que utilizam esse formato mais tradicional, isentam-se também de possíveis especulações e distorções de seus interlocutores.

Em (6), por fim, é comum de se observar nas *fake news* a ausência de uma assinatura do eu-criador da desinformação, enquanto na notícia o nome de algum jornalista é presente na matéria, como alguém que se responsabiliza, dentro de um grupo editorial, pelo fato narrado. Não sendo uma mera causalidade, pode-se pensar que isso ocorre devido ao fato de que aquele quem objetivou discursar para mentir não querer ser deflagrado como responsável pela mentira.

Bakhtin (2012), ao desenvolver reflexões sobre o ato ético e responsável, lembra que o “eu” não existe apenas para si, mas também para o outro, pois o universo não é algo dado, e sim, construído no processo dialógico. Em suas palavras, remete à ideia de alteridade. No que tange à atitude responsiva, imediatamente interligada à responsabilidade do sujeito com o outro, o locutor se torna responsável pelo o que aquele, invocado por sua voz, refrata e reflete no universo, ou seja, ele deve ser responsável pelo o que ecoou no discurso do outro. Pode-se observar essa noção do ato ético e responsável nas palavras da professora Tatiana Bubnova, da UNAM, quando explica “responsabilidade” como núcleo para o ato ético na obra bakhtiniana:

Na filosofia do ato ético, a responsabilidade não é um termo jurídico, nem uma obrigação normativa e abstrata relacionada a algum código de conduta, mas uma espécie de impulso que, mediante cada ato concreto, vincula o homem ao mundo, e, acima de tudo, em sua relação com o outro. A responsabilidade é, por sua vez, ontológica e concreta: condiciona o ser-para-outro em cada situação particular, dá medida ao eu-para-mim enquanto dependo do outro, e o outro de mim. Por isso, “não há álibi para a existência” (1986, p.22)¹⁶; ser no mundo compromete; viver é uma empreitada perigosa que não exige ninguém dos percalços inerentes à interação com o outro. (BUBNOVA, 2013, p. 12 – grifo meu)

De outra mão, o professor Adail Sobral, ao explicar sobre o conceito de ato ético e responsável em Bakhtin, completa essa noção dialógica da intersubjetividade, ao dizer que

O sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo define esse outro, é, por assim dizer, o “outro” do outro: trata-se do inacabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas: os seres só se completam na relação com outros seres, porque nenhum ser pode ver em si mesmo todos os aspectos que o constituem, cabendo essa tarefa aos outros. (SOBRAL, 2009, p. 123 – grifo meu)

Dessa forma, é permitido dizer que aquele que constrói seu enunciado com base na mentira o faz porque deseja enganar e, sendo assim, não quer se responsabilizar pelos efeitos negativos nos outros a quem veicula sua desinformação. Da mesma forma, poder-se-ia pensar que quem cria a mentira acreditando nela e, posteriormente, assina, talvez o faz porque não necessariamente tenha essa convicção. Para Bakhtin (2012), todo ato é ético, mas a ética de quem enuncia uma mentira é posta à prova.

Para tanto, em toda construção enunciativa há uma ética e uma responsabilidade, e isso não aconteceria se não fosse pela ideia de relação intersubjetiva. O processo comunicativo ocorre através de uma tríplice óptica: “eu para mim”, “eu para o outro” e o “outro para mim”, tornando o enunciado uma materialidade relativamente conclusiva.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Neste capítulo, descreve-se a metodologia que conduzirá a subsequente análise do material coletado.

4.1 MÉTODO

Como metodologia, objetiva-se esboçar uma possibilidade de se analisar dialogicamente as *fakes news*, dando sequência ao conjunto dos tópicos até aqui dissertados e procurando observar esse tipo de discurso como gênero bakhtiniano. Para isso, assim como no capítulo anterior, a análise do material se fará, por vezes, em detrimento à notícia, pois acredita-se, nesse

caso, que as especificidades constitutivas de um gênero possam contribuir para o esclarecimento de outro, em vista de suas confusões em questões de informatividade.

Serão analisadas duas *fake news*, uma extraída da página *Fato ou Fake* – do grupo de checagens G1, vinculada à rede *Facebook* – e outra da página JM Notícia. A preferência pela G1 se deve ao fato de seu conteúdo ser divulgado numa rede social de amplo e grande acesso²⁷, permitindo a observação das relações dialógicas presentes nos comentários dos usuários. Isso contribui para fomentar a ideia de que tanto as *fake news* como a pós-verdade, como fenômenos próprios da linguagem, são sociais e ideológicos e contribuem para a concepção da desinformação como gênero do discurso. Por outra mão, a preferência pela página JM Notícia se deve pela tentativa de se construir uma notícia no ato da desinformação, com uma proposta discursiva diferente da primeira. Diferentemente da primeira análise, não serão analisados os comentários, e sim, somente o material veiculado, sem deixar, no entanto, de se refletir sobre a responsividade de seu possível auditório. Foram escolhidas apenas duas *fake news* para não tornar a análise prolixa e, talvez, redundante.

Nessa perspectiva, o quadro 1, presente na seção 3.4, juntamente aos tópicos dissertados em 3.1, 3.2 e 3.3 – sobre enunciado, significação sígnica, ideologia, valoração, superestrutura, base e gêneros discursivos – servirão de apoio para a construção da análise. Essas noções bakhtinianas estarão entrelaçadas a outras a que, inevitavelmente, se ligam, já que os conceitos não são estanques e se interligam no conjunto das obras do Círculo. Além disso, se necessário, retomar-se-ão algumas discussões realizadas no capítulo 2 – sobre as *fake news* – com finalidade de proporcionar uma análise globalizada, contemplando, na medida do possível, o que se discutiu no decorrer do texto. Almeja-se, nesse caminho, explicar como esses entrelaçamentos dialógicos são capazes de designar esse gênero discursivo.

As *fake news* retratadas mais adiante abordarão temática de cunho político. Essa escolha se deve ao fato de terem ocorrido muitas falsas informações disseminadas durante as eleições presidenciais de 2018 e porque assuntos sobre essa temática são uma forte tendência na disseminação de informações enganosas, segundo pesquisas²⁸. O conteúdo diz respeito sobre o “kit gay”, o que, igualmente, suscitou grande debate em variados veículos de comunicação²⁹. Por fim, optar-se por utilizar uma *fake news* disseminada em meio virtual deve-se ao fato de a

²⁷ Em vista de ser o meio digital mais acessado, segundo dados do relatório *Digital in 2017*, do site *We are social*.

²⁸ De acordo com a revista *Exame* (2018), por exemplo, “A diferença é mais acentuada para notícias políticas [...]”.

²⁹ conforme matéria da revista *exame* (2018), “buscas na internet por “kit gay” nestas eleições bateram recorde de 2011, quando o assunto veio à tona [...]”. O *link* está disponível nas referências.

internet ser um dos principais meios de comunicação atual³⁰ e, também, uma das maiores plataformas na divulgação de discursos falsos.

Procurou-se utilizar os seguintes procedimentos de pesquisa como espécie de roteiro para a análise de textos: 1. Procurar, na plataforma virtual *Facebook* e no Google, por gêneros discursivos que contemplem conteúdo informativo; 2. Analisar nesses textos de que maneira se realizam os constituintes de gênero bakhtiniano – tema, estilo e forma composicional –, em todos os aspectos constitutivos do enunciado; 3. Identificar aspectos enunciativos não verbais, como local, data, contexto social, imagens e demais subentendidos, observando de que maneira eles contribuem para a construção dos discursos das *fake news*; 4. Buscar comentários de usuários virtuais que estejam relacionados a esses textos, analisando de que maneira podem ser observadas as relações de base e superestrutura e de que forma eles culminam em discursos de pós-verdade. 5. Observar a maneira com que o assunto transcorre em outras plataformas de divulgação informativa, que não seja o *Facebook*, buscando encontrar formas relativamente estáveis que constatem peculiaridades desse gênero.

E esse procedimento se pauta nas seguintes perguntas norteadoras: 1. Como se constituem as *fake news* em termos de tema, forma composicional e estilo verbal e que marcas linguístico-discursivas podem designá-las como gênero discursivo, pensando-se em aspectos de valoração e entonação, desde a escolha das palavras até as construções sintáticas (nos textos verbais)? E em textos não verbais?; 2) Quais marcas nos discursos de pós-verdade são refletidas nas *fake news* e quais impactos isso pode causar nas relações sociais?

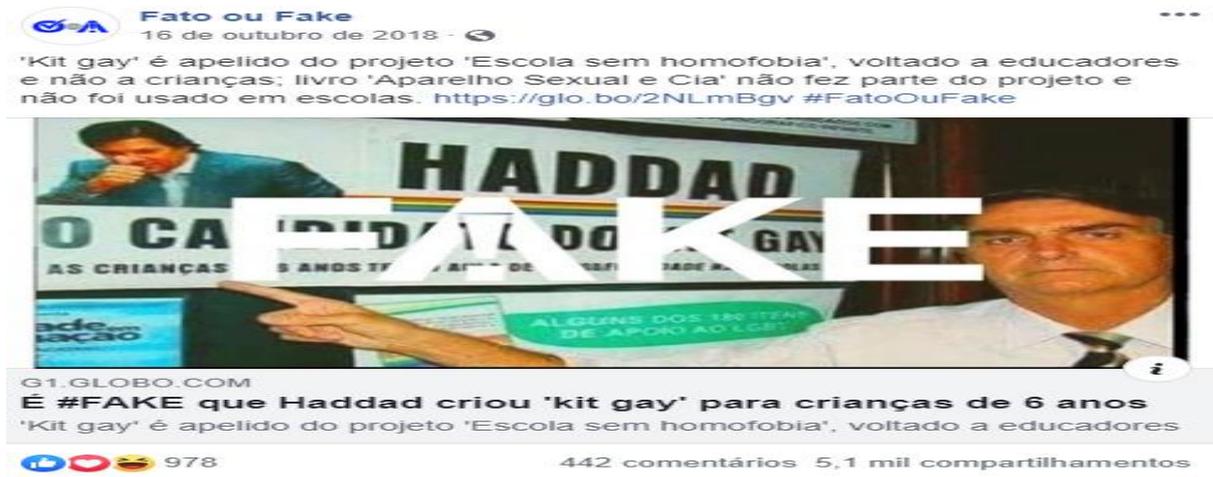
Por sua vez, os objetivos de pesquisa são estes: 1. Esta pesquisa tem como objetivo geral – e principal – verificar de que forma as *fake news* podem se constituir como gênero diferente da notícia, em vista de suas características linguístico-discursivas de tema, forma composicional e estilo verbal; 2. Esta pesquisa tem como objetivos específicos analisar de que maneira as falsas informações podem construir discurso manipulador em seus usuários virtuais, baseando-se nos três constituintes de gênero bakhtiniano (forma, tema e estilo), através de semelhanças linguístico-discursivas na construção de crenças falaciosas ligadas à de discursos que desinformam; e discutir sobre a influência negativa das *fake news* nos discursos de pós-verdade, tecendo reflexões sobre os impactos que eles causam nas relações dialógicas.

³⁰ De acordo com a revista G1 (2014), o segundo meio de comunicação mais usado é a internet.

4.2 ANÁLISE

Abaixo, seguem os materiais coletados e suas respectivas análises.

Figura 17 – Fake news 1 - kit gay



Fonte: Fato ou Fake – G1

Figura 18 – Imagem deflagrada como falsa³¹



Fonte: Fato ou Fake

A G1, em suas checagens, deflagrou como *fakes* possíveis discursos que andam circulando como verdade sobre uma associação enganosa do “Kit Gay” ao professor Fernando Haddad, que, na época (2018), era um dos candidatos à presidência. Para compreender sobre o porquê da polêmica em torno do assunto, faz-se importante contextualizar, no primeiro momento, sobre o que se trata esse material, abordado de forma distorcida pelo atual presidente Jair Bolsonaro, como é apresentado na foto, o que contribuirá também para a apreciação da análise da segunda *fake news*.

³¹ Optou-se por repetir a imagem, buscando deixá-la nítida para a análise.

O “Kit Gay” é um rótulo de opositores, atribuído ao projeto Escola Sem Homofobia, o qual fazia parte do programa Brasil Sem Homofobia, do Governo Federal, em 2004. O real “kit” era composto de um material com vídeos e textos dedicados diretamente a educadores e gestores escolares, visando a um ensino reflexivo e inclusivo, contemplando os direitos da comunidade LGBT.

Aparelho Sexual e Cia – Um guia inusitado para crianças descoladas, por sua vez, é um livro do autor suíço Phillipe Chappuis, cujos alguns exemplares foram comprados pelo Ministério da Cultura, em 2011, a partir do programa Livro Aberto.

A presidenta Dilma Rousseff suspendeu o projeto em 2011. Mesmo assim, Bolsonaro retomou o assunto em outros momentos, como, por exemplo, em 2016, quando publicou um vídeo sobre educação³², posicionando-se contra o kit anti-homofobia, e em 2018, quando, em conversa com William Bonner e Renata Vasconcellos³³, jornalistas do JN, fez especulações sobre o projeto. Disso, pode-se depreender que, sendo o período das eleições presidenciais, viu-se no discurso do candidato à presidência uma tentativa de denegrir seu adversário para se eleger, utilizando-se da mentira como verdade. Isso serviu também para que seu coral de apoio – desde seus eleitores ou até aqueles que não desejavam a reeleição do PT – utilizasse desses discursos para disseminar falsa informação, tornando-se um círculo vicioso tanto em meios virtuais quanto na realidade, nos assuntos cotidianos.

Como já dito no decorrer do texto, assuntos sobre política são bastante ocorrentes na construção e disseminação de *fake news*. D’Ancona recorda das eleições dos EUA, citando como exemplo Trump, eleito por discursos enganosos, em 2016. Isso faz refletir sobre o discurso nunca acontecer em vão e descontextualizado. Embora não se saiba ao certo a intenção daquele que o utilizou, é possível depreender no seu material seus objetivos, visto que toda palavra é um ato bilateral. Nesse sentido, essa bilateralidade construída nas *fake news* que beneficiaram Bolsonaro se encontrava tanto em seu ato locutório, na divulgação de mentiras, quanto na de seus interlocutores, os quais, em sua responsividade, poderiam vir a disseminar esse conteúdo como pós-verdade.

Embora *Fato ou Fake* tenha generalizado em dizer que circulam materiais em redes virtuais diversas, eles optaram por apresentar, no corpo de sua postagem no *Facebook*, a imagem das figuras 17 e 18. Acredita-se que essa opção se deva ao fato de possivelmente essa

³² Observando a repercussão do assunto, a revista Nova Escola (2016) produziu um vídeo comentando o que era verdadeiro e o que era falso nas palavras do presidente atual. O material está disponível nas referências.

³³ JN objetivou entrevistar os candidatos à presidência, interrogando-lhes sobre os objetivos de governo, em caso de serem eleitos como presidente da república. O material está disponível nas referências.

foto ter sido uma das mais simbólicas como efeito de pós-verdade, em vista de ter sido consequência de uma das mentiras mais retomadas nos meios de comunicação interdiscursiva, durante o período eleitoral. Além disso, é importante esclarecer que esse tipo de discurso tem como grande porta-voz o atual presidente Bolsonaro. Sendo assim, a análise terá como ponto de partida a imagem posta em evidência pelo grupo G1.

Na figura 17, há duas construções enunciativas: uma, do grupo *Fato ou Fake*, deflagrando como falsa a associação de Haddad como criador do “kit gay”; outra, a da imagem que apresenta Bolsonaro frente a um cartaz, apontando o dedo, de forma descontente e aborrecida, para a mensagem em que está escrito, respectivamente, “Haddad” (1ª linha), “O candidato do Kit Gay” (2ª linha), “As crianças de 6 anos terão aula de homoafetividade nas escolas?” (3ª linha), “Alguns dos 180 itens de apoio ao LGBT” (logo abaixo). Embora, nessa página da G1 haja grande número de postagens que deflagram imagens manipuladas, é importante esclarecer que essa é verdadeira, sendo criticado como falso apenas o texto verbal por ela mostrado. Não se sabe quem realizou a fotografia, mas, conforme o jornalista Reinaldo Azevedo (2017), a imagem foi exposta em uma parede logo na entrada do gabinete de Bolsonaro, com um painel intitulado como “Mural da vergonha”. Observadas as falas do presidente a respeito dessa mentira e suas réplicas, essas mensagens do mural, bem como quaisquer outros materiais sobre o “kit gay”, tinham de ser retiradas, de acordo com determinação do Tribunal Superior Eleitoral – TSE (2018).

Por meio desses dois enunciados concretos é possível, portanto, constatar que *Fato ou Fake* quis informar, esclarecendo os fatos a respeito do projeto Escola Sem Homofobia, e isso a caracteriza como notícia. Por outra mão, a imagem apresentada como *fake* pelo G1 busca desinformar. Dessa forma, essa imagem se caracteriza como uma *fake news*, pois objetiva distorcer um dado ao seu leitor. Embora esses dois discursos se apresentem de forma distinta, a figura 17 é, à luz da teoria bakhtiniana, um enunciado concreto como um todo, pois cada projeção enunciativa é capaz de criar uma rede de significações conjuntas ao seu interlocutor, o qual, por sua vez, interpreta o sentido do todo no agrupamento de suas partes. Isso fica evidente também nos comentários dos usuários (figura 19), os quais, embora pareçam responder de forma distinta a cada uma das construções discursivas, só o fazem porque foram capazes de estabelecer associações conjuntas entre as projeções enunciativas.

Nesse enunciado concreto como um todo, então, é possível dizer que tanto o discurso da equipe *Fato ou Fake* quanto o apresentado no “Mural da vergonha” têm sua enunciação organizada com base em um possível auditório. Para isso, organizaram seu projeto interdiscursivo levando em consideração a entonação, a seleção e a disposição dos signos. Em

vista disso, na postagem da G1, nota-se predominantemente a construção de um discurso verbal, desde o texto inicial da postagem (“‘Kit gay’ é apelido do projeto [...]”) até a manchete subsequente à imagem (“É #FAKE que Haddad criou ‘kit gay’ para crianças de 6 anos”), lembrando, em seu texto disponível no *link*, os critérios de organização hierárquica da informação, comum ao gênero notícia. Na exposição do material, é interessante observar a maneira que o locutor veicula a palavra “FAKE”: sobreposta à imagem, com o objetivo de destacar e enfatizá-la como falsa, o signo é escrito em letras maiúsculas, refletindo-a como algo inapropriado, utilizando a letra “A” com um ponto de exclamação completando seu desenho, buscando simbolizar aos seus interlocutores com esse elemento que esses tipos de discursos devem ser interrompidos, não compartilhados, cessados. Na manchete, também utilizam a palavra com letras maiúsculas, destacadas, posposta à *hashtag* (#), refletindo “#FAKE” como uma marca característica e própria da rede virtual, enfatizando mais uma vez, ao utilizar esse signo, a importância da atenção de todos contra esse tipo de circulação discursiva.

No decorrer do pequeno texto da página, apontam dois assuntos distorcidos no conjunto das falas de Jair Bolsonaro: “Kit gay” e, respectivamente, “Aparalho Sexual e Cia”, finalizando apresentar que são conteúdos distintos e que, além de não terem relação com o real material construído pelo projeto “Escola Sem Homofobia”, também não são voltados para crianças. O “Kit Gay” é voltado para adultos, uma vez que seu público alvo são gestores e educadores e o livro tem classificação indicativa de 11 anos.

A *fake news* apresentada, por sua vez, constitui-se de forma verbovisual, com enunciados escritos em conjunto com imagens, formas e cores. Evidentemente, num primeiro momento, parece chamar mais atenção, como primeiro plano, a mensagem apontada por Bolsonaro, quem, por sua vez, encontra-se em segundo plano, com uma postura aborrecida e descontente. Logo em seguida, o interlocutor é conduzido para o que aponta seu dedo – o signo “crianças”, evidenciando que, para ele, é um signo que merece mais atenção de seu interlocutor e que é capaz de revelar toda sua indignação, em relação ao resto do conteúdo. Isso se reflete também no uso do ponto de interrogação no final do segmento (“As crianças de seis anos terão aula de homoafetividade nas escolas?” – grifo meu). Isso parece estar buscando respostas imediata do interlocutor, que deve tomar atitudes para cessar esse projeto. Nesse sentido, assim como o texto da G1 busca querer interromper discursos enganosos, utilizando de elementos em seu texto, a imagem apontada por Bolsonaro busca igualmente interromper o suposto projeto construído por Haddad.

Ainda na *fake news*, há também, em outros momentos, outros recursos visuais que contrastam com os verbais. Há a figura de Haddad, posicionando-se como se estivesse mirando

para o leitor, cumprimentando-o com o dedo polegar – imagem não escolhida em vão, pois, em contraste com o que reflete o enunciado escrito, atribuí a ele uma visão cafajuste. O nome “HADDAD” está destacado em negrito, com letras maiúsculas e sublinhado com as cores da bandeira representante do grupo LGBT, posto como título que convida à continuação da leitura de outras partes desse enunciado. Essa referência ao arco-íris, símbolo da bandeira gay, faz pensar esse uso com o objetivo de utilizá-las não só para denegrir o nome de Haddad, como também para insinuar preconceito em relação à comunidade LGBT. “Alguns dos 180 itens de apoio ao LGBT”, escrito de forma a apontar para um quadro que apresenta uma lista na sequência, parece desejar criar um espanto em seu auditório, em vista do numeral “180”. Essa intenção parece ganhar força quando se nota que essas 180 ações destinadas à comunidade LGBT aponta para um quadro explicativo, e está nesse mural como se elas fossem projeto de ensino nas escolas. Entretanto, *Aos Fatos* (2018) analisou várias declarações do candidato à presidência sobre essas falácias e apontou que esses itens de apoio não têm relação alguma com os ambientes escolares.

Ainda, em observação ao uso desses elementos selecionados por cada uma das veiculações, pode-se notar que eles se configuram como signos ao refletirem no discurso certas valorações, as quais contribuem para a distinção entre notícia e *fake news*. O termo “kit gay”, para o grupo G1, foi utilizado entre aspas, enquanto para a *fake* de Bolsonaro foi utilizado sem. Isso porque certamente *Fato ou Fake* compreenda que esse signo não passa de um apelido preconceituoso atribuído ao projeto Escola Sem Homofobia, e considera importante destacar isso como algo que eles não intencionam dizer, senão somente na presença das aspas. Contrariamente, Bolsonaro aponta “kit gay” sem aspas, refratando nesse caso uma significação preconceituosa ao generalizar o sentido do objeto de acordo com suas crenças, fazendo refletir em outros discursos certo teor preconceituoso. Essa valoração atribuída pelo atual presidente já foi observada em suas próprias palavras em muitos momentos de seu exercício político. De qualquer forma, é interessante observar que o termo em si se trata de uma perífrase, pois é capaz de caracterizar algo por outro nome pelo qual ficou conhecido, e isso fez com que se tornasse potencialmente o reflexo dos discursos alheios – reflexo do reflexo –, tanto por aqueles que desejaram utilizar esse signo para esclarecer (como o caso da Rede Globo e outros veículos sérios) como aqueles que o fizeram para difamar (como o caso de Bolsonaro, grande porta-voz na criação dessa mentira, e de outros nomes, finalizando desinformar e acabando por gerar consequências negativas). Essa ressignificação de “kit gay” foi abordada em vários veículos jornalísticos, como, por exemplo, na matéria da revista Nova Escola (2016), citada anteriormente, no jornal El País (2018), ao dizer, em manchete, que “Bolsonaro mente ao dizer

que Haddad criou “kit gay””; na página Carta Capital (2018), ao mencionar, também em manchete, que “Eleito, Bolsonaro insiste em *fake news* sobre “kit gay””; e na agência *Aos Fatos* (2018), como mencionado anteriormente. Mesmo se utilizando do mesmo termo, designado preconceituosamente como apelido ao projeto, eles ressignificam o signo por meio do uso das aspas, evidenciando a ética no compromisso com a verdade e visando a contribuir positivamente para o esclarecimento do termo e para a quebra de réplicas discursivas semelhantes às do presidente. Nisso, pode-se pensar que, enquanto a notícia não deseja ir ao encontro de determinados grupos ideológicos em sua informação, a desinformação procurar realizar-se diretamente em determinados grupos ideológicos – como ocorre em assuntos sobre política, em que, para se veicular a um grupo, segregam outros, por exemplo. No sentido do “kit gay”, pode-se inferir que Bolsonaro deseja a réplica desses discursos por aqueles que são a favor da família tradicional brasileira (jargão muito presente em suas campanhas políticas).

A maneira que seleciona e dispõe no interior do enunciado a sigla “LGBT”, no trecho “[...] 180 itens de apoio ao LGBT”, é igualmente interessante nessa perspectiva bakhtiniana sobre refração e reflexão de signos ideológicos. Bolsonaro não mostra apontar “LGBT” utilizando substantivos como “comunidade”, “grupo”, “direitos”, etc. As informações jornalísticas parecem sempre procurar organizar essas palavras – por exemplo, “Os direitos LGBT”, “A comunidade LGBT”, etc. – de forma a enfatizar a importância de reforçá-las ao público como qualidade de “grupo”, comunidade digna de atenção, em vista de receber constantes ataques preconceituosos. Isso faz refletir a ideia de que a língua, como sistema, disponibiliza a todos os falantes de signos abstratos, os quais se tornam concretos e ideológicos na vida da linguagem. Nisso, a escolha dos signos, na construção de seus enunciados, é capaz de refletir seus posicionamentos ideológicos nas variadas esferas do discurso.

O posicionamento dos locutores em seus discursos contribui para a distinção entre informação e desinformação como projetos enunciativos diferentes. No texto de checagem da G1, o recorte noticiado busca uma relativa imparcialidade, posicionando-se de forma exotópica de seu recorte, isto é, é possível notar no discurso um certo afastamento do locutor em relação ao seu objeto, assegurando que seu recorte da realidade seja coerente com os dados objetivos do mundo real, pois segue o ideal de verdade. Por sua vez, a *fake news* sobre o “Kit Gay” não consegue realizar um devido afastamento do objeto para sua ética contemplação, e o ideal seguido no discurso é o da mentira. Dessa mesma forma, o locutor quer também trazer seu interlocutor para próximo do objeto a ele apresentado, fazendo com que ele não aprecie a situação como um todo, deixando-os mais suscetíveis a eventos de pós-verdade, enquanto a notícia de *Fato ou Fake* não espera necessariamente uma responsividade imediata de seu

auditório. O objetivo mor é a informação, enquanto a finalidade principal da *fake news* é a sua especulação e seus possíveis embates. O uso da interrogação no final do enunciado, como discutido anteriormente, é uma evidência dessa intenção. Claramente, ao se observar os comentários (figura 19), poder-se-ia contestar que a responsividade foi imediata à matéria do grupo G1; entretanto, ao se pensar na intenção do projeto enunciativo da notícia, entende-se que seu objetivo é muito mais esclarecer do que servir de palco para especulações, como pareceu ter sido finalidade da *fake news* em questão. Pelo fato de a notícia não ser tendenciosa, nem sensacionalista até o ponto de causar surpresa, debate e suscitar a manifestação de sentimentos de pós-verdade, sua repercussão não é tão grande quanto à desinformação. Pelo contrário, se fosse, o cenário de *fake news* não seria visto como um caos, tampouco seria discutido por especialistas, por exemplo.

Para Bakhtin, o interlocutor é capaz de medir a conclusibilidade de um enunciado a partir do que compreende da vontade discursiva do falante. Nesse sentido, é comum o objeto das *fake news* parecer ser menos exaurível, pois seu relativo acabamento tem justamente a característica de nunca parecer finalizar seu discurso, uma vez que quer provocar a quem foi projetada o debate e sua disseminação. Isso se vê também nas várias formas de repercussão com que o conteúdo semântico-objetual se reveste ao se tornar tema de um enunciado nas *fake news*, podendo ser veiculadas como uma propaganda de um produto ou até mesmo como uma notícia. Além disso, a questão dessa exauribilidade se comprova não só em sua construção, como também em sua manifestação nas plataformas discursivas. O *Whatsapp*, o *Facebook*, etc. são exemplos de como elas podem se utilizar de estruturas composicionais diferentes em sua viralização.

Outra característica comum ao gênero são as falácias embutidas nessas enunciações, que se travestem em alguns aspectos verídicos na transmissão de sua desinformação. Não só o termo “kit gay” existe, como também o projeto “Escola Sem Homofobia”, do Governo Federal. No entanto, aquele é falso da maneira em que se veicula, enquanto esse é verídico. Nesse caminho, ao ser escrito “Haddad, o candidato do Kit Gay”, utilizam-se também de outro fato inverídico, pois Haddad não criou o projeto³⁴. Não aparece nessa imagem a menção ao livro *Aparelho sexual e cia*, mas o grupo de checagem observou interessante colocar por dois motivos: primeiro, porque serve como eco de discursos que andam circulando regularmente nas redes sociais e também pela própria fala do presidente, o qual misturou o fato do livro ao fato do projeto, dizendo que a obra fazia parte do material e que estava voltada à educação sexual de

³⁴ Uma matéria da Revista Exame (2018) aponta que a criação do projeto surgiu do poder Legislativo e foi organizado por ONG's especializadas no assunto. O conteúdo está disponível nas referências.

crianças. A obra existe, mas não da maneira observada por *fake news* desse tipo. Além de falsas evidências serem abordadas em seus discursos, a voz de Bolsonaro serve como argumento vindo de uma autoridade, e isso se torna perigoso, ao passo que as palavras, ao ganharem poder em seu discurso, podem servir potencialmente como verdadeiras a quem queira acreditar. Há de se considerar que o presidente tenha se tornado um ícone nacional no cenário político e, por mais que esse feito tenha ocorrido por reflexos negativos ou positivos ao seu respeito, seus atos de fala têm marca bastante relevante. Afinal, as *fake news* tiveram bastante impacto para sua eleição como novo presidente.

Todo locutor é responsável por seu discurso para o outro na atividade de suas enunciações. Parece ser marca comum nas *fake news* não haver assinatura legítima de quem as cria, mas Bolsonaro não pareceu se importar em se tornar responsável pela sua afirmação, e isso tenha acontecido, talvez, pelo fato de acreditar veementemente no “kit gay” como verdade, não se importando com oposições, e sim, somente com aqueles que compartilham da mesma visão. No entanto, embora todo ato seja ético, o candidato à presidência foi pernicioso em relação à responsividade alheia, ao passo que colabora para a propagação da desinformação e, por conseguinte, o reforço de discursos de pós-verdade. A mesma observação é possível de ser observada no texto de *Fato ou Fake*: a equipe se responsabiliza pela checagem, marcando sua assinatura, mas, ao contrário da desinformação, é ética com seu público interlocutor, pois não teme posteriores críticas, uma vez que é legítima em sua função de informar.

A figura 19, abaixo, trata-se das respostas dos usuários à postagem da agência de checagem *Fato ou Fake* e se faz importante nessa análise para observar o fenômeno da linguagem como materialidade incessante. Isso porque a palavra, tendo como propriedade o fato de ser um ato bilateral, não só é veiculada por aquele que (re)produz o discurso como também por aquele a quem está dirigido. Além disso, como dito no segundo capítulo, D’Ancona (2018) aborda a importância de se observar como o público reage às *fake news* que circulam na vida cotidiana. Dessa forma, é possível de se conceber, à luz da teoria bakhtiniana, as respostas como contribuintes direta para a configuração do fenômeno *fake news* como gênero discursivo, pois o gênero não como forma, mas sim, como função, é determinado conjunta e socialmente.

Figura 19 – Comentários a respeito da postagem

-  [Redacted] Cara apesar de saber que o Livro nunca fez parte do projeto. Eu achei tão absurdo essa discussão. Que comprei o tal Livro pra saber se o conteúdo dele tinha o que o Bolsonaro falou.
Li todo o livro.
E digo que o Livro não tem nada do que ele afirmou.
Achei até bem inocente o livro. Bem para adolescentes.
Podem comprar ou folhear um que vcs vão ver que ele fez a todos nós de trouxas. Por um tempo, eu acreditei que fosse verdade.
Curtir · Responder · 50 sem  12
↳ 3 respostas
-  [Redacted] A gente acredita no G1 ou no TSE? Hummm 😏
A credibilidade de vcs, como já dito, tá igual a do Lula
Curtir · Responder · 50 sem    32
↳ 10 respostas
-  [Redacted] Ninguém tá falando se foi usado ou não...
O que se fala é que foi criado para ser usado, e só não foi usado por causa da polêmica...
Isso e que é a questão...
Curtir · Responder · 50 sem    8
↳ 1 resposta
-  [Redacted] Poder não ter sido haddad o criador, mas o kit existiu sim. Tem vídeos de pessoas defendendo na câmara. Não chegou em massa nas escolas e como Plano de governo pq deputados liderados por Bolsonaro barraram
Curtir · Responder · 50 sem  1
-  [Redacted] Alguém pode me responder, se um homossexual não gosta de um heterossexual, isso pode ser preconceito?
Curtir · Responder · 50 sem  2
-  [Redacted] O KIT GAY é mentira senhor Retardad?
Então explica a PL 8035/2010 de sua autoria!
Curtir · Responder · 50 sem   3
-  [Redacted] Os videos dele falando sobre isso sao fako tb?
Curtir · Responder · 50 sem  6
↳ 6 respostas
-  [Redacted] Que desespero dona Globo 😂😂😂😂
4 anos Bolsonaro vem falando e só agora que é "fequinius" 😂
Curtir · Responder · 50 sem    13
↳ 5 respostas
-  [Redacted] Essa página tem como fonte a Globo e Globo News...nem precisa falar pq só fala a favor de Haddad né 😏
Curtir · Responder · 50 sem  1
↳ 5 respostas
-  [Redacted] E chegamos ao momento onde fatos já não importam. O que é considerado verdade é o que tem volume de repetição. Não importa a decisão da justiça (a não ser que seja o Lula, aí viva a justiça brasileira). A única coisa que importa é quem disse, e quantas vezes repetiu.
Curtir · Responder · 50 sem   10
-  [Redacted] A reportagem da própria globolixonews já falava do kit. Mas é fake. Na verdade essa própria página é fake.
Curtir · Responder · 49 sem
-  [Redacted] <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/.../escola...>
Curtir · Responder · 50 sem
-  [Redacted] É a mais pura verdade!!! A cartilha ia ser distribuída sim, foi impresso milhares de exemplares pra que então? Só não foram distribuídos pq gerou muita polêmica, mas que existe ah isso existe
Curtir · Responder · 50 sem  1
-  [Redacted] Agora é 17 🇧🇷 para não deixar eleger um presidiário com campanha em nome de "amigo" 🍌
60% das intenções de votos! 🍌🍌🍌
Curtir · Responder · 50 sem
-  [Redacted] A Record noticiou fake, a veja noticiou fake. Menos a Globo que é o próprio fake.
Curtir · Responder · 50 sem



Fonte: Facebook

As respostas, igualmente ao discurso de *Fato ou Fake* e da mensagem enganosa, configuram-se como enunciados, pois são capazes de estabelecer diálogos com os textos e com a realidade concreta em que se inserem. Sendo que estão encadeadas dialogicamente, seus enunciados são construídos por meio de um horizonte espacial, de uma compreensão e de uma respectiva avaliação, ou seja: os sujeitos do interdiscurso são capazes de contextualizar o problema retratado pela equipe *Fato ou Fake*, da mesma forma que fazem intertexto entre o discurso da página com o discurso da *fake news* apresentada; por conseguinte, há uma compreensão do que a rede de significações de ambos os projetos veiculam; e, por fim, ocorre sua avaliação, por meio de projeções voltadas tanto ao grupo G1 quanto ao que eles reportam como *fake*.

Inicialmente, é possível observar que há tanto projeções enunciativas que concordam como as que discordam da postagem, visto que o signo, de caráter sempre ideológico, é multidiversificado em suas possibilidades de refletir e refratar. Nesse caminho, pode-se observar a palavra voltada bilateralmente tanto ao conteúdo *fake* quanto à postagem. O comentário “A Record noticiou fake. Menos a Globo que é o próprio fake”, por exemplo, denota um posicionamento contrário à checagem realizada pelo grupo, deixando subentendido que o grupo G1 é imoral como referência frente a outros veículos jornalísticos. Por outro lado, no comentário “E chegamos ao momento onde fatos não importam”, denota-se uma posição favorável à postagem, e um certo desgosto frente ao fato deflagrado, refletindo-se em vista também dos comentários, os quais associam o “kit gay” como verdade. Além disso, os

enunciados não só se encaminham aos dois gêneros discursivos, como também são projetados de forma a dialogar com outros usuários e com outros discursos. No comentário “A gente acredita no G1 ou no TSE? [...]”, além de fazer intertexto com discursos do TSE, pressupõe dez respostas à sua, caracterizando a enunciação como material sempre relativamente acabado. Além disso, a publicação apresenta reações, como “amei”, “risada”, “curtida”, etc., o que não deixam também de mostrar que até mesmo as formas se caracterizam como signos ideológicos. Além disso, o próprio silêncio é uma atividade responsiva, e não se pode desconsiderar outras possíveis visualizações obtidas pela matéria sem necessariamente ser comentada, reagida ou compartilhada.

Esses posicionamentos deflagram suas palavras como não neutras, pois são carregadas de valorização. Esse valor que se entrecruza nos comentários não é em vão, uma vez que a projeção tanto do material deflagrado como *fake* como o da notícia em si idealizou determinado auditório para seus discursos. A *fake news* sobre Bolsonaro, apresentada na figura 17, apresenta o conteúdo de seu enunciado de forma a criar paradigmas políticos: de um lado, Bolsonaro, como sendo eleitor de direita, apontando seu rival Haddad, como eleitor da esquerda. Como já dito, é característico das falsas informações irem ao encontro de um coral de apoio que deem vida a elas, disseminando-as como verdade. Nesse sentido, o compartilhamento da *fake news* que ultraja a figura de um candidato petista parece contribuir para a segregação de grupos ideológicos que se dividem nos extremos em assuntos sobre políticas – nesse caso direita e esquerda. Nessa luta de classes, arena do signo, é possível observar, como se apresenta nos comentários, manifestações de pessoas a favor de Bolsonaro, o que se convencionou chamar contemporaneamente no Brasil de direita partidária, contra aquelas que se designam divergentes da esquerda. Exemplos disso são os seguintes comentários: “É a mais pura verdade [...] Mas que existe ah isso existe”, apresentando ser real o que o presidente aponta no conteúdo da imagem; “O KIT GAY é mentira senhor Retarddad?”, concordando com o presidente, mas, ao mesmo tempo, buscando interrogar Haddad de maneira agressiva, utilizando o xingamento “Retarddad” (aglutinação improvisada entre o substantivo “Haddad” e o adjetivo “retardado”). Os locutores também são criticados por seu auditório, transpassando o texto enquanto materialidade. A questão da imparcialidade, por exemplo, foi posta em prova no comentário “Essa mídia tá muito sem moral há muito o jornalismo deixou de ser imparcial e a seriedade foi pra onde?”, em que se confunde “seriedade” com o fato de tecerem críticas legítimas a Bolsonaro. No comentário desse usuário, ficam subentendidos pelo menos dois aspectos: além de, bilateralmente, discordar da postagem da equipe G1 e concordar com a *fake news* como se fosse verdade, existe a potencial possibilidade da ocorrência de discursos pós-verídicos, uma

vez que se confunde jornalismo com desinformação e o critério da imparcialidade importa menos que as crenças pessoais. Muito já se associou – e ainda se associa –, de forma negativa, o signo “comunista” e “petralha”, por exemplo, à rede Globo quando noticiavam *fake news* referentes a Bolsonaro, e isso fez defensores do então candidato à presidência pensarem que o jornalismo da emissora tinha posicionamento político definido. No comentário “Essa página tem como fonte a Globo e a Globo News...nem precisa falar pq só fala a favor de Haddad né” isso se esclarece, ao passo que acaba servindo de ecos discursivos já muito debatidos, associando a Globo como defensora do PT. Comentários relativos a essa ideia são observados também em outras respostas: “Que desespero dona Globo [...]”, o uso de “desespero” serve como reflexo de outros discursos que veem o medo da vitória de Bolsonaro, na época das eleições; “Globalixonews”, como aparece em um dos comentários, denota-se como discurso ecoado de outros vários que já atribuíram à Globo a palavra “lixo”, como se as notícias por eles veiculadas fossem distorcidas a tal ponto de comprometerem a real informação do interlocutor; e até mesmo a palavra “fake”, que tem várias ressignificações, desde aqueles que buscam se referir, de forma esclarecedora, à mentira, até aos que procuram atribuí-la à própria verdade, desejando ocultá-la (como no comentário “Que desespero! Página FAKE”). Esses discursos, em que se utiliza signos ideológicos como “desespero”, “medo”, palavras com refração obscura e negativa, podem também colaborar com a ideia de que os usuários acabam revelando que há sim preconceito e que, portanto, a mídia tem razão, ao colocar Bolsonaro em cheque no cenário de *fake news*. “Alguém pode me responder se um homossexual não gosta de um heterossexual, isso pode ser preconceito?” é outro comentário que não só reforça a fala do atual governante, como também a disseminação de *fake news*. No comentário, o interlocutor parece, de forma irônica, buscar suscitar discussões de que o preconceito reverso existe e, observando suas relações com a projeção da *fake news* em questão, pode-se dizer que há uma espécie de preconceito velado em seu comentário.

O signo “kit gay” reaparece nos comentários e refrata novamente dois posicionamentos ideológicos no uso das aspas. No comentário “O KIT GAY é mentira senhor Retarddad? [...]”, o usuário utiliza o termo sem aspas, escrito com letras maiúsculas, de forma a acentuar não só seu desconhecimento de um nome atribuído a um projeto real, como também o de enfatizar seu descontentamento com o material, em que fica embutido certo preconceito à comunidade LGBT. Por outro lado, no comentário “Atenção! O ‘Kit Gay’ existiu sim, foi um projeto “Escola sem homofobia”, o usuário demonstra cuidado na forma com que redige “kit gay”, ao mesmo tempo compreendendo se tratar do projeto, concordando com a postagem que deflagrou o material como discurso falso. Isso é interessante para se notar que o estilo observado nos

comentários corrobora as palavras bakhtinianas de enunciados relativamente estáveis, pois não deixam de estarem condicionados pelo gênero dentro de um projeto temático-enunciativo em que se encontram, com tema, estrutura composicional e estilo semelhantes.

As menções ao ex-presidente Lula também não ocorrem descontextualizadas, pois há um motivo para serem projetadas nos comentários dos agentes interdiscursivos. Haddad, ao tornar-se presidente, ao mesmo tempo que carregaria o nome “PT”, teria de lidar com as refrações negativas deixadas por aquele que iria substituir. Não foi à toa que quaisquer questões como a cor vermelha, o número 13 do partido, etc passaram a ser bastante condenadas no período eleitoral, uma vez que simbolizavam o partido oposto e, ao mesmo tempo, eram refratadas de maneira odiosa pelos eleitores de Bolsonaro. É possível constatar isso, como exemplo, nos comentários “A credibilidade de vcs, como já dito, tá igual a do Lula”, em que associam a ideia de corrupção da parte do ex-governante com o fato de a rede Globo também ser mentirosa e corrupta, fazendo-se subentender o que já foi dito anteriormente, de que a emissora tem posicionamento partidário e, por isso, falha com a ética jornalística.

Como efeito da desinformação, é importante verificar também que, nesses comentários, é latente a existência do fenômeno da pós-verdade como resposta à informação da G1 e à *fake* sobre Bolsonaro. Isso demonstra o quanto a questão da crença se torna presente em frente à disseminação de mentiras e o porquê da necessidade de se discutir sobre essa problemática atualmente. No comentário “Ah ! TÁ Bom ! ‘ Escola sem homofobia’ [...]”, duvida-se ironicamente da matéria escrita a respeito do “kit gay”, dando mais importância à crença de que os discursos de Bolsonaro são reais que aos fatos objetivos, os quais, para ele, podem parecer tendenciosos; Em outro comentário, como “É a mais pura verdade!!! A cartilha ia ser distribuída sim, foi impresso milhares de exemplares pra que então? Só não foram distribuídos pq gerou muita polêmica ,mas que existe ah isso existe”, igualmente se compreende de fundamentos mal embasados, utilizando-se de aspectos estilísticos comum à imagem deflagrada como *fake* e retomando a ideia de que os enunciados são congruentes sob determinada projeção enunciativa, isto é, tanto o enunciado da *fake news* como este se entrecruzam e se organizam de acordo com determinado projeto enunciativo – os três sinais de exclamação no final de “É a mais pura verdade”, a utilização do advérbio “sim” e a repetição do verbo “existir” marcam veementemente a crença na desinformação, bem como também o uso da hipérbole, evidenciando sensacionalismo no uso do termo “milhares de exemplares”.

Algo importante de se destacar é a noção do entendimento sobre o assunto. A falta de compreensão sobre determinado objeto pode perpassar a verdade e trazer como consequência a mentira. Esses discursos são alvos para a possível criação não só de *fake news*, como também

a existência de discursos pós-verídicos. Enquanto a Globo aponta como *fake* a relação de Haddad com o “kit gay”, os usuários raciocinam que a o grupo G1 desconsidera a existência do material, enquanto, na verdade, a equipe busca apenas esclarecer que a maneira com a qual Bolsonaro se refere ao conteúdo em seus discursos é equivocada. Exemplos disso podem ser observados em comentários como “e os videos dele falando sobre isso sao fake tb?”, fazendo menção a gravações em que Fernando Haddad está falando em “kit gay”, mas não no projeto. Em “A reportagem da própria globolixonews já falava do kit. Mas é fake. [...]”, faz-se menção ironicamente ao fato de a equipe G1 já ter noticiado sobre a matéria em outros momentos, referindo-se ao projeto como se convencionou chamá-lo, mas, por estarem utilizando o termo “kit gay” nessa matéria, acredita-se que está mentindo. A própria *fake news* criada por Bolsonaro a respeito do “kit gay” pode ter nascido de uma falta de compreensão do real projeto, mas, como já fora argumentado, não se sabe se sua disseminação ocorreu por um efeito de pós-verdade ou por um motivo intencional de mentir e manipular.

O comentário “[...] O que é considerado verdade é o que tem volume de repetição. [...] A única coisa que importa é quem disse e quantas vezes repetiu”, embora apresente um posicionamento lúcido, mas descontente, em vista do cenário de propagação de mentiras, é um bom exemplo do que já foi dito sobre as relações entre desinformação e crença. O “volume de repetição” faz recordar as palavras de Joseph Goebbels, quando dizia que “uma mentira dita uma vez continua uma mentira, mas uma mentira dita mil vezes torna-se verdade”, e faz lembrar o fato de a pós-verdade, como sentimento em que as crenças são mais importantes do que os fatos, ser reforçada em todas as réplicas em que se fazem presentes as *fake news*, além de ser um fenômeno mais característico da oralidade, por pertencer à voz do povo – ao que D’Ancona (2018) faz crítica, ao dizer que todos se consideram especialistas e se sentem no direito de opinar, sem se apropriarem dos fatos. No mesmo comentário, ao dizer que “Não importa a decisão da justiça (a não ser que seja o Lula, aí viva a justiça brasileira)”, o usuário tece crítica à simplicidade no raciocínio do povo brasileiro em pôr seus credos sobre a própria verdade, mostrando que a justiça só convém quando vai ao encontro das convicções do povo. O uso de “Lula” não foi em vão, pois não se trata só de um substantivo utilizado para determinar o nome de um homem, mas sim, trata-se de um signo ideológico que possui refrações diversas, muitas delas negativas, na voz de opositores do PT e/ou de eleitores de Bolsonaro.

É interessante se observar também o posicionamento daqueles que mostraram uma readaptação ideológica nas suas reflexões sobre o problema, como é o caso do usuário que comenta “[...] Por um tempo, “eu” acreditei que fosse verdade”. Isso retoma as palavras de Ferrari (2018), quando demonstra preocupação com o combate à desinformação, dizendo ser

necessário um posicionamento reflexivo e crítico sobre tudo o que circunda os seres humanos. Argumentos assim são importantes para a conduta moral que todo ser interdiscursivo tem em sociedade e inferem diretamente na responsabilidade do “eu” intersubjetivo para o outro na condução do discurso. Portanto, discursos como esses são importantes para se quebrar paradigmas entranhados nas *fake news*, uma vez que podem motivar positivamente os parceiros do discurso, fazendo-os refletirem sobre a importância de fugir das bolhas para a devida observação da realidade.

Por fim, é importante tecer comentários sobre base e superestrutura e gêneros, no final desta parte, visto que até aqui se observaram não só os discursos veiculados como também as respostas de seu público-alvo, o que contribui para atribuir um relativo acabamento a essa análise. Assim como as notícias, as *fake news* também são gêneros secundários, pois elas apresentam uma elaboração complexa, embasadas diretamente nas condições reais da vida discursiva. Em se tratando das falsas informações, ou seja, dos atos de desinformação, sua relativa conclusibilidade se baseia em reflexos da comunicação discursiva imediata. As notícias também têm sua complexidade baseada no contato discursivo da linguagem concreta. Nesse sentido, vê-se que tanto o texto veiculado pela página *Fato ou Fake* quanto o conteúdo falso por eles deflagrado apresentam uma elaboração criada apenas mediante o contato com a realidade dos falantes. Ou seja, a equipe G1, para a construção de seu texto, parte do princípio que é importante ressaltar as mentiras ocorridas na fala popular sobre o desentendimento do “kit gay”, o que não deixa de ser reflexo, em seu material, dessa produção simples do discurso verbal cotidiano, procurando apontar e esclarecer aquilo que nessas falas não colaboravam com uma ideologia que prezasse pela verdade. Por outro lado, a *fake news* não surgiu se não fosse pela ocorrência de discursos pós-verídicos que estavam acontecendo nas bases da comunicação discursiva, vindo aí um solo fértil para dar sustância a variadas vozes que estavam se tornando fortes naquele momento.

Os gêneros secundários podem se fazer de uma espécie de incorporação dos primários, já que estes se tratam das réplicas relativamente estáveis e simples do cotidiano. Entretanto, embora se possa pensar que as *fake news* apresente esse vínculo de forma mais estreita com os primários, em vista de o discurso parecer estar mais próximo, não se pode observá-la diferentemente das notícias. Talvez essa diferença se dê pelo fato de que o produto da desinformação, em sua materialidade, busque se aproximar mais do interlocutor e do objeto, como foi discutido e observado na análise, enquanto na notícia não se observa essa aproximação, uma vez que, como já foi dito, ela prima pelo que se convém chamar de imparcialidade jornalística. Contudo, ambas são secundárias, pois, assim como a notícia –

organizada sob determinadas funções editoriais, compila a informação sob um recorte moral do jornalista, preocupando-se e atentando-se àquilo que é importante para a informação e o bem-estar de seu interlocutor, de acordo com seu grau de relevância –, as *fake news* – que também organizam seus enunciados de forma mais independente, com a vontade discursiva do falante em primeira estância, e não com a decisão de um grupo editorial, projetando seu discurso ao seu interlocutor organizando desinformações – demanda uma estruturação bem articulada. Isso se encontra no fato de que ela, para enganar seus parceiros discursivos, precisa ser bem elaborada, e se comprova pelo fato de ter o poder de corromper a noção de verdade, como pôde ser visto no exemplo da figura 18. Isso não só contribui para sua avaliação como gêneros secundários, à luz da teoria bakhtiniana, como também aponta para sua distinção.

Nesse processo dialógico, refletido na formação desses gêneros observados como secundários, pode-se averiguar os comentários dos usuários como frutos da fala simples cotidiana, pequenas réplicas discursivas que se concentram nas bases da comunicação social e, inevitavelmente, apontam para a superestrutura, refletida em forma de *fake news*. Nesse sentido, faz-se importante constatar que esse gênero não se cria do nada; seu locutor se faz de seus reflexos discursivos para veicular seu discurso em forma de verdade, tendo a empatia de colocar-se no lugar do interlocutor, apropriando-se inadequadamente dele, tentando enxergar as coisas que o rodeiam da mesma forma, no momento em que organiza seu discurso. A base e a superestrutura, como fenômenos sociais não dissidentes, são fatores que concorrem a um mesmo projeto e respigam em reflexos e refrações comuns, os quais fazem as *fake news* serem condicionadas como gênero próprio. Além disso, *fake news* e pós-verdade andam conjuntamente tanto na sua criação quanto na sua disseminação, tornando a enunciação uma atividade relativamente acabada. Ou seja, enquanto a *fake news* a respeito do “Kit gay” se apresenta seus enunciados com uma relativa estabilidade, sua formação só se dá por meio da vida do discurso que busca refletir, configurando-se com certo acabamento nas camadas de superestrutura. Disso, considerando o fenômeno de pós-verdade, pode-se dizer que a *fake news* é a materialidade que culmina na superestrutura dialógica, enquanto as crenças acontecem na base, dando vida à criação elaborada de discursos enganosos, o que, claramente, não acontece de forma estanque, e sim, conjunta, visto que a linguagem é material incessante e inevitável na construção de (res) significações dialógicas.

Na figura 20, tem-se igualmente uma *fake news*, versando também sobre o mesmo assunto da anterior. Entretanto, diferentemente do material apresentado na figura 18, essa desinformação se apresenta em um modelo mais próximo à notícia jornalística, devido ao seu

formato. Isso pode ser observado na forma em que a página busca se reportar ao leitor, com a predominância de texto escrito, uma manchete seguida de linha fina, seguida do termo “JM Notícia” como assinatura. Enquanto, na *fake news* anterior, o texto era predominantemente verbovisual, pois se tratava de uma foto com o presidente apontando uma mensagem, esta se constitui de maneira a imitar o discurso jornalístico. De qualquer forma, o que há de semelhante entre as duas construções é a tentativa de desinformar o interlocutor. Entretanto, embora se saiba que as *fake news* tenham, em seu projeto enunciativo, essa característica, não se pode afirmar se era essa a real finalidade do locutor, uma vez que há fronteiras bem estabelecidas na análise do discurso entre o que se consegue observar do dito e sua real intenção. Contudo, a materialidade discursiva em si permite compreender esse objeto com intenção de desinformar.

Figura 20 – *fake news* 2 – kit gay

The image shows a screenshot of a news article from JM Notícia. The article title is "Fama de 'pai do kit gay' pode afastar ainda mais o eleitor de Haddad". Below the title, it states "Lula tem 34% das intenções de voto, Haddad tem 4%". The article is dated August 23, 2018, and has 895 likes. The article text discusses the rejection of Fernando Haddad (PT) as a candidate for president, mentioning a survey by Ibope showing 37% support for Lula and 4% for Haddad. It also mentions a project by the PT government to distribute 'kit gay' in public schools, which was criticized by Jair Bolsonaro.

JM NOTÍCIA
VOZES SEM INFORMADO

GOSPEL REGIONAL BRASIL E MUNDO POLÍTICA ARTIGOS ▾

f @ t v 🔍

Fama de “pai do kit gay” pode afastar ainda mais o eleitor de Haddad

Lula tem 34% das intenções de voto, Haddad tem 4%

Por **JM Notícia** - 23 de agosto de 2018

Curtir 895

f t p

Da Redação JM Notícia

O ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT) tem sofrido a rejeição dos **eleitores de Lula** como vemos as recentes pesquisas de intenções de voto divulgadas essa semana.

Pelo Ibope, Lula teria 37% dos votos. Em um cenário sem o ex-presidente, tendo seu vice, Haddad, como o candidato, o PT teria apenas 4% das intenções de voto.

Se o **Tribunal Superior Eleitoral** confirmar que Lula está inelegível e Haddad se tornar o candidato, além de ganhar a confiança entre os petistas, o Haddad terá que se esforçar para apagar um dos seus projetos enquanto ministro da Educação: o kit gay que seria distribuído nas escolas públicas.

O material didático do programa “Escola Sem Hofobia” foi criado durante a gestão de Haddad entre os anos de 2005 e 2012, gerando grande polêmica em todo o país.

Entre as partes mais criticadas do projeto estava o filme de uma mulher trans que exigia o direito de usar o banheiro feminino. Em outro material, ensinava-se para as crianças que uma pessoa bissexual tem mais chances de conseguir parceiros por poder se relacionar com meninos e meninas.

VEJA TAMBÉM
Vereador Lúcio Campelo assume a presidência do Partido da República em Palmas

Um dos maiores críticos do projeto foi o **deputado Jair Bolsonaro** que hoje é pré-candidato à Presidência e poderá disputar o cargo com Haddad, que é vice na chapa

Fonte: JM Notícia

Pode-se dizer que alguns pontos do discurso veiculado nessa página constataam esse material como *fake*, a partir do momento em que se utilizam traços de verdade para veicular posicionamento tendencioso e falso sobre um objeto ao seu interlocutor, indo de encontro àquilo já esclarecido por veículos de informações sérios, como no caso das agências de checagem. O posicionamento dessa página pode ter sido uma resposta não só a corais de apoio que compartilham da mesma visão sobre o “kit gay”, como também a veículos jornalísticos de renome, os quais apontavam veementemente sobre o projeto das *fake news*, buscando esclarecer as mentiras à sociedade durante o período eleitoral. De qualquer forma, a escolha do tema “kit gay” guia o conjunto de enunciados desse gênero. Essa questão também contribui para que o estilo do texto demonstre um posicionamento definido, mais parcial, algo contrário àquilo pelo qual preza a ética jornalística.

Aqui, diferentemente da *fake news* anterior, o projeto enunciativo, ao se tornar tema de um enunciado, ganhou, igualmente, um relativo acabamento, mas pareceu ser mais esgotado, e isso se deve ao fato de tentar imitar o texto jornalístico, pois sua construção se evidencia como muito próxima à da notícia. Nesse caminho, pode-se refletir que, embora esse conteúdo não pareça buscar, assim como o de Bolsonaro (figura 18), a responsividade imediata de seu interlocutor, com compartilhamentos e disseminações em plataformas virtuais, o discurso, por imitar o texto jornalístico, poderia passar a ter uma certa credibilidade em possíveis pesquisas daqueles que duvidavam da existência do “kit gay” e pudessem verificar sua veracidade em mecanismos de busca.

Embora pareça ter havido uma tentativa nesse discurso de apresentar um certo afastamento do objeto e do possível auditório, como é próprio da notícia jornalística, observa-se no texto a presença de uma voz que, em alguns momentos, produz seu discurso evidenciando o contrário: um aproximação do objeto e de seu interlocutor. Exemplo disso pode ser visto no uso do artigo “o” antes do substantivo próprio “Haddad”, em “[...] o Haddad terá que se esforçar para apagar um dos seus projetos [...]”, como se estivesse se aproximando daquele de quem fala – ou seja, Haddad –, em que é comum se utilizar o artigo definido antes de nomes próprios, designando proximidade. Por outro lado, um exemplo de aproximação do interlocutor ocorre quando no discurso se encontra o verbo “vemos”, na primeira pessoa do plural, como se estivesse procurando estabelecer com ele um diálogo. Ambas ocorrências fazem lembrar traços comuns à oralidade, em vista de as *fake news* apresentarem sua construção como gênero secundário de forma mais próxima às réplicas simples do cotidiano. Isso, na notícia, é algo incomum, uma vez que se prefere utilizar a 3ª pessoa com o objetivo de transmitir ao seu interlocutor mais seriedade e fidelidade ao objeto narrado. Embora haja apenas uma ocorrência

de um verbo na primeira pessoa nessa matéria pseudoinformativa, a predominância é de verbos na terceira pessoa, certamente por tentar embutir em sua essência um certo teor jornalístico, como já foi dito.

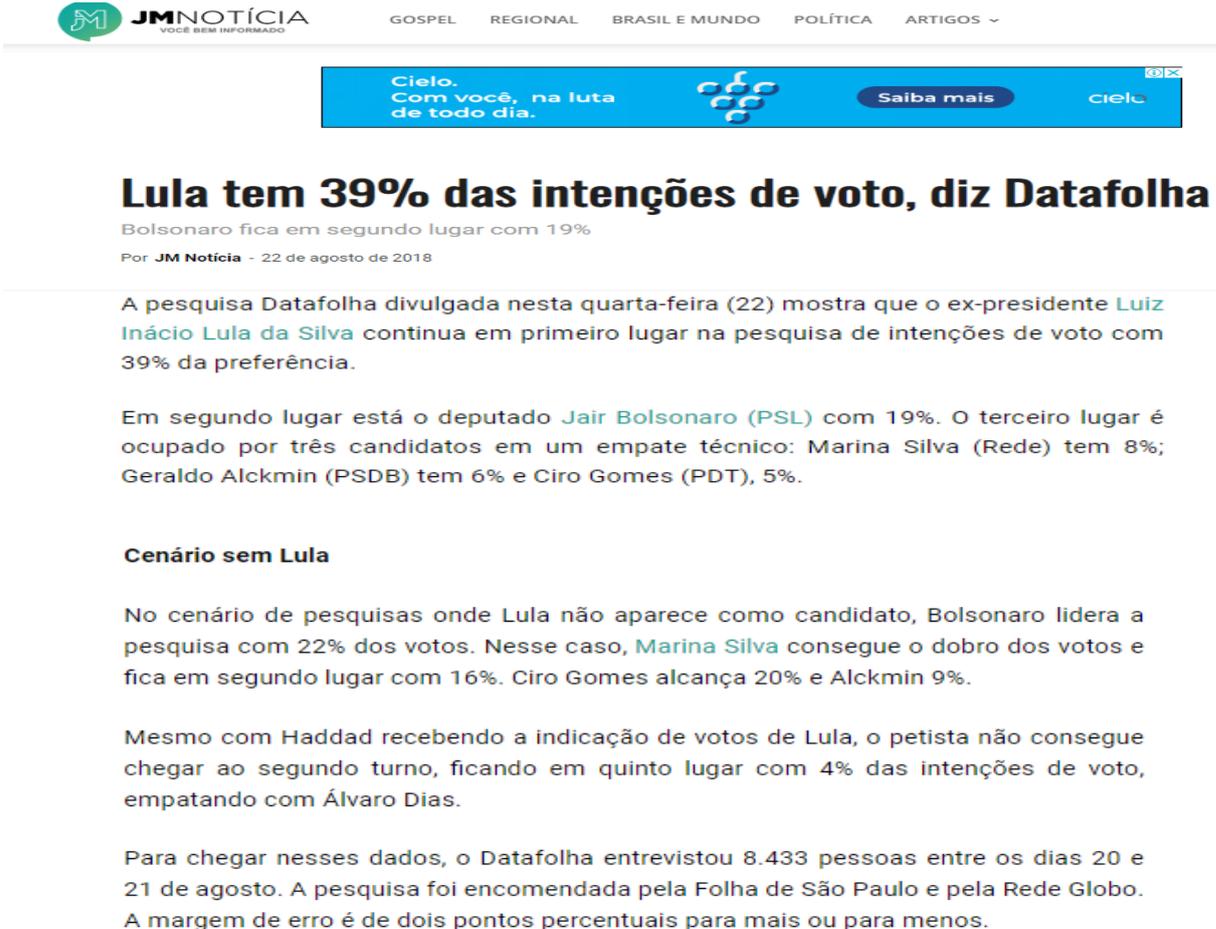
No que tange a essa mesma palavra (“vemos”), nota-se que ela é utilizada como tentativa de dialogar com o leitor, mostrando dados sobre a pesquisa e retomando que a baixa porcentagem de Haddad na pesquisa se deve ao fato de ter a fama de “pai do kit gay”, como escrito na manchete. Isso é observado também na palavra “rejeição”. Nisso, o discurso veiculado parece se equivocar, uma vez que, na verdade, Haddad tinha poucas intenções de voto não pela má “fama”, mas sim pela falta de reconhecimento como eleitor pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT). Lula deixou de ser candidato desde 1º de setembro de 2018, como aponta, por exemplo, o jornal *El País* (2018). Nesse contexto, preferiu-se dar enfoque, em propagandas políticas, ao número 13, representante do partido, do que à trajetória de Haddad, visto que, como poderia não ser reconhecido pelo povo no meio político, teria pouco tempo para adquirir votos em sua campanha. Sendo assim, nas peças publicitárias, optou-se por utilizar “Haddad é Lula” como uma transfiguração do ex-presidente ao novo dirigente, com a imagem de Lula junto a Haddad, acompanhado de sua vice Manuela, no primeiro turno.

Quanto à palavra “fama”, no título, associando Fernando Haddad ao “kit gay”, pode-se constatar-la como eco de discursos anteriores, pois se utiliza no texto de forma a ultrajar o nome do candidato, o que se confirma ao se tomar o conjunto de enunciados subsequentes na construção do todo. Parece haver a procura de suscitar discussões e, potencialmente, réplicas que sustentem com mais força esse discurso enganoso o qual já estava em debate nas mídias. Ao invés de se buscar informar, no texto, que Haddad substituiria Lula, em caso deste ser inelegível, e que para isso teria de se tornar mais presente em campanhas, fazendo mais propaganda de seu nome no meio político, a matéria parece ter desejado atribuir-lhe essa fama com sentido negativo, o que fica evidente ao associar Haddad ao conteúdo “kit gay”, nos trechos em que se explica os vídeos que compunha o material (“ensinava-se para as crianças que uma pessoa bissexual tem mais chances de conseguir parceiros por poder se relacionar com meninos e meninas”. [...]).

Na época, enquanto se falava da possibilidade de Lula não poder se candidatar à política, muitas pessoas da oposição utilizavam de mentiras que pudessem denegrir o candidato que o substituiria. Como a figura de Lula era uma das mais populares da história brasileira, e suas intenções de voto estavam com percentual acima de outros candidatos à presidência, possivelmente seu substituto poderia se valer de seus votos. Isso causou certo temor em grupos opostos ao PT. Nessa perspectiva, parece confirmar essa afirmação o fato de, além de denegrir

subentendidamente Haddad, a página disponibilizar *links* de acesso para outros conteúdos que buscam, nas entrelinhas, difamar o Partido dos Trabalhadores. O trecho destacado como *link* “eleitores de lula”, no primeiro parágrafo da matéria, por exemplo, leva a uma página, do mesmo site, intitulada pela manchete “Lula tem 39% das intenções de voto, diz Data Folha” (2018), como apresentado pela figura abaixo:

Figura 21 – *Link* para manchete



Lula tem 39% das intenções de voto, diz Datafolha

Bolsonaro fica em segundo lugar com 19%

Por JM Notícia - 22 de agosto de 2018

A pesquisa Datafolha divulgada nesta quarta-feira (22) mostra que o ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** continua em primeiro lugar na pesquisa de intenções de voto com 39% da preferência.

Em segundo lugar está o deputado **Jair Bolsonaro (PSL)** com 19%. O terceiro lugar é ocupado por três candidatos em um empate técnico: **Marina Silva (Rede)** tem 8%; **Geraldo Alckmin (PSDB)** tem 6% e **Ciro Gomes (PDT)**, 5%.

Cenário sem Lula

No cenário de pesquisas onde Lula não aparece como candidato, Bolsonaro lidera a pesquisa com 22% dos votos. Nesse caso, **Marina Silva** consegue o dobro dos votos e fica em segundo lugar com 16%. Ciro Gomes alcança 20% e Alckmin 9%.

Mesmo com Haddad recebendo a indicação de votos de Lula, o petista não consegue chegar ao segundo turno, ficando em quinto lugar com 4% das intenções de voto, empatando com Álvaro Dias.

Para chegar nesses dados, o Datafolha entrevistou 8.433 pessoas entre os dias 20 e 21 de agosto. A pesquisa foi encomendada pela Folha de São Paulo e pela Rede Globo. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Fonte: JM Notícia

A manchete é seguida de uma linha fina, em que se escreve “Bolsonaro fica em segundo lugar, com 19%”. No decorrer deste texto, no quinto parágrafo, há o subtítulo “Cenário sem Lula”, dizendo que, caso Lula não esteja no cenário de pesquisas, Bolsonaro estaria liderando. Nisso, parece haver uma certa necessidade de enfatizar o nome do candidato do PSL. Ainda no mesmo discurso, reiteram o fato de Lula ser considerado inelegível, utilizando o signo “corrupção”, deixando subentender certo realce ao posicionamento da página. Na sequência dessa explicação, isso se torna mais evidente no uso de “Mesmo assim, seu nome ainda aparece

nas pesquisas eleitorais [...]”, em que o termo “mesmo assim” parece demonstrar certa insatisfação com as agências de pesquisa, as quais ainda utilizavam Lula por não haver nenhuma determinação do TSE até o momento. A palavra “mesmo”, onde se diz “Mesmo com Haddad recebendo a indicação de votos de Lula, o petista não consegue chegar ao segundo turno [...]”, refrata com mais veemência a tendência na manipulação de sua notícia, em que, ainda não sabendo do futuro, prevê com base incerta que o substituto de Lula não seguiria nas eleições presidenciais. Não é possível dizer se esta página segue alguma corrente ideológico-partidária. No entanto, com alguns desses trechos apresentados, é possível inferir ao menos que se veiculam, em seus discursos, como opostos ao Partido dos Trabalhadores – o próprio uso de “petista” parece soar de forma pejorativa –, e isso, de forma ou outra, parece incentivar a construção de discursos enganosos que corrompam os interlocutores com a mentira e sustentem com força os sentimentos de pós-verdade, além de contribuir para reforçar a segregação de grupos ideológicos.

Outras questões na mesma página parecem corroborar certa tendência na manifestação dessa *fake news*, algo que se distingue da notícia, a qual tenta sempre mostrar-se imparcial. As abas “Gospel” e “Política”, quando acessadas, apresentam, respectivamente, matérias³⁵ sobre a importância da fé religiosa – trazendo, como exemplo disso, a manchete “Cresce número de jovens que abandonam as igrejas nos EUA” (2019), utilizando como base um estudo pseudocientífico, indicando o quão perigoso pode ser, no futuro, essa comunidade se afastar da igreja – e sobre conteúdos que apresentam apoio e lisonjeio à presidência – como, por exemplo, a matéria intitulada por “Malafaia defende Governo Bolsonaro e diz ‘para quem ele não presta’”, com a opinião, em vídeo, de um defensor do atual presidente, condenando partidos contrários ao PSL e também a imprensa, utilizando o discurso de que Bolsonaro não presta para aqueles que “querem erotizar crianças [...] que são contra a família”, de acordo com suas próprias palavras. Esse último exemplo é uma amostra de que outros conteúdos veiculados nessa página podem se configurar potencialmente como *fake news*. Esses tópicos sobre fé e política presentes nesse suporte fazem lembrar as palavras de Harari (2018), ao dizer que os credos religiosos sempre tiveram grande influência na construção da mentira no decorrer da história, e as de Ferrari (2018), ao comentar sobre o perigo iminente da segregação de grupos em bolhas ideológicas.

A utilização dos signos ideológicos para essa matéria demonstra-se bastante acentuada, como visto nos exemplos acima, com as palavras “fama”, “vemos” e “rejeição”, contribuindo

³⁵ Essas matérias estão disponibilizadas nas referências.

para a ideia de que, na desinformação, a refração desses signos acontece de forma distorcida da realidade objetiva dos fatos. Outros exemplos que constatarem essa distorção podem ser esclarecidos em “petistas” (“[...] além de ganhar a confiança entre os petistas” [...]), que recebeu, desde as últimas eleições, um sentido obscuramente pejorativo e subentende, em certa medida, a tentativa de dar ênfase à segregação de grupos ideológicos opostos. Além disso, a preposição “entre” colabora para essa entonação avaliativa, uma vez que, no contexto, objetivava-se tecer uma espécie de seriação entre coisas diferentes. O uso do termo “kit gay” está, igualmente à *fake news* anterior (figura 18), escrito sem aspas, e essa valoração negativa e sensacionalista do termo pode ser compreendida em relação ao que se diz posteriormente, no quinto parágrafo, ao explicar sobre o que se tratava o material (“[...] ensinava-se para as crianças”), replicando novamente a mentira de o material ser voltado ao público infantil. O signo “Escola Sem Homofobia”, por sua vez, está grafado entre aspas, buscando reportar esse termo como se ele sim se tratasse de uma mentira, corroborando com o imaginário de o que existe é o kit gay e sua proposta de erotização às crianças em idade escolar. O uso coloquial do verbo “apagar” anuncia o projeto com valoração negativa, contribuindo também para a ideia de que o discurso desenvolvido no texto não se preocupa com a imparcialidade jornalística e quer trazer ao seu interlocutor um posicionamento opinativo e próximo do objeto. O uso da palavra “crítico” em “Um dos maiores críticos do projeto foi o deputado Jair Bolsonaro”, apropria Bolsonaro como autoridade no assunto, atribuindo-lhe uma valoração positiva, pois repudia algo desprezível à família tradicional. Por fim, o trecho em que se diz “[...] Jair Bolsonaro que hoje é pré-candidato à presidência [...]”, o locutor não utiliza a vírgula antes do conector “que” na parte sublinhada, parecendo dar ênfase ao especificar o nome anterior, em vez de apenas realçar um detalhe já sabido – interessantemente, ocorre o contrário com Haddad, em “[...] que é vice na chapa do ex-presidente Lula, a parte sublinhada tem o “que” posposto à vírgula. Isso pode se tratar de uma falta de atenção na redação do texto, mas deixa a desejar que, no uso do sistema, aquele que escreveu talvez tenha sido levado a esclarecer seu posicionamento na escolha desse estilo.

A escolha das palavras para a disseminação dessa *fake news*, como visto no parágrafo anterior, parece estar de acordo com o posicionamento do locutor a favor do atual presidente e, respectivamente, contrário ao “kit gay”, contribuindo para a promoção de sua mentira. Um exemplo disso acontece no último parágrafo, quando ele busca esclarecer ao seu possível auditório que Bolsonaro recebeu o título de homofóbico, tornando-se inimigo da comunidade gay. O uso da palavra “aliás”, por exemplo, evidencia o locutor desejar fazer uma retificação ao dito antes sobre o “kit gay”, mostrando que o recebimento deste título é uma injustiça, uma

vez que para ele o presidente só criticava o material pelo fato de se tratar de um abuso aos princípios do cidadão de bem, o que se esclarece no final do texto, quando enfatiza que sua oposição é em relação ao estímulo precoce das crianças à sexualidade, e não à homossexualidade em si.

Questões de escrita, no que tange à norma-padrão da língua, deflagram também o estilo desse material como falso. Algo próprio da notícia é a preocupação pelas convenções linguísticas na redação de seu texto, e isso não ocorre nessa desinformação. No segundo parágrafo, por exemplo, “Haddad” está precedido do artigo “o”, atribuindo uma certa aproximação do objeto recortado. No *link* da mesma página, que remete à manchete “Lula tem 39% das intenções de voto, diz DataFolha”, citada anteriormente, a oração que constitui o enunciado “[...] por foi condenado em segundo instância por conta [...]” apresenta inadequação gráfica ao escrever a palavra “por” no lugar do conector conclusivo “pois” e problema de concordância nominal, ao utilizar “segundo” no masculino. Esse descuido põe em cheque a credibilidade da página. Além disso, essas ocorrências características desse gênero fazem lembrar as palavras de Bakhtin, quando diz que a linguagem concreta da vida cotidiana acarreta uma mudança inevitável na língua como sistema. Ou seja, como essa *fake news* é próxima à fala do dia a dia, ela abarca essa heterogeneidade comum às reais condições de uso.

Além disso, também é interessante de se notar a escolha por outros mecanismos discursivos, como é o caso do que se convencionou chamar de sensacionalismo por empresas de *fact-checking*, o que se opõe à notícia, a qual busca sempre evidenciar seu recorte por meio do sentido literal das palavras. Isso acontece, ainda que de forma menos acentuada como na *fake news* da figura 18, quando, por exemplo, escreve-se “um dos maiores críticos do projeto”, em que “maiores” remete a Bolsonaro como figura ilustre, de respeito. Também ocorre quando se utiliza a metáfora “fruto da gestão do ministro petista”, em que “petista” e “fruto” confluem para uma valoração preconceituosa do partido oposto ao de Bolsonaro. Outro momento que exemplifica essa observação é quando se utiliza o advérbio “sempre”, generalizando falsamente que Bolsonaro não é homofóbico. O uso do signo “apagar”, em “[...] o Haddad terá que se esforçar para apagar um dos seus projetos [...]”, também corrobora essa observação, parecendo estar sendo utilizado de forma figurativa no lugar da palavra “esclarecer”, cujo significado está nas satisfações da má conduta de Haddad.

Mesmo essa *fake news* tentando imitar o fato jornalístico, em que o sistema da pirâmide invertida é, geralmente, estrutura preferencial da notícia para veiculação de seus textos, o discurso em análise não consegue atingir esse objetivo. Isso se confere na própria projeção enunciativa do tema: foca-se no nome Haddad, mas, em meados do texto, faz-se observação,

acentuadamente, sobre Bolsonaro, ao deflagrar o locutor narrando o objeto de forma parcial. Além disso, a linha fina não contempla, de forma resumitiva, quais informações serão desenvolvidas no decorrer do discurso. A hierarquia de informações disponíveis no texto também não se apropria do afunilamento discursivo proposto pela pirâmide invertida, com ordem dos assuntos mais relevantes aos menos relevantes. A explicação ao título da matéria, que seria o mais interessante para a compreensão do projeto discursivo, acontece apenas do terceiro parágrafo em diante. Nos dois primeiros parágrafos, busca-se explanar sobre as intenções de voto, de acordo com percentuais de pesquisas, mesmo que na visão da notícia isso pudesse não parecer de grande importância. Nisso, faz-se importante refletir que ainda assim essa questão da (não) importância na organização dos tópicos é um critério que deixa de ser jornalístico para ser produto da vontade discursiva do locutor. Mesmo não sendo linear, o autor julgou importante escrever seu texto assim, e isso não deixa de contribuir para sua compreensão.

Por fim, é importante destacar a questão da assinatura do discurso, momento em que o “eu” intersubjetivo se marca, tomando a responsabilidade pelo seu ato frente à responsabilidade daqueles a quem se dirige. É comum nas notícias alguém assinar a matéria, como responsável em nome de um grupo editorial, seguindo suas regras. Nessa *fake news*, o nome daquele que se responsabilizou pelo recorte não aparece – ocorre apenas o surgimento de “Por JM Notícias”, nome da página. A mesma coisa acontece com a imagem posterior ao termo “Da Redação JM Notícia”. Isso certamente se deva ao fato de que utilizar um nome que marque a existência de um corpo editorial possa convencer o leitor de sua legitimidade no discurso veiculado. No entanto, em nenhum momento se explica quem está por trás dessa organização, por quais profissionais esse grupo é composto. A imagem, por sua vez, é apenas seguida de uma legenda, sem o nome do profissional que contribuiu para a redação. Além disso, não há nenhuma aba nesse site apontando para o perfil dessa página, o que geralmente é apresentado em sites confiáveis por algum *link* como “sobre nós”, esclarecendo qual sua filosofia jornalística, sua metodologia de trabalho e seu contrato com a verdade. Também não há um espaço para contribuições de interlocutores, o que geralmente é concedido em veículos sérios de informação. Talvez esses aspectos não sejam notados por um auditório menos informado, uma vez que para a *fake news* o mais importante é sua finalidade, e não os meios, pois claramente não se deseja, em sua construção, se preocupar com recursos que apresentem sua legitimidade como um todo. Por essa falta de preocupação que há muitas pessoas corrompidas pela desinformação, e por isso também há muitas tentativas de suportes informativos ilustrarem a importância do cuidado com aquilo que se observa na internet.

Nesse sentido, é possível concluir a análise apontando que essa *fake news* caracteriza-se como gênero discursivo, pois o discurso que a constitui se alicerça sobre um conteúdo semântico-objetual, com estilo e estrutura configurados a partir de um projeto temático diferente do que versa a notícia. O fato de, nesse exemplo, ela ter sido desenvolvida como notícia jornalística, não a faz pertencer à esfera informativa como transparece, e isso não se dá por uma questão de forma, mas, sobretudo, de função.

Além disso, a rede de significações se desenvolve como reflexo provindo diretamente do que estava sendo apontado tanto pela mídia quanto pelas pessoas no uso da linguagem. Dessa forma, eles foram organizados complexamente, o que os fazem refletir-se na camada de superestrutura dialógica, pois seu acabamento fornece uma ideia relativamente pronta como produto dessas variadas manifestações. Também, essa *fake news* se configura, no plano do discurso, como um gênero secundário, em vista de sua concomitância com os gêneros simples cotidianos, desde as mentiras até os boatos, onde se fazem presentes, paralelamente, os discursos de pós-verdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como proposta analisar as *fake news* como gênero do discurso no âmbito da teoria bakhtiniana. Essa ideia surgiu do propósito de investigar sua ocorrência na vida concreta da língua, em vista da problemática da desinformação, a qual tem sido bastante discutida nos dias de hoje. Nessa linha de raciocínio, objetivou-se utilizar de dois materiais, que tratam do mesmo assunto – o “kit gay” –, os quais, acredita-se, são capazes de discutir certas regularidades ocorrentes nesses tipos de discursos, servindo para designá-los como gêneros. Dessa forma, a natureza dos conteúdos – virtual – não foi em vão, visto que a propagação da desinformação tem tido espaço notório nos meios digitais de comunicação e informação, como discutido no decorrer do texto.

As *fake news* não fazem parte de uma nova realidade, pois elas sempre existiram. O que há de novo nesse fenômeno é a maneira como ele se dissemina hoje, em vista dos avanços tecnológicos. A linguagem já não acontece somente na oralidade cotidiana, nos simples gêneros do dia a dia. De outro modo, hoje vê-se a possibilidade de os boatos se concretizarem em veículos virtuais, graças à contribuição da ciência. E, como foi dito, o problema pode se tornar mais eminente por isso, pois, junto ao avanço tecnológico, a possibilidade de encurtar grandes espaços de tempo na comunicação e na divulgação de conteúdos diversos tornou-se possível. Grandes boatos que antigamente, por exemplo, eram enviados por uma carta, demorando às vezes semanas para chegarem ao interlocutor, hoje são divulgados em questão de segundos através de plataformas virtuais. A desinformação é negativa em todos os aspectos, mas, ao se pensar na tecnologia, sabe-se que é necessário acompanhar sua evolução científica, caminhando juntamente a ela. Isso evidencia um dos princípios da dialética: o todo só se materializa por meio do elo com suas partes.

Entretanto, é importante enfatizar que, nessa era da desinformação, o problema não é a ciência, o dado material e objetivo da realidade. Pelo contrário, vê-se como empecilho para a ciência a atividade humana em indevido usufruto de suas tecnologias. O indivíduo não recebe o mundo, mas o ressignifica, e por isso se torna o agente responsável pela palavra que utiliza no âmbito do discurso. Sendo assim, o problema da nova era da desinformação em muito se deve pela falta de responsabilidade do “eu” para o outro, e vice-versa, na veiculação de informações falsas. E essa preocupação não existiria, se não fosse por um fenômeno muito próximo das *fake news*: a pós-verdade. Tratar a mentira como verdade é uma forma de torná-la ampla, incentivando e motivando a réplica de discursos que não colaboram para o bem-estar social e sua organização. Como foi dito neste texto, as ideologias contrárias à vacinação se

tornam um exemplo concreto de que as emoções e os credos, quando sobrepostos à verdade, são capazes de destruir a saúde social e comprometer as relações públicas em todos os níveis. Quando se menciona “saúde”, reflete-se também sobre a saúde psicológica. Discursos de ódio, quando instigados por *fake news*, ganham força e são capazes de abalar a harmonia e o bem-estar daqueles que procuram por equidade de direitos na sociedade. Nesse sentido, exemplifica-se o “kit gay”, material de análise deste trabalho: seu uso por grupos que condenam a doutrinação ideológica nas escolas não só alimenta a fúria e a repulsa à identidade LGBT, como também marginaliza essa comunidade que luta por seus direitos. As *fake news*, em conjunto com a pós-verdade, fazem-se em discursos segregadores, dividindo pessoas em bolhas ideológicas e não colaborando para o todo como uma unidade, onde todas as partes deveriam ser equipolentes. Pelo contrário, contribuem para diversas unidades, repartidas e segregadas por discórdia, preconceito, medos e convicções. Claro, Bakhtin enfatiza a importância do ser individual para o ser social e diz que todos são singulares, com seus próprios pontos de vistas. Da mesma forma, explica também sobre o diálogo ser repleto de tensões. Porém, assim como “os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2018, p. 296-297), é preciso que esses limites não fiquem apenas no plano do enunciado, mas também, no plano do respeito, fronteira que deve igualmente guiar as relações humanas.

Ter problematizado as *fake news* e a pós-verdade sob a perspectiva da teoria bakhtiniana se deve ao fato de que, igualmente à língua, elas também são fenômenos sociais, ou seja, são produtos da interação interdiscursiva. As *fake news* nascem no seio da psicologia social e sua materialidade acontece na linguagem concreta e viva do interdiscurso. Refletir sobre sua construção, cuja base se edifica em uma sólida estrutura, é pensar que entre seus meios e seus fins, nesse edifício dialógico, há várias vozes sociais e ideológicas arquitetando o discurso. Dessa maneira, compreender a desinformação como fenômeno social, dentro de uma perspectiva da língua *in acto*, é uma forma de ampliar a visão a respeito das *fake news*, mostrando que sua projeção enunciativa só acontece por meio da linguagem, arraigada ao psicologismo social. Exemplo disso foi a tentativa de apresentar a desinformação como um gênero do discurso: seus constituintes são capazes de esclarecer muito além das palavras, ou seja, suas peculiaridades são capazes de perpassar o código escrito e explicar bastante a respeito da vida em sociedade. Observá-la como um gênero diferente da notícia permite compreender que cada veiculação é um projeto discursivo e, por isso, as dúvidas sobre verdades e mentiras serão esclarecidas nessa distinção. Muitas agências de checagem, por exemplo, designam, em suas páginas, características comuns às *fake news*, com base em estrutura e conteúdo,

examinando também seus efeitos na sociedade. Contudo não discutem o que na linguagem demarca aspectos próprios desse tipo discursivo. O fenômeno da desinformação é abrangente não só porque é complexo seu projeto enunciativo, mas também porque a linguagem se concretiza de forma complexa nos meios de comunicação.

O objetivo deste trabalho não foi o de concluir categoricamente o que são as *fake news* do ponto de vista da análise discursiva bakhtiniana. Pelo contrário, a intenção foi fundamentar a análise aplicada com base na leitura de escritos do Círculo, buscando elucidar a maneira com que a teoria pode contribuir com problemas relativos à filosofia da linguagem social. Bakhtin (2018) já chamava atenção, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, por exemplo, para a importância de uma ciência da língua que observasse questões arraigadas no âmbito da filosofia social da linguagem humana. Nessa proposta translinguística, é possível observar, nas palavras da pesquisadora Di Fanti, a validade de “[...] destacar a proposta de uma ‘metalinguística’ para tratar o discurso [...]” (DI FANTI, 2012, p. 310). Acredita-se que um olhar sob o ponto de vista dialógico seja capaz de contribuir positivamente para outras áreas do conhecimento. Como foi dito no decorrer do texto, há poucos trabalhos a respeito da desinformação nas ciências em geral. Em questões de linguística, o mesmo se observa. Embasar-se na filosofia da linguagem como possibilidade de observação dessa problemática é oportunizar a compreensão do fenômeno para além do que as próprias palavras são capazes de dizer, pois se elas são utilizadas, é por algum motivo: há alguém por traz, repleto de tensões e intenções, que tem a necessidade ideológica e dialógica de se tornar presente para o outro no discurso.

Sobre a escolha do tópico “gêneros”, vale também a observação de que não se procurou estabelecer categoricamente certas regularidades pertencentes às *fake news*, de forma a atribuir uma resposta única e final para o fenômeno. Sabe-se que a proposta bakhtiniana tece fortes críticas ao formalismo, e abordar a desinformação sob esse âmbito no trabalho soaria contraditório. O que se buscou foi problematizar as *fake news* dentro de alguns tópicos discutidos nos trabalhos do Círculo e de pesquisadores da desinformação, para que, com isso, se pudesse estabelecer certas características que se diferem da notícia. Bakhtin é capaz de sustentar essa justificativa, quando diz, por exemplo, que “onde há estilo, há gênero” (BAKHTIN, 2018, p. 268) e que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas do todo” (Ibid., p. 282). Sendo assim, as falsas informações, por se constituírem de certas regularidades, concretizam-se no cenário do discurso como um gênero.

Acredita-se que estudos translinguísticos, como os proporcionados pela Análise do Discurso bakhtiniana, possam contribuir com futuras investigações científicas, quando aliados

à análise de dados e à aplicação de inteligência artificial (IA). Mencionou-se brevemente, no decorrer do texto, as *deep fakes*, fenômeno bastante próximo às *fake news*. Sua produção em muito se deve à IA, tornando o fator da desinformação uma problemática mais abrangente e com tendência de comprometer mais potencialmente a saúde social. No entanto, sabendo que a tecnologia também pode ser utilizada como maneira de precaução e combate a esse mal, podem-se construir parâmetros os quais contribuam para a designação de *fake news*. Por exemplo, especificidades comuns a esse gênero discursivo, como foi proposto no quadro 1 (seção 3.4), podem ser programadas para serem posteriormente identificadas por robôs.

Não só a tecnologia é capaz de ser utilizada como prevenção a questões capazes de desfavorecer a ordem social. A educação é e sempre será a arma mais latente para lidar com essa realidade. Foi comentado no decorrer da pesquisa sobre a questão do letramento digital, e acredita-se que isso seja capaz de surtir efeitos bastante proveitosos no ambiente educacional, pois a escola, enquanto instituição formadora, é um ente potencial na construção da cidadania. Por isso, instigar à criticidade, à leitura e à compreensão de diversos conteúdos aos quais se tem acesso é mais que um compromisso social. Embora se imagine que seja difícil cessar a ocorrência incessante das *fake news* no futuro, é necessário que todos estejam instruídos e, nessa perspectiva, a educação será um artifício influente em sua precaução.

REFERÊNCIAS

AOS FATOS. **É falso que Haddad criou “kit gay” para crianças de seis anos.** Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>. Acesso em: 04 out 2019.

AOS FATOS. **É falso que The Economist elegeu Lula o governante mais corrupto da história.** Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-the-economist-elegeu-lula-o-governante-mais-corrupto-da-historia/>. Acesso em: 25 set 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de ética dos jornalistas brasileiros.** Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 27 mai 2018.

BAKHTIN, M. A forma espacial da personagem. In: _____. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. p. 21-84.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. p. 307-337.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. p. 261-306

BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. In: _____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. **Por uma filosofia do ato responsável.** Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: SP: Pedro e João, 2012.

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua.** Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. **Língua Portuguesa - 6º ao 9º ano.**

Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 24 abr 2019.

BEZERRA, Mirthyani. **Boris Fausto: Bolsonaro usa estratégia de "fake news" ao distorcer história.** Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/01/ao-distorcer-historia-bolsonaro-usa-estrategia-de-quem-faz-fake-news.htm>. Acesso em: 09 mai 2019.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/ enunciado concredo/ enunciação. In: ____ (org.): **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo, Contexto: 2017. p. 61-79.

BUBNOVA, Tatiana. **O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin.** Trad. Maria Inês Batista Campos e Nathália Rodrighero Salinas Polachini. Conexão Letras, Porto Alegre, v. 8, n. 10, p. 9-18, 2013.

CAMPOS, Lorraine Vilela. **O que são fake news?** Disponível em:

<https://brasile scola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em 08 mai 2019.

CARTA CAPITAL. **Comportamento de Bolsonaro na internet ajuda fábrica de fake news.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comportamento-de-bolsonaro-na-internet-ajuda-fabrica-de-fake-news/>. Acesso em: 09 mai 2019.

CARTA CAPITAL. **Eleito, Bolsonaro insiste em fake news sobre kit gay.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/bolsonaro-insiste-em-fakenews-sobre-kit-gay/>. Acesso em: 04 out 2019.

CARTA CAPITAL. **Pós-verdade: o conceito político da moda é equivocado.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/o-conceito-politico-da-moda-pos-verdade-e-equivocado/>. Acesso em: 09 mai 2019.

CASTRO, C. A.; RIBEIRO, M. S. P. **Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário.** Transinformação, Campinas, v. 9, n.1, p. 17-25, 1997.

CARVALHO, M. F. C.; MATHEUS, C. A. **Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de ciência da informação.** UFMG, Belo Horizonte, p. 1-13, 2018.

CORREIO BRAZILIENSE. **Descrença nos políticos é maior obstáculo para eleitor escolher candidato.** Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/05/28/interna_politica,684027/descrancia-nos-politicos-e-maior-obstaculo-para-eleitor-escolhercandid.shtml. Acesso em: 15 nov 2018.

COSTA, Helton. **O que temos para hoje:** pirâmide invertida no jornalismo online.

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/o-que-temos-para-hoje-piramide-invertida-no-jornalismo-on-line>. Acesso em: 01 out 2019.

CLUBE DA TERRA PLANA. **Revista da terra plana.** Disponível em:

<http://www.revista.clubeterraplana.com.br/?fbclid=IwAR1TKIIZnBB1kt-bwpmroZhS-TXxVfyJiVXdcS5CmIIP337R4ach44w7uz4>. Acesso em: 16 out 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fakenews. Barueria, Faro Editorial: 2018.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. **Fake news nas redes sociais online:**

propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, Portugal, v. 18, n. 32, p. 155-169.

DI FANTI, M. G. **Linguagem e trabalho:** diálogo entre a translinguística e a ergologia. UPF, RS, v. 8, n. 1, p. 309-329, 2012.

EL PAÍS. **A longa história das notícias falsas.** Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html>. Acesso em: 15 nov 2018.

EL PAÍS. **Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou o “kit gay”.** Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html. Acesso em: 04 out 2019.

EL PAÍS. **Cinco fake news que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro.** Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html. Acesso em 05 mai 2019.

EL PAÍS. **Lula entrega a Haddad a missão de levar o PT ao segundo turno.** Disponível

em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/11/actualidad/1536668415_769802.html. Acesso em: 07 out 2019.

EL PAÍS. **Pós-verdade: a arte de manipular multidões.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/22/opinion/1503395946_889112.html. Acesso em: 15 out 2019.

EXAME. **A eleição do “kit gay”.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/a-eleicao-do-kit-gay/>. Acesso em: 09 out 2019.

EXAME. **Brasil fica em 2º lugar em ranking de ignorância sobre a realidade.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-fica-em-2o-em-ranking-de-ignorancia-sobre-a-realidade/>. Acesso em: 18 out 2019.

EXAME. **Fake news circulam mais rápido do que notícias reais, diz estudo.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/fake-news-circulam-mais-rapido-do-noticias-reais-diz-estudo/>. Acesso em: 10 jul 2019.

EXAME. **Haddad não criou o “kit gay”.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/haddad-nao-criou-o-kit-gay/>. Acesso em: 08 out. 2019.

FALLON, Claire. **De onde vem o termo *fake news*? Da década de 1980, ao que tudo indica.** Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/04/05/de-ondevem-o-termo-fake-news-da-decada-de-1890-ao-que-tudo_a_22027223/>. Acesso em: 18 nov 2018.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas.** São Paulo: Armazém da Cultura, 2018.

FILHO, C. U.; TORGA, V. L. M. Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). In: I CONGRESSO DE NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 2011, Vitória-ES. **Anais...** Vitória, 2011, p. 1-4.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Haddad tira Lula e reduz vermelho de material de campanha.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/haddad-tira-lula-e-reduz-vermelho-de-material-de-campanha.shtml>. Acesso em: 07 out 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Surto de febre amarela no Brasil é o maior da série histórica, desde 1980.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1853413-surto-de-febre-amarela-no-brasil-e-o-maior-de-serie-historica-desde-1980.shtml>. Acesso em: 16 out 2019.

FRANCISCO, Severino. **Sociedade da desinformação**. Disponível em: https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/sociedade_desinformacao.pdf. Acesso em: 08 mai 2019.

G1. **Boatos de Whatsapp sobre traficantes de crianças deflagram onda de linchamentos na Índia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/boatos-de-whatsapp-sobre-trafficantes-de-criancas-deflagram-onda-de-linchamentos-na-india.ghtml>. Acesso em: 16 out 2019.

G1. **É #fake que foto mostra estudantes nus fazendo manifestação dentro de universidade**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2019/05/20/e-fake-que-foto-mostra-estudantes-nus-em-universidade.ghtml>. Acesso em 29 mai 2019.

G1. **É #fake que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos**. Disponível em: https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fatooufake&utm_content=post&fbclid=IwAR2y136h8cPQ4Jfoxdd0sr7O64KdR45110x2WCIsVGcDbH7EBmwzF7FFHg. Acesso em: 02 out 2019.

G1. **Segundo meio de comunicação mais usado é a internet, aponta pesquisa**. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2014/03/segundo-meio-de-comunicacao-mais-usado-e-internet-aponta-pesquisa.html>. Acesso em: 27 mai 2018.

G1. **Três anos depois, linchamento de Fabiane após boato na web pode ajudar a endurecer lei**. Disponível em: <https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/tres-anos-depois-linchamento-de-fabiane-apos-boato-na-web-pode-ajudar-a-endurecer-lei.ghtml>. Acesso em: 16 out 2019.

G1. **TSE manda remover da internet vídeos de Bolsonaro com críticas a material contra homofobia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/16/tse-manda-remover-da-internet-videos-de-bolsonaro-contra-o-kit-gay.ghtml>. Acesso em: 03 out 2019.

G1. **TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 27 mai 2018.

GAÚCHA ZH. **MEC cortará verba de universidades que fazem “balbúrdia”, diz ministro.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/04/mec-cortara-verba-de-universidades-que-fazem-balburdia-diz-ministro-cjv3s3r1u02cs01ro3dkqrf0a.html>. Acesso em: 29 mai 2019.

HARARI, Yuval Noah. **21 Lições para o século 21.** São Paulo, Companhia das Letras: 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade.** Porto Alegre, L&PM: 2017.

HARRIS, Duchess. **The fake news phenomenon.** Minnesota, News Literacy: 2018.

ILLADES, Esteban. **Fake news: la nueva realidad.** México, Penguin Random House: 2018.

JM NOTÍCIA. **Cresce número de jovens que abandonam as igrejas nos EUA.** Disponível em: <https://www.jmnoticia.com.br/2019/09/30/cresce-numero-de-jovens-que-abandonam-as-igrejas-nos-eua/>. Acesso em: 07 out 2019.

JM NOTÍCIA. **Fama de pai do kit gay pode afastar ainda mais o eleitor de Haddad.** Disponível em: <https://www.jmnoticia.com.br/2018/08/23/fama-de-pai-do-kit-gay-pode-afastar-ainda-mais-o-eleitor-de-haddad/>. Acesso em: 07 out 2019.

JM NOTÍCIA. **Lula tem 39% das intenções de voto, diz DataFolha.** Disponível em: <https://www.jmnoticia.com.br/2018/08/22/lula-tem-39-das-intencoes-de-voto-diz-datafolha/>. Acesso em: 08 out 2019.

JM NOTÍCIA. **Malafaia defende Governo Bolsonaro e diz “para quem ele não presta”.** Disponível em: <https://www.jmnoticia.com.br/2019/09/27/malafaia-defende-governo-bolsonaro-e-diz-para-quem-ele-nao-presta/>. Acesso em: 07 out 2019.

LAIGNIER, Pablo. **Breve história dos computadores e do ciberespaço: uma abordagem conceitual.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Breve%20historia%20dos%20computadores%20e%20do%20ciberespaco.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2018.

LUPA. **#Verificamos: é falso que assessor do PT comprou carro de luxo dias antes do sorteio da Mega Sena.** Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/09/20/verificamos-assessor-pt/>. Acesso em: 25 set 2019.

MACEDO, Isabella. **Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro.** Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>. Acesso em: 09 mai 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MATSUKI, Edgard. **Flor Mahameru (Arya) do Himalaia só floresce a cada 400 anos foi encontrada #boato.** Disponível em: <https://www.boatos.org/ciencia/flor-mahameru-arya-himalaia-400-anos.html>. Acesso em: 25 set 2019.

MATTHEWS, Alice; POSETTI, Julie. **A short guide to the history of ‘fake news’ and disinformation.** Disponível em: https://www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation_ICFJ%20Final.pdf. Acesso em: 09 mai 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Agendamento para tratamento de dentes na Uninove - é fake news!** Acesso em: <http://www.saude.gov.br/fakenews/45669-agendamento-para-tratamento-de-dentes-na-uninove-e-fake-news>. Acesso em: 25 set 2019.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.): **Bakhtin: Conceitos-chave.** São Paulo, Contexto: 2017. p. 167-177.

MITO. In: **Dicionário Michaelis.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mito/>. Acesso em: 09 mai 2019.

O ESTADÃO. **Política é o principal assunto das fake news no Whatsapp.** Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,politica-e-principal-assunto-das-fake-news-no-whatsapp,70002825358>. Acesso em: 22 mai 2019.

NEWS. In: **Oxford: advanced learner’s dictionary.** New York, 2010.

NEWS. In: **Dicionário Michaelis.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/ingles-portugues-moderno/news/>. Acesso em: 24 set 2019.

NOVA ESCOLA. **Ainda tem dúvidas sobre o caso Bolsonaro?** Nova Escola Esclarece. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9937/ainda-tem-duvidas-sobre-o-caso-bolsonaro-nova-escola-esclarece>. Acesso em: 03 out 2019.

NY TIMES. **In washington pizzeria attack, fake news brought real guns.** Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/05/business/media/comet-ping-pong-pizza-shooting-fake-news-consequences.html>. Acesso em: 09 mai 2019.

PAGANOTTI, I.; SAKAMOTO, L.; RATIER, R. **Curso Vaza Falsiane.** Disponível em: <https://vazafalsiane.com>. Acesso em: 29 ago 2019.

PEREIRA, Maria da Conceição; SILVA, Tânia Maria da. **O uso da tecnologia na educação na era digital.** Saberes em Rede, CEFAPRO, Cuiabá/MT. Disponível em: <http://www.cefaprocuiaba.com.br/revista/up/ARTIGO%20IX.pdf>. Acesso em: 16 out 2019.

PIRES, V. L. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin.** Organon, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 35-48, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Dinaura Batista da. Excedente de visão: um olhar exotópico através das artes. In: Seminário de estudos linguísticos e literários da UFMT, 2013, Cuiabá. **Anais do I Semell.** Cuiabá: RevDia, 2013, p. 1-6.

SOARES, N. M. **A redação na prova do ENEM:** uma análise dialógica do discurso. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara.

SOARES, Tatiana. **Entenda a pirâmide invertida** – tipos 1, 2 e 3. Disponível em: <https://tatianassoares.wordpress.com/2015/08/13/entenda-a-piramide-invertida-tipos-1-2-e-3/>. Acesso em: 01 out 2019.

SOBRAL, Adail. **Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática:** novas reflexões. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, 2011.

SOBRAL, Adail. **O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito.** Bioethikos, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 121-126, 2009.

UTRERA, Laura. **Las valoraciones sociales y la voz. Un acercamiento al círculo Bajtín:** curso, 27-28 de jun. de 2019. 5 f. Notas de aula. Relatório.

TCE. **Artigo:** a pós-verdade da previdência social. Disponível em: <https://www.tce.ba.gov.br/noticias/artigo-a-pos-verdade-da-previdencia-social>. Acesso em: 16 out 2019.

VEJA. **Haddad é o candidato do Kit Gay**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/8220-haddad-e-o-candidato-do-kit-gay-8221/>. Acesso em: 04 out 2019.

VEJA. **TSE manda tirar do ar *fake news* de Bolsonaro sobre “kit gay”**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tse-manda-tirar-do-ar-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay/>. Acesso em: 08 out 2019.

VEJA SP. **A manchete que mexeu com São Paulo nos anos 70 – o bebê-diabo**. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/a-manchete-que-mexeu-com-sao-paulo-nos-anos-70-o-bebe-diabo/>. Acesso em: 16 out 2019.

VIEIRA, Maria Clara. **Jesus Cristo, o alvo favorito das *fake news* na história**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/jesus-cristo-o-alvo-favorito-das-fake-news-na-historia/>. Acesso em: 09 mai 2019.

VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula. **Letramento digital: o uso de tecnologias da informação e da comunicação no ensino da leitura**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

VOLÓCHINOV, V. N. (BAKHTIN, M.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica**. Disponível em: https://kupdf.net/queue/m-bakhtin-discurso-na-vida-discurso-na-arte_59d322b708bbc58a5a6871e3_pdf?queue_id=-1&x=1559226341&z=MTY4LjE4MS4zNy4yMDY=. Acesso em 30 mai 2019.

WE ARE SOCIAL. **Digital in 2019**. Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 02 out 2019.

GLOSSÁRIO

<i>Brexit</i>	“ <i>Brexit</i> ” é uma abreviação do termo <i>British exit</i> , que significa “saída britânica”.
<i>Deep fake</i>	Discurso construído por meio de imagem e vídeo, que se utiliza de inteligência artificial para produzir evidências falsas sobre assuntos variados.
Desinformação	Designa-se como o efeito ou a ação contrária à informação.
Exauribilidade	Qualidade de esgotável.
<i>Fact-checking</i>	Refere-se ao processo de checagem de fatos.
Inteligência artificial	Campo de pesquisa próprio das Ciências da informação que busca simular o raciocínio humano por meio de mecanismos tecnológicos.
Lide	Parte mais importante da notícia (1º parágrafo), capaz de situar e contextualizar o leitor à compreensão do assunto abordado.
<i>Link</i>	Do inglês, significa “elo”, “ligação”. Conecta a um outro endereço de <i>web</i> .
<i>Post</i>	Referente à “postagem”.
<i>Url</i>	Endereço de <i>web</i> .